

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, sob o jugo de grandes impérios, o povo do leste europeu sofreu com as diversas invasões que assolaram seu território, o que modificou diversas vezes as fronteiras territoriais e, conseqüentemente, também ajudou a modificar a fronteira étnica e identitária do povo eslavo. Diante desse contexto, que perdurou até o final do século XX, as fronteiras identitárias de países vizinhos como Ucrânia e Polônia¹ se fortaleceram fazendo com que se criasse um imaginário coletivo, onde imperou a hostilidade étnica entre esses dois grupos, hostilidade essa que resistiu à travessia do Atlântico e aportou em terras brasileiras.

Foi nesse contexto que os ucranianos e poloneses vêm para o Brasil e se estabelecem em diversas colônias, sendo uma delas no então criado município de Prudentópolis, no Estado do Paraná. O município recebeu uma grande leva de imigrantes, sendo que os ucranianos acabaram por ser a maioria da população desde a criação da colônia, no ano de 1896. Como maioria, os ucranianos mantiveram seus usos e costumes quase intactos ao meio externo, ainda mais por que em muitas das cidades vizinhas, como Guarapuava, Mallet, Rio Azul, Ivaí, dentre outras, o número de imigrantes ucranianos também era muito grande, possibilitando assim o relacionamento entre essas colônias, o que os auxiliava contra a hostilidade de quem não fazia parte do mesmo grupo étnico.

Quando falamos sobre imigração temos que ter a consciência de que estamos falando de nossas famílias e de nós mesmos, pois se buscarmos em nossas raízes vamos perceber que corre “sangue imigrante” em nossas veias. Por essa razão, podemos dizer que esse é um tema impossível de ser tratado de forma objetiva, pois sempre vamos deixar transparecer um pouco de nossos sentimentos e emoções.

A formação da identidade nacional brasileira deve-se, em grande parte, à diversidade étnica decorrente de séculos de imigração. Como conseqüência dessa

¹ Cabe lembrar que a Polônia foi um grande império e que dominou a Ucrânia no século XVI.

diversidade, e também graças aos casamentos interétnicos, podemos afirmar que a miscigenação e a assimilação que existiu e ainda existe são importantes fatores para a construção/trans formação da identidade nacional brasileira, e em diferente nível, também para a construção/trans formação da identidade prudentopolitana.

O município de Prudentópolis está localizado na região Centro-sul do Estado do Paraná, sendo que suas terras se encontram no chamado segundo planalto paranaense. Fica a uma distância de aproximadamente 230 quilômetros da capital paranaense e tem como maioria de sua população de 48 mil habitantes, descendentes de ucranianos, que ajudaram a transformar a região.

A presente pesquisa pretende estudar a cidade de Prudentópolis, Estado do Paraná, como local de sociabilidade, visto que pode-se perceber a presença massiva de imigrantes ucranianos e seus descendentes, bem como suas influentes co-relações de interesses para com os descendentes de poloneses e descendentes da pequena população que já habitava a região no período anterior à imigração.

Optou-se, como corte temporal para o presente trabalho, pelos anos de 1895 a 1950, período em que a imigração ucraniana foi mais intensa na região, mas tendo em vista que os efeitos dos processos de identificação podem ser sentidos até os dias atuais, há uma dilatação no corte temporal, transportando-o até os dias atuais.

De acordo com GOMES (1972), foi somente no início do século XX que uma grande leva de imigrantes ucranianos se estabeleceu definitivamente na região de Prudentópolis. Diante dos “diferentes”, os ucranianos buscaram uma fonte de elementos que lhes forneceram características capazes de diferenciar o grupo, de estipular uma fronteira étnica. Diante do “outro” encontrado em Prudentópolis, como os caboclos e os poloneses, os ucranianos se voltaram para a antiga pátria a fim de buscar elementos que os pudessem diferenciar dos demais povos da região, produzindo então sua identidade.

Os ucranianos fizeram-se valer da superioridade numérica para impor seus meios de identificação, fazendo que, concomitantemente, os caboclos e os poloneses que também habitavam a região assimilassem seus usos e costumes e,

deste modo, aceitassem suas representações de modo incontestável, sob a pena de sofrer com o pré-conceito adotado pelos imigrantes ucranianos.

Ao analisar o período proposto (1895-1950), percebe-se também que, sendo o elemento ucraniano o primeiro a chegar à região², esse teve privilégios, principalmente porque teve o direito de escolher as terras mais férteis, deixando para os poloneses e outros povos apenas as regiões mais acidentadas do município, o que ajudou o imigrante ucraniano a manter uma hegemonia econômica e, conseqüentemente, a sócio-cultural.

Diante das questões formuladas, a problemática da pesquisa consiste em estudar as representações coletivas no processo de colonização ucraniana no município de Prudentópolis, no período de 1895-1950, bem como a permanência de muitos valores culturais e sua influência no processo de identificação étnica e cultural do município, o que por muitas vezes bateu de frente com representações coletivas tanto de poloneses como da população local.

Para a compreensão desta problemática foram analisadas as seguintes fontes: pesquisa bibliográfica, onde foi analisado o que já havia sido produzido pelos historiadores regionais; pesquisa documental, buscando informações mais detalhadas sobre a vinda dos imigrantes; entrevistas, para compreender como o imaginário se faz presente no dia-a-dia das pessoas, bem como para compreender como o meio forja esse imaginário.

Segundo BACZKO (1985) é através dos imaginários sociais que uma coletividade designa sua identidade; elabora uma certa representação de si. É através do imaginário de uma sociedade que podemos identificar um vasto sistema simbólico que as coletividades produzem e através do qual elaboram os seus próprios objetivos.

Percorrendo a historiografia sobre o município de Prudentópolis, percebe-se que os historiadores locais teceram, em diferentes passagens, sínteses históricas do município, sem salientar a contribuição cultural dos povos que compõem o imaginário social da região. Percebe-se isso, claramente, em GOMES

² A imigração ucraniana é considerada a primeira grande leva de imigrantes a fixarem-se em Prudentópolis, mas ali já havia os caboclos e também algumas famílias de alemães que vieram quase uma década antes, mas que não somavam um número significativo.

(1972) que apenas faz uma síntese histórica do município de Prudentópolis, deixando de salientar a importância do povo ucraniano, suas crenças e lembranças. Vale deixar claro que esse é um livro comemorativo e que não foi escrito por um historiador, o que explica a falta de argumentos teóricos, mas que é de grande valia para percebermos que o ucraniano também fazia parte da política prudentopolitana, visto que muitos dos “vultos históricos” do município, como prefeitos e vereadores são ucranianos e seus descendentes que, naquele livro, são apresentados como o “motor” que ajudou para o progresso prudentopolitano.

Nessa mesma perspectiva, KORCZAGIN (1998) faz referência aos elementos mitológicos nos contos populares ucranianos, mas sem deixar claros os motivos que levavam esses ucranianos a crerem nessas alegorias. Também em PASTUCH (1998) encontram-se citações sobre ressurreição e eternidade nos contos ucranianos, mas sem elucidar se esses contos fazem parte do imaginário dos ucranianos instalados em Prudentópolis. Temos que pensar, porém, que esses contos auxiliaram a reconstruir a identidade ucraniana, pois traziam alegorias que eram identificadas como místicas pelos ucranianos e seus descendentes, e serviram como elemento de diferenciação entre ucranianos e os demais grupos étnicos que não conheciam tais contos.

Com base neste material e com a incursão na bibliografia histórica, pode-se analisar as diversas relações existentes entre os caboclos e os imigrantes no período de 1895 e 1950, e diante destas considerações pode-se perceber que o estudo do imaginário e das representações coletivas do povo prudentopolitano é sem dúvida um objeto da história, pois muito contribuirá para os diversos estudos históricos sobre a presença dos imigrantes ucranianos e suas co-relações com os demais povos instalados no Brasil.

Isso leva a crer que a abordagem proposta pela presente dissertação, principalmente levando em consideração a qualidade e o ineditismo das fontes, em muito contribuirá para a ampliação das pesquisas de cunho histórico acerca do imaginário que povoou e povoa a mente do povo prudentopolitano, no período proposto, sendo que a presente pesquisa não almeja tirar conclusões definitivas sobre o assunto, mas sim contribuir para futuras análises e discussões.

A metodologia que se aplicou a esta pesquisa foi a da “diminuição de escala”, proposta por REVEL (1998), que nos permitirá uma visualização detalhada das relações intersociais, buscando a valorização das estratificações e dos conflitos sócio-culturais como objeto de investigação, o que nos permitirá identificar as relações políticas, econômicas e religiosas do município de Prudentópolis.

O primeiro capítulo desse trabalho dissertativo se valerá de uma sucinta síntese histórica sobre a Ucrânia e Polônia, para que deste modo possamos compreender quais os motivos que levaram esses povos a deixar sua terra natal, bem como identificar os elementos que fizeram parte de um imaginário criado ainda em terras européias. Também é proposta dessa primeira parte do trabalho analisar e perceber quais os fatores que fizeram com que existisse a necessidade de migrar para outro país, e também a necessidade dos países em trazer imigrantes para seu território, o que acarretará em constante conflito entre a identidade nacional do imigrante e a identidade do país receptor e seus habitantes.

A proposta do segundo capítulo é a de trazer todos esses conflitos identitários para dentro do município de Prudentópolis, para que possamos, enfim, perceber como a formação da identidade prudentopolitana teve influência decisiva no período da imigração massiva de ucranianos e poloneses para o município, bem como perceber os conflitos existentes entre grupos “diferentes”.

O terceiro capítulo trata dos usos e costumes de poloneses e ucranianos, mostrando suas tradições e suas diferenças.

O quarto capítulo nos mostra como é viver em constante contato com o “outro”.

PARTE 1: Do leste europeu ao Paraná: trajetórias de ucranianos e poloneses ao Brasil

Chegando ao final do século XIX, os ucranianos e poloneses continuavam arraigados nas terras dos seus ascendentes, localizadas ao norte do Mar Negro, mas os impactos de vários movimentos e ocorrências da vida moderna impeliram indivíduos isolados e grupos inteiros a deixar suas terras, emigrando para além das fronteiras de seu país de origem.

Em cada um desses movimentos migratórios tanto os ucranianos quanto os poloneses se estabeleceram em lugares diferentes, com costumes diferentes, climas diferentes, e em cada movimento pôde-se notar que a identidade étnica desses grupos também se modificou. Além disso, podemos afirmar que a transformação dessa identidade não pode ser identificada de forma homogênea em todos esses lugares onde eles se estabeleceram, pois existe a influência decisiva do meio externo que pode ser mais receptor ou mais hostil. Essa afirmação torna necessário o estudo de cada um desses processos, pois um único estudo não pode ser tomado como paradigma da migração ucraniana e polonesa pelo mundo.

Temos que perceber, também, que o fenômeno migratório desses grupos não aconteceu apenas nos períodos economicamente críticos como na depressão econômica do final do século XIX que assolava esses países, ocasionada pela escassez de terra, tanto que, após a Primeira Grande Guerra deu-se um novo êxodo para o ocidente, dessa vez por razões políticas e bélicas. Mesmo assim, alguns grupos se aventuram, saindo clandestinamente de seus países, e na maioria das vezes trocando de sobrenomes e se fazendo passar, ora por poloneses, ora por austríacos e até mesmo como russos para que desse modo pudessem se deslocar com segurança pelos países vizinhos até que encontrassem o momento propício para a emigração.

A emigração para o Brasil, em grupos mais numerosos, iniciou-se no século XIX, mas foi no início do regime republicano brasileiro o movimento emigratório se

intensificou, pois foi com o decreto do Governo Provisório, baixado em junho de 1890, que tinha por objetivo regular a entrada de imigrantes em terras brasileiras, sendo que nesse momento o governo brasileiro distribuía, aos recém chegados, lotes de terras nas colônias estabelecidas pelo Governo Federal.

A imigração era um investimento bastante compensador, porque além do imigrante representar capital de trabalho, também era portador de bens culturais que ajudariam a formar a identidade nacional que o governo brasileiro tanto almejava.

Os imigrantes vieram animados pelas promessas que lhes foram feitas, mas perceberam, tardiamente, que haviam sido iludidos pelos agentes de imigração, mas visto a necessidade de emigrar, conseqüência das dificuldades que estavam passando em suas terras de origem, esses imigrantes logo perceberam que o Brasil seria a sua “casa” por toda vida.

CAPÍTULO I

CONHECENDO O LESTE EUROPEU: UM POUCO DA HISTÓRIA DA UCRÂNIA E DA POLÔNIA

Para uma melhor compreensão do propósito do presente trabalho dissertativo, e para uma futura compreensão da transformação identitária dos ucranianos e poloneses em Prudentópolis, é necessário uma sucinta síntese histórica sobre esses países, visto que a construção/transformação da identidade étnica ucraniana e polonesa é consequência das situações vividas ainda no velho continente.

Neste capítulo será abordado o aspecto geral da Ucrânia e da Polônia, levando em consideração tanto fatores geográficos, como históricos, que serviram de condicionantes para a imigração ucraniana através do mundo.

1.1 – ASPECTOS GEOGRÁFICOS E HISTÓRICOS DA UCRÂNIA E DA POLÔNIA

Não se pode falar dos ucranianos e nem da Ucrânia sem situá-la no contexto da época em que os conflitos eram iminentes e as guerras se tornaram inevitáveis. Para tal, torna-se necessário conhecermos, antecipadamente, um pouco da história dos povos que habitaram a região do atual território da Ucrânia, bem como os países que subjugarão o povo ucraniano. É extremamente difícil visualizar o território ucraniano sem nos prendermos aos processos históricos decorrentes de séculos de transformações econômico-sociais, visto que esse território sempre foi cobiçado pelos países vizinhos por causa da fertilidade do solo ucraniano.

Possuindo uma área de 603.700 quilômetros quadrados, a Ucrânia é o segundo maior país da Europa³, ficando atrás apenas da Rússia. Seu território está situado entre o mar Negro e o de Asov, fazendo parte da região centro-oeste

³ Vale ressaltar que a área territorial correspondente à região pertencente à Ucrânia foi alargada e reduzida em diferentes épocas, mas a localização geográfica é a mesma ocupada por seus antepassados há milênios.

suas singularidades culturais, criando ou transformando seu modo de se relacionar com os outros⁴.

Durante séculos, a Ucrânia resistiu às investidas bélicas de diversos povos que tentavam subjugar sua população, o que certamente ajudou a criar e a transformar a identidade étnica e nacional do povo ucraniano. A criação dessa “nova” identidade não aconteceu em um pequeno período de tempo, mas durou centenas de anos, o que torna necessário que remontemos esse quebra-cabeça histórico para que possamos entender melhor esse fenômeno.

A construção da identidade ucraniana foi formada e influenciada por diversos fatores, tais como: a localização geográfica, visto que o território ucraniano se encontrava no cruzamento das rotas leste-oeste, mantendo constante contato com os povos nômades, o que resultou, conseqüentemente, nas invasões de povos bárbaros; condições climáticas específicas, que resultavam num solo propício para o plantio e por isso cobiçado por muitos, por exemplo, pelos bárbaros e principalmente pelos grandes impérios da época.

Conforme IVANCHICHEN (2002), a Ucrânia abrange uma área de “tchornozen⁵”, que é de suma importância para a agricultura e sempre movimentou a economia nacional ucraniana.

Essas ocorrências, por muitas vezes complexas, na história da Ucrânia, nos ajudam a entender, ou pelo menos compreender quais os fatores que levaram à criação de um imaginário coletivo, muitas vezes voltado para a desconfiança em relação ao outro e de temores para com o diferente.

1.1.1 Ucrânia: A História

Antes de tentarmos fazer uma análise da identidade étnica ucraniana, devemos primeiramente compreender o que se passou com a Nação Ucraniana, pois, com isso, podemos compreender os discursos, ora nacionalistas, ora

⁴ Para uma melhor compreensão ver capítulo II.

⁵ “Tchornozen” é uma região de terras negras que é considerada a mais rica do continente europeu.

impostos pelos dominantes, que determinaram a formação/transformação⁶ dessa identidade.

De acordo com KUSMA (2002), a origem do povo ucraniano remonta a cerca de 3.000 anos antes da era cristã, na chamada “Cultura de cerâmica pintada”, que foi descoberta na Ucrânia no ano de 1880. Mesmo de posse dessa informação é extremamente difícil datar o início da formação histórica ucraniana, visto que são diversas as hipóteses que remontam esse período, sendo que muitas delas não possuem fontes suficientes ou confiáveis para que possamos fazer uma análise concreta da formação do povo ucraniano.

A mais difundida entre historiadores, porém, é a hipótese levantada por BURKO (1963), que diz que os primeiros habitantes da região, que mais tarde se tornaria a Ucrânia, eram os Citas⁷, porém, não existem dados que confirmem que realmente foram os Citas que deram origem ao povo eslavo, que daria origem não só ao povo ucraniano, mas a diversos outros como os russos e os poloneses. Os eslavos eram grupos de pessoas e famílias que acampavam perto de florestas e pântanos no território que hoje abrangeria a região onde se localiza a Polônia, a Rússia e a Ucrânia. Nessa região, os eslavos criaram pequenos estados efêmeros, que mais tarde formariam a Eslováquia, Eslovênia, Croácia, Hungria, Macedônia dentre outros.

A partir do século VII, por causa de dificuldades em manter as terras sob seus domínios, ocorre o processo de unificação entre sete tribos eslavas. Essa unificação foi importante para a formação de um Estado forte e compacto, chamado de Estado da Rus’ de Kyiv que se estendeu desde os montes Carpatos até o Rio Volga. A Rus’ de Kyiv foi de grande influência político-econômica na Europa, devido aos seus contatos com o império Bizantino, Polônia, Boêmia,

⁶ Quando me refiro a uma formação/transformação da identidade, estou fazendo uma tentativa de compreender que a identidade ao mesmo tempo em que está sendo transformada por discursos e temores, toma outros aspectos que fazem com que ela pareça estar se formando novamente, adquirindo aspectos diferentes dos habituais, confundindo o que é tradicional com o que é novo e que não faz parte de seus meios de identificação, é algo emprestado. Notamos que nenhuma identidade é construída por completo, mas ela é a transformação de outras identidades já envolvidas por todo um processo globalizante e que precisam se adequar às necessidades desse mundo que muda cada vez mais rápido.

⁷ Os Citas eram um povo nômade que migrou da Ásia no século VIII a. C., eram salteadores que vieram a se tornar senhores de terras nas estepes européias.

Hungria, Bulgária e Escandinávia, tornando-se assim um mediador entre os grandes impérios da época.

A formação do Estado de Kiev é atribuída a diversos príncipes da dinastia dos Ruricovytsch, que é de origem normanda, sobretudo. É durante o reinado de Oleh Ruricovytsch (874 – 914), que os limites do Estado de Kiev foram alargados, passando a se estender desde o rio Don, a leste, até os Carpatos, a oeste, aumentando assim seu território até as duas margens do rio Dnipró. Os limites do território ucraniano não paravam de crescer, pois os sucessores de Oleh continuavam alargando as fronteiras, fazendo com que a Ucrânia se tornasse um dos mais vastos impérios da época.

Nesse processo, o ucraniano se vê fazendo parte da mais alta aristocracia européia, visto que a Ucrânia tinha um papel fundamental na conjuntura dos grandes impérios da época. Com esse lugar visível dentro do cenário mundial, os ucranianos começaram a se distanciar de seus vizinhos, distância essa que aumentou com a aproximação com o Império Bizantino, o que resultou em constantes contatos e acordos com esse poderoso império, fazendo com que a Rainha Olga⁸, viúva do príncipe Igor, abandonasse o paganismo e adotasse o cristianismo como religião, influenciando a população ucraniana para que também o fizesse, pois deste modo poderia estreitar as relações com o Império Bizantino.

Nota-se que essa transição do paganismo para o cristianismo foi de suma importância no que diz respeito à transformação da identidade ucraniana, pois partiu de uma relação de interesse entre dois grandes impérios, o que resultou numa transformação identitária que pode ser vislumbrada em diversas partes do mundo onde houve a imigração ucraniana, inclusive no Brasil, não sendo uma exceção o caso de Prudentópolis, onde podemos notar uma grande devoção ao catolicismo.

Foi, porém, no ano de 988 que o príncipe Volodymir⁹ o Grande (Santo Valdomiro) batizou a Ucrânia¹⁰ e, depois de desposar Anna, irmã do imperador bizantino, converte-se ao cristianismo, tornando-o a religião oficial do Estado.

⁸ Foi a primeira mulher que ocupou o principado e a primeira princesa que, no ano de 955 d.C., batizou-se na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, e na fé Ortodoxa.

⁹ O grão-príncipe Volodymyr era neto da princesa Olga.

Segundo consta na historiografia, Iaroslav, o sábio, foi o sucessor de Volodymir. Foi ele que reedificou Kiev, construindo igrejas, entre elas a Catedral de Santa Sofia, tornando a capital uma grande metrópole. De acordo com PIMENTEL (1998), o maior feito realizado por Iaroslav foi a codificação das leis existentes na Ucrânia – *Ruska Pravda*¹¹ – que foi de suma importância para que a Ucrânia interagisse com diversos países e impérios, inclusive o Bizantino.

Com a morte de Iaroslav (1019-1054), o Estado de Kiev começa a decair, pois as constantes invasões de povos asiáticos desencadearam uma guerra para a conquista do trono, tornando insustentável a manutenção da ordem dentro do Estado. Enfraquecida, a capital Kiev foi tomada e destruída pelas hordas Mongóis, o que significou a queda da Rus' de Kiev, e também da hegemonia ucraniana na região, obrigando assim que a vida política e cultural da Ucrânia fosse transferida para faixa mais ocidental de seus domínios, mais precisamente para a região que compreende a Galícia e a Volynia.

Sob o domínio dinástico, houve várias mudanças no que diz respeito às fronteiras da Ucrânia, sejam elas territoriais ou até mesmo identitárias. Devido a essas constantes mudanças fronteiriças, foi criado o principado da Galícia-Volynia que, sob o governo de Daniel, defendeu a cultura herdada de Kiev e se tornou o principal ponto de resistência contra as invasões asiáticas. Foi sob o governo de Daniel que foi fundada a cidade de Liev (cidade dos leões), a qual serviu de capital do império durante seu domínio.

As hordas tártaras continuavam invadindo, devastando e paralisando o desenvolvimento cultural e político da Europa ocidental, impedindo a reconquista da independência ucraniana, que teve suas terras invadidas e divididas. A Polônia

¹⁰ Durante boa parte da Idade Média, a Ucrânia era chamada de Ruthenia e era constituída por diversos principados. Em consequência, os ucranianos eram chamados de rutenos, que é uma forma latinizada de “russo”. Essa designação “persegue” os ucranianos até os dias de hoje, que não gostam de serem chamados dessa maneira, considerando-o um termo pejorativo. O termo “rutheno” funciona como um mecanismo de combate à fronteira étnica, visto que ele tende a homogeneizar os povos eslavos, fazendo com que os ucranianos, poloneses e russos pareçam um único povo.

¹¹ Que foi o primeiro Código de leis escrito no mundo eslavo.

anexou a Galícia¹², a Lituânia ocupou a Volynia, e os demais territórios ficaram sob o jugo estrangeiro. A Polônia adquiriu, com a união de Lublin (1569), o direito sobre todas as terras que antes pertenciam à Ucrânia, submetendo-a a um acelerado processo de polonização que mais tarde geraria uma relação hostil entre as duas etnias, hostilidade essa que seria sentida em diversas partes do mundo, graças ao imaginário coletivo criado.

De acordo com PIMENTEL (1998), nem a Polônia nem a Lituânia tinham condições de proteger os ucranianos que eram constantemente invadidos pelos tártaros mongóis. Foi por essa razão que o povo ucraniano organizou sua defesa, ergueram-se camponeses, pescadores e caçadores armados, se organizando em defesa dos ideais ucranianos. Eram chamados de Kosaky (cossacos), que significa livres guerreiros. Segundo KUSMA (2002), estes homens, desejando uma vida livre e independente, foram para as estepes do baixo Dnipró, no qual se organizaram e construíram uma fortaleza, chamada de Zaporoz'ka Sitch¹³.

Os principais levantes dos cossacos eram contra a opressão polonesa, que além de oprimir e explorar tratava os ucranianos com desprezo. O Estado cossaco era quem organizava incursões militares em defesa do povo ucraniano e, em 1648, os ucranianos derrotam os poloneses e conseguem estabelecer sua independência que, no entanto, teria curta duração, pois os cossacos foram traídos pelo czar russo que assina um acordo com os poloneses, resultando assim numa nova partilha das terras ucranianas.

O conflito entre os latifundiários e os camponeses chegou ao ponto de os nobres poloneses exigirem dos camponeses indenização pelos prejuízos causados pela emancipação.

No entanto, o estado cossaco tinha dificuldades para manter sua soberania, pois os poloneses e os turcos hostilizavam suas fronteiras. Além disso, os

¹² A Galícia era um principado autônomo, cuja capital era Khalitch. Teve um elevado desenvolvimento durante o período de Iaroslav (1152-1187), contudo as dissidências entre a nobreza local, tiveram como consequência a anexação da Galícia pelo principado da Volynia.

¹³ As Zaporoz'ka Sitch eram na verdade muralhas onde se cavavam valos e construíam-se bases para os canhões. Ao lado dessas muralhas eram construídos casebres denominados Kúrene que serviam de refúgio para os cossacos, que eram obrigados a ter seu próprio cavalo e suas próprias armas.

cossacos também eram constantemente reprimidos pelo Czar moscovita, bem como pelos tártaros que ambicionavam o território do Estado cossaco.

Mesmo sob a tutela do Czar russo, no início do século XVIII, o Estado ucraniano não resistiu às pressões externas e foi liquidado pelos Moscovitas que aprontaram uma chacina contra os ucranianos. A liquidação do Estado ucraniano foi realizada durante o reinado de Catarina (1729-1796), que expande o império russo e coloca os ucranianos, dominados antes pela Polônia, sob o domínio russo-austríaco, sendo que boa parte das terras férteis foram destinadas aos grandes aristocratas russos, o que fez com que muitas famílias ucranianas ficassem sem terra para prover seu sustento.

Sem opção de trabalho fora da agricultura, os ucranianos se viram obrigados a permanecer presos à terra, na alternância do cumprimento de direitos de obrigações servis. As obrigações eram devidas aos nobres, que detinham o domínio, ao Estado e à Igreja.

A invasão russa em 1782 foi um outro grande agravante para a transformação da identidade ucraniana, visto que o novo regime cercou e oprimiu as manifestações culturais, especialmente as religiosas e lingüísticas da população ucraniana, que durante muitos anos mantinha seus costumes e manifestações culturais a salvo da aculturação a qual estavam sendo submetidos. Os poetas foram proibidos de pronunciar e publicar seus livros, pois, geralmente, seus poemas eram contra a soberania russa e a adoção de um novo estilo de vida onde a liberdade lhes havia sido surrupiada. O poeta Tarás Chewtchenko é um exemplo, pois usava palavras que estimulavam à resistência à invasão russa, ficando conhecido mundialmente e recebendo homenagens em todo canto do mundo. Em seus versos ele clamava:

“*Levantai, rompei os grilhões...*”

Pagou alto preço pela sua rebeldia contra o império, passando, por isso, a maior parte da sua vida em prisões. Seus clamores pelos velhos tempos podem ser percebidos no poema que segue:

*“Ainda sonho: a casa branca entre os salgueiros,
sobre a água ao pé do monte*

*Junto ao lar está um velho de prateadas cãs,
Um menininho ao seu lado – um lindo neto cacheado
brinca com sua barba e ri.*

*Ainda sonho: sai alegre
A jovem mãe resplandecente e
Beija o velho, tão feliz.
Três vezes beija seu filhinho,
Toma no braço com risinho,
Leva-o e põe para dormir.*

*E o velho pensa murmurando:
-Aonde foram os maus anos, os tempos pérfidos, hostis?
E o “Padre Nosso” lê baixinho, “Pelo sinal da Santa Cruz...
O sol se deita sobre o rio,
A noite apaga o céu azul,
Tudo se aquieta. E a família
Vai repousar no lar, tranqüila.¹⁴ (original em ucraniano)*

Poetas como Tarás Chewtchenko apareciam constantemente com o término do estado cossaco, e foram eles que estimularam o povo ucraniano a manter a cultura e a identidade ucraniana, fazendo com que elas renascessem com mais força, incitando o povo ucraniano para uma consciência nacionalista que visasse a libertação do domínio russo.

Segundo PIMENTEL (1998), ocorreram na Ucrânia, em pleno século XIX, movimentos de libertação e nacionalismo, o que fez com que em diversos lugares do território usurpado, ocorressem rebeliões. Mas somente no ano de 1905, depois de diversos levantes de rebeldes ucranianos, foi que a Rússia viu-se enfraquecida, tornando possível que depois de longos anos, os ucranianos reconquistassem o direito de publicar suas manifestações na sua língua materna.

Devido a essas constantes rebeliões, que se estenderam até o início da Primeira Grande Guerra (1914), a Ucrânia foi proclamada Estado autônomo e, em 1918, as populações ucranianas do Império Austro-Húngaro como a Galícia, Bucovina, dentre outras, conseguem autonomia e formam a República Autônoma Ocidental, que em 22 de janeiro de 1919 se une à República Popular da Ucrânia.

Essa situação se manteve inalterada até que durante a Primeira Grande Guerra, sob o domínio dos soviéticos, o povo ucraniano perde todos os direitos

¹⁴ SELANSKI, Wira. **Viburno Rubro – Antologia da Literatura Ucraniana dos seus princípios até 1950**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1977. p. 38.

antes adquiridos, e aqueles que lutavam contra a tirania comunista foram levados às prisões. Com o fim da Primeira Grande Guerra e com a queda do Império Austro-Húngaro, as terras foram divididas entre a Polônia, a Tcheco-Eslováquia e a Romênia, ficando o povo ucraniano mais uma vez sob o domínio estrangeiro. A independência da Ucrânia Central acaba sendo anulada pelo tratado de Riga, de 1921, e, em 1924, a República Ucraniana é anexada à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, ficando envolta pela “cortina de ferro”, à qual os países, agora socialistas, foram submetidos.

A situação já estava descontrolada em 1932, quando milhares de camponeses são desapropriados, pois a política de coletivização forçava os camponeses a entregar suas terras para que elas fossem divididas entre os necessitados. Essa política expulsou diversas famílias de suas propriedades, que sem ter pra onde ir, e com medo da repressão, acabam fugindo de sua terra e até mesmo do seu país. Nos dois anos que seguiram a essas desapropriações morreram mais de sete milhões de ucranianos, sendo eles revoltosos ou simples camponeses que não queriam deixar suas terras.

Ainda sofrendo com a opressão soviética, em 1938, a Ucrânia é invadida pela Alemanha que, em 1939, anexou ao seu território a Ucrânia Carpática. Assim, com algumas exceções, os ucranianos passam para a tutela soviética já que a Romênia cedeu a Moscou boa parte do território que estava em seu poder.

Para dar continuidade às lutas nacionalistas que tentavam manter a identidade ucraniana e para tentar reaver seu país livre, cria-se a OMU (Organização dos Militares Ucranianos), que é formada, na sua maioria, por jovens guerrilheiros. Essa organização luta pela nova independência ucraniana, mas desta vez as revoltas e rebeliões ocorrem em terras ocupadas pela Polônia, Romênia, Tcheco-Eslováquia e na própria República Soviética. Esse movimento é reprimido com o início da Segunda Guerra Mundial, pois a Hungria, associada à Alemanha, invade a Ucrânia¹⁵ e a Polônia, anexando a Galícia à República Socialista Soviética da Ucrânia; a Romênia devolve a Bessarábia e Bukovyna que

¹⁵ Com a invasão da Ucrânia, cerca de oito milhões de ucranianos foram mortos, o que representava a significativa marca de 25% da população do país.

também passam a fazer parte da república soviética. Em 1941, a URSS é invadida pela Alemanha, sendo a república ucraniana a primeira a ser ocupada e devastada.

Na tentativa de iniciar uma retomada de poder na Ucrânia, em 1941 a Organização dos Nacionalistas Ucranianos proclama a independência em Lviv. Esse movimento leva os líderes à prisão, e sem direito ao julgamento eles são enviados aos campos de concentração, de onde poucos saíram vivos. Os movimentos de resistência continuam, mas os inimigos parecem se multiplicar, e dessa vez o povo ucraniano luta contra dois invasores; a Rússia comunista e a Alemanha nazista.

Com o término da segunda grande guerra, a luta pela independência da Ucrânia continua, pois mesmo com a derrota de seus invasores, o cerco feito pela URSS continua, dessa vez ainda mais forte, visto que, com a quase total destruição da República Socialista, havia a necessidade de reconstruir o velho continente, tarefa que pesou principalmente sobre as nações subjugadas que se viram cercadas pela “cortina de ferro”.

A repressão foi forte e cruel e milhares de ucranianos são enviados para os gulags¹⁶ da Sibéria, de onde poucos voltavam com vida.

A situação sob a qual o povo ucraniano esteve envolvido fez com que houvesse o interesse de buscar outros objetivos, outros meios de viver em uma situação diferente da que eles viviam em seu território. O sentimento de perda causado pelo desprendimento da terra foi “amenizado” pelas constantes invasões e mudanças das fronteiras territoriais e, conseqüentemente, identitárias, da Ucrânia e do seu povo, pois o sentimento de amor à terra já havia sido retirado do seu ser. O objetivo traçado por alguns ucranianos seria então buscar novos horizontes e novas perspectivas, e era isso que as políticas imigratórias de diversos países estavam lhes proporcionando.

1.1.2 Polônia: A História

¹⁶ Os gulags eram campos de concentrações na antiga União Soviética, sendo que os da Sibéria eram verdadeiras prisões de gelo, onde a baixa temperatura era uma tortura para os presos. As baixas temperaturas na Sibéria impediam qualquer tentativa de fuga, pois os fugitivos com certeza morreriam por causa do frio intenso.

A história da Polônia, como estado unitário, começa no século X da era cristã, mais precisamente sob o reinado de Mieszko I, soberano da estirpe do Piast, que desde seu reinado oficializou o cristianismo como religião do Estado polonês. Seu território sofrera com as diversas invasões dos povos bárbaros e, como consequência, teve suas fronteiras modificadas nesse período que somou quase um milênio de história.

O cristianismo, adotado pela Polônia, foi umas das principais características que auxiliaram na construção de uma identidade étnica diferente da de seus vizinhos, como a dos ucranianos, por exemplo. A Polônia adotou o ritual ocidental do cristianismo, sendo que os principais países do leste europeu adotaram o ritual disseminado pelo império bizantino.

É no século XVIII que a história da Polônia mais se assemelha com a situação dos demais países do leste europeu, visto que a Europa estava submissa a um modo de trabalho voltado quase que exclusivamente à terra, o que fez com que esse período fosse marcado por conflitos e guerras que tinham como objetivo a conquista de domínios territoriais. A Polônia também se via fazendo parte desse contexto, visto que, como grande potência da época, agregou vários territórios, inclusive a região da Galícia, antes pertencente à Ucrânia. Resultado disso, bem como das relações de hostilidade entre ucranianos e poloneses, foi a intensificação da tensão social entre esses dois grupos, principalmente em meados do século XIX, pois a nobreza latifundiária, de maioria polonesa, continuava detendo o poder instituído como proprietários de terras. Ao camponês restava viver na opressão, na violência e na ignorância, sem perspectiva para si, nem para seus filhos.

A Polônia do século XIX, porém, também se viu nessa mesma situação, pois num momento de depressão econômica teve seu território dividido entre três grandes potências ocupantes: Áustria, Prússia e Rússia.

Pressionados pelo poder decisório das potências ocupantes, cujo objetivo era permanecer dominante economicamente, socialmente e politicamente sobre o território polonês, os poloneses sofreram com perseguições extremas. Na parte do território ocupado pela Prússia, mais tarde integrada à Alemanha, os poloneses

foram obrigados a utilizar a língua alemã, tanto nas escolas normais e secundárias, quanto na administração e magistratura. Como consequência, os cargos públicos foram ocupados exclusivamente por alemães, que como primeiro decreto substituíram os nomes poloneses existentes na toponímia, ruas e praças.

Quanto à religiosidade,

o processo de germanização atingiu a Igreja. Foram proibidos os sermões em polonês, bem como o ensino do catecismo nesta língua, o que resultou na prisão e exílio de diversos bispos. As congregações religiosas foram proibidas, os conventos fechados e centenas de padres aprisionados. (WACHOWICZ, 1981:25)

Existia na Polônia uma divisão de classes sociais bastante nítida. No campo se destacavam os Kmiec, que não chegavam a ser latifundiários, mas que concentravam consideráveis extensões de terras. Estes tinham melhores condições de vida e sobressaíam sobre as demais categorias aldeãs. Os chalupniki eram pequenos fundiários que constituíam a maior parte da população polonesa. A maioria desses pequenos proprietários possuía cerca de 2 a 3 hectares de terra, o que não era suficiente para manter toda a família, obrigando, assim, os poloneses a empregarem-se como trabalhadores braçais nos folwark, que eram grandes propriedades. Na base da pirâmide social aldeã encontravam-se os trabalhadores rurais que nada possuíam, a não ser a força de trabalho.

Segundo WACHOWICZ (1981), quando essas classes eram reunidas, na igreja, por exemplo, elas mantinham uma certa distância entre si, sendo que quanto mais elevado o nível social, mais próximo ao altar tinha direito de ficar.

Ordenados a obedecer ao poder decisório das potências ocupantes, que na realidade queriam exterminar com o que foi o território da Polônia e com os poloneses, os grandes proprietários, geralmente russos, perseguiram os pequenos proprietários poloneses até o momento que decidissem vender suas terras.

1.2 IMIGRAÇÃO, PROBLEMA OU SOLUÇÃO?

Desde sua descoberta até os dias atuais, a história da América está intimamente ligada e marcada pelas constantes migrações humanas, oriundas de

todos os cantos do mundo. Esses processos migratórios estão relacionados com diversos fatores, tanto de atração, quanto de repulsão que são responsáveis pela motivação de grupos ou indivíduos a deixar sua terra natal e irem em busca de novos objetivos. A imigração muitas vezes pode ser justificada pela dualidade existente entre terra e mão-de-obra, mas ela também é causada pelos desprendimentos emocionais para com a terra deixada para trás. Para compreendermos um pouco mais das transformações ocorridas no imaginário e na identidade dos imigrantes e seus descendentes, temos que entender o que foi que aconteceu e quais as dificuldades encontradas pelos que se arriscavam em partir da sua terra e a se aventurar em uma terra desconhecida.

O processo imigratório envolvendo grupos e nações, sempre esteve relacionado com as necessidades individuais e coletivas como também com os temores que assombravam essas coletividades.

De acordo com TRINDADE (1995),

Uma das características fundamentais da história da humanidade é a sua permanente mobilidade: por decisão própria, ou porque a tal efectivamente (sic) forçada pelas circunstâncias; individualmente e em pequenos grupos ou, pelo contrário, em gigantescos êxodos envolvendo nações inteiras (...) as migrações têm, ao longo da História, disseminado raças, culturas, línguas e religiões, por vezes a milhares de quilômetros do respectivo berço original.¹⁷

Fomentadas pela urgência em estender os impérios, agora transformados em nações, as grandes potências resolvem aumentar o fluxo de seu capital, “descobrimo” novas terras em todo o globo terrestre. É desse modo que vai acontecer a colonização da América, iniciada por portugueses e espanhóis continuada, sobretudo, por franceses e ingleses, e que certamente serão elementos condicionantes para as futuras migrações através de todo o globo terrestre, inclusive ao continente americano.

Podemos considerar os séculos XIX e XX como marcos históricos quando nos referimos à migração populacional para a América que, logo após os movimentos de independência, aumentaram de forma contundente, visto que os

¹⁷ ROCHA – TRINDADE, Maria Beatriz. *A Emigração Portuguesa no Quadro das Migrações Internacionais*. In: Sociologia das Migrações. Lisboa. Universidade aberta.

países recém independentes sentiram-se obrigados a manter sua hegemonia política, bem como suas fronteiras.

O esforço para a manutenção das fronteiras pode ser vislumbrado de forma mais clara quando estudamos o caso do Brasil no período que segue logo após sua independência, onde a desordem intensificava-se, obrigando assim o governo imperial a colonizar de forma ordeira todo o território brasileiro, ou pelo menos os lugares de constantes invasões.

Conforme BALHANA (1989),

ao longo do século XIX e parte do século XX, os governos das jovens nações americanas adotam como prioridade número um, promover a ocupação efetiva de seus territórios, considerada necessária não apenas para garantir a soberania nacional como para a sua valorização econômica. Para o cumprimento desse objetivo, a imigração passou a ser vista como componente essencial para o preenchimento de vazios demográficos.¹⁸

Existe então a necessidade de povoar as áreas ainda inexploradas, visto que havia a necessidade de resguardar limites e fronteiras. De acordo com TRUDA (1930:03), “*Na América, governar é povoar*”. Seria essa então, a melhor maneira (de acordo com o governo imperial) de se manter a hegemonia política e territorial do Brasil Imperial.

A imigração então seria justificada, num primeiro momento, pela necessidade de povoar pontos estratégicos do território brasileiro, com o intuito de guarnecer as fronteiras do império.

O isolamento entre os povos americanos também era uma preocupação do império que já buscava uma identidade própria, o que fazia aumentar o medo de que a identidade luso-brasileira fosse corrompida pela identidade hispânica dos países vizinhos, bem como de outros invasores europeus. Havia então a necessidade urgente de ocupar o território, de criar mecanismos que atraíssem um grande contingente populacional para ocupar, colonizar e guarnecer o território brasileiro.

¹⁸ BALHANA, Altiva Pilati. Política imigratória no Brasil, antes e após a proclamação da República. In: WESTPHALEN, Cecília e BALHANA, Altiva. Revoluções e Conferências. Curitiba: SBPH-PR, 1989, p. .

A solução seria aproveitar as constantes lutas envolvendo a relação terra e trabalho existente no território europeu, o que acabou tornando o “Novo Mundo” um verdadeiro paraíso para as futuras migrações. Conforme KLEIN (2000), “na Europa, a terra era cara e a mão-de-obra, barata. Na América, a terra era abundante e estava disponível. Entretanto, a mão-de-obra era escassa; portanto cara.”(Klein, 2000:15)

Essa preocupação já havia ocorrido no período anterior, quando, com o intuito de estimular a vinda de imigrantes, o regente Dom João VI permitiu a concessão de terras aos estrangeiros que tivessem o interesse de emigrar para a colônia. O Decreto de 25 de novembro de 1808 estabeleceu novas diretrizes para a legislação sobre a posse de terra no Brasil, e é no sentido de concessão de terra que o governo brasileiro investe numa propaganda imigratória.

Segundo HORBATIUK (1989) é a partir do decreto de 25 de novembro de 1808 que o príncipe regente inicia a política de imigração que tem como finalidade:

- Criar uma agricultura diversificada, a homens livres, donos de pequenas propriedades;
- Promover o progresso comercial e industrial do país, pelo aumento de sua população;
- Fortalecer a segurança nacional pela criação de um exército capacitado e estruturado;
- Criar uma classe média de homens livres.

Percebemos que a proposta do governo português era a de manter uma boa relação entre a mão-de-obra e terras, para que desse modo pudesse distribuir a população por todo o território da colônia.

Essa relação entre escassez de mão-de-obra e abundância de terras vai se tornar, então, um fator de atração de contingente humano para o Brasil, o que vai ser reforçado pela “facilidade” de aquisição de terras proposta pela lei de terras.

Com a adoção da “Lei de Terras”¹⁹, em 1850, pode-se concluir que a imigração era uma tentativa de povoar e colonizar o território brasileiro dessa vez

¹⁹ De acordo com Kliemann (1986:20), “teoricamente, a “Lei de Terras” de 1850 resolveria inúmeros problemas: acesso à terra, reorganização da produção e da sociedade e satisfação dos anseios das elites produtoras e dos intelectuais anti-escravistas, partidários da necessidade de uma purificação do sangue e da cultura brasileira através da colonização estrangeira.”

de forma mais contundente. Segundo PIAZZA, “colonização é a ocupação do espaço geográfico visando um resultado econômico, social ou político.”²⁰

Antes da “Lei de Terras”, a adoção de terras apenas era privilégio da elite portuguesa, que se julgava dona delas. A “Lei de Terras” seria, então, um verdadeiro estímulo para a imigração europeia para o Brasil, visto que a Europa vivia um momento de grande aumento populacional²¹, o que conseqüentemente dificultava o acesso à terra. Com um significativo aumento populacional e com a escassez de terras, a relação entre a terra e a força de trabalho estava comprometida, visto que existia muita mão-de-obra para o que a Europa necessitava. Na Ucrânia, essa relação ficou ainda mais confusa e complexa, visto que o território ucraniano sofreu diversas invasões, o que resultou em constantes transformações de suas fronteiras.

Além dessa preocupação com a ocupação do espaço, veremos também que o império, na figura de Dom Pedro, já se preocupava com a formação/transformação da identidade nacional, visto que ocorreu um aumento significativo do número de negros no Brasil, ocasionado pelo período escravista, o que tornou necessário e urgente um branqueamento racial que viesse a transformar, a curto prazo, o fenótipo do povo brasileiro.

Segundo Dreher (1995: 71)

”no início do século XIX, a população brasileira é constituída de um milhão de indígenas, (...) um milhão novecentos e oitenta e sete mil negros, em sua maioria absoluta escravos, e 628.000 mil mestiços. [...]Os brancos somam 845.000.“

Com base nesses dados, podemos afirmar que o número de negros no Brasil era superior a todos as outras etnias, o que poderia ocasionar, além de revoltas, numa transformação da identidade nacional baseada e fundamentada na identidade africana.

²⁰ Walter F. Piazza. O problema da imigração e colonização no Brasil. UFSC p.04

²¹ Essa afirmação pode ser confirmada pelo trecho contido no trabalho de Truda (1930:08) referente à situação dos Açores e Madeira, que deixa claro o excedente populacional europeu. “Nos Açores e na Madeira, a população, sobreexcedente (sic) chegára (sic) a um estado de verdadeira penúria.” Ainda segundo Truda, a imigração de casais para o Brasil, demonstrava “o interesse que havia em alliviar (sic) os Açores, como a Madeira, da sobeja população.”

A partir desse momento vamos ter uma política imigratória que visa atrair imigrantes, com o intuito de fazer um “branqueamento” da raça, visto que não era atraente para um país ser constituído principalmente pela “raça” negra.

Logo após o segundo quartel do século XIX e de maneira ainda mais contundente depois da proclamação da independência, o governo brasileiro começa a se preocupar mais intensamente com os vazios demográficos existentes no território nacional, sendo necessário que o território fosse ocupado de maneira rápida e efetiva, tendo como objetivo, além da ocupação, a defesa das fronteiras e a hegemonia política.

Obedecendo à lógica dessa política é que os primeiros imigrantes “livres” saem da Europa com destino ao Brasil. Tinham em mente que a permanência no desconhecido país era provisória e que logo voltariam para o país que deixaram para trás. Mas não eram todos que pensavam desse modo. Os ucranianos, por exemplo, que fugiam das dificuldades de seu país, não pensavam em momento algum em voltar para a Ucrânia; eles já saíram pensando em não voltar.

Conforme Andreazza (1999), ninguém migra a uma longa distância sem um impulso, sem um objetivo, sem esperança. Esse impulso é necessário para que esses imigrantes deixem seus países de origem e de tanto apego emocional e saiam em busca de novos horizontes.

Nas últimas décadas do século XIX, surgiram novas razões para a vinda de imigrantes, como por exemplo, a plantação de café, no norte do Estado do Paraná, a construção de estradas, de linhas telegráficas, criação de gado e o aumento do comércio de madeira. Além disso, trazer imigrantes para o Brasil era um ótimo negócio para o governo e para os grandes latifundiários. As companhias madeireiras tinham suas representações na Europa e estas usavam de todos os recursos e artifícios a fim de incentivar a imigração.

A propaganda imigratória demorou a surtir o efeito desejado na Ucrânia. No início, apenas algumas famílias e pequenos grupos se arriscaram a deixar o país e a se dirigir para um país desconhecido. Somente quando chegaram cartas à Ucrânia, assinadas por Dom Pedro II, que garantiam passagem, lugar para morar e terra para trabalhar, muitos decidiram arriscar. Como dito anteriormente, a

afirmação de que os ucranianos imigravam pensando em voltar para a Ucrânia não era cabível, visto que depois de centenas de anos subjugados em sua terra de origem eles queriam descanso e paz, além da terra com que tanto sonhavam.

Quando abandonavam seus lares, sempre na expectativa de encontrar um verdadeiro paraíso, esses imigrantes, muitas vezes, não sabiam para onde estavam se dirigindo, pois logo após a partida vários eram os locais em que estes poderiam vir a se alojar, seja temporariamente, seja definitivamente.

Segundo SAYAD (1998: 45),

a imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade.²²

Vemos então a expectativa dos migrantes em encontrar um lugar bom para morar; eles foram atraídos pela promessa de um mundo maravilhoso onde o “mel escorria pelas folhas das árvores”, onde eles encontrariam a paz almejada.

Temos que perceber, porém, que não foi só por atração e pela promessa de terra fácil que os imigrantes vieram para o Brasil. Diversos foram os fatores que fizeram com que os povos, no nosso caso ucranianos e poloneses, deixassem suas terras para se aventurar em busca de novos sonhos. Como exemplo as constantes invasões vindas do leste ou do sul. Essas constantes invasões faziam com que existisse um grande fluxo migratório através do velho continente. Percebemos que essas constantes invasões também eram constantes no território ucraniano e polonês²³, o que certamente serviu de estímulo para a imigração ao Brasil.

Temos que ter em mente, porém, que cada povo teve seu período e suas razões para emigrar. Visto isso, vamos tomar como exemplo o caso dos ucranianos, que além de sofrerem com as diversas invasões de que foram

²² SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da Alteridade**. Universidade de São Paulo, 1998, p. 45.

²³ Esse, porém, além de ser oprimido por povos bárbaros e pelos grandes impérios também foi um Estado opressor, inclusive do Estado ucraniano.

acometidos, sofreram com a falta de terra gerada por essas invasões, que traziam consigo diferentes povos que subjugavam os ucranianos que residiam nessas regiões, principalmente perto das fronteiras.

Um fator de expulsão do povo ucraniano pode ser percebido no parágrafo que segue:

“A prepotência dos ricos sobre os pobres foi a causa porque o povo ia aos poucos abandonando a terra do seu berço com o intuito de além do vasto oceano melhorar a sua deplorável condição.

Principalmente eram a América do Norte e o Canadá os países aonde o povo affluia(sic) afim de lá grangear-se um sofrido sustento. – Só mais tarde foi considerado o Brasil, como o paraíso das delícias, ao qual principiou em 1894 emigrar (sic) o nosso povo ucraniano da Galícia oriental. Chegando ao Brasil, porém, constatou-se que a propaganda imigratória era enganosa. As dificuldades foram sentidas já em alto mar, devido às precárias condições dos navios que para cá transportaram estes imigrantes.”²⁴

As dificuldades sofridas no seu país natal, agravadas pela má distribuição de terras, certamente serão os motivos que desencadearão a imigração em massa para todos os continentes.

1.3 TRAJETÓRIA DE UCRANIANOS EM TERRITÓRIO BRASILEIRO

Os primeiros ucranianos a chegarem em grupo ao Brasil foram oito famílias da Galícia Oriental que chegaram em 1891, fundando a colônia Santa Bárbara, próximo de Palmeira, situada entre as cidades de Curitiba e Ponta Grossa. Mas foi a partir de 1895 que um número considerável de imigrantes ucranianos desembarcou em terras brasileiras, somando cerca de 20.000 imigrantes. Só no ano de 1895, desembarcaram nos portos de Paranaguá e Santos, vindos da Galícia, cerca de 5.500 ucranianos, seguindo daí para os arredores de Curitiba.

No ano de 1896, cerca de 1500 famílias, ou seja, aproximadamente 8.000 pessoas se dirigiram ao município de Prudentópolis e seus arredores, num raio de 70 quilômetros; 800 famílias estabeleceram-se nos arredores de Marechal Mallet e

²⁴ Livro Tombo do Curato de Antônio Olyntho. Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Imaculada Conceição, p.2.

Dorizon; 2.000 imigrantes fixaram-se na colônia de Água Amarela (hoje Antônio Olinto); 80 famílias em Jangada (BURKO, 1963) .

Os imigrantes, que chegavam ao Brasil, eram provenientes da Ucrânia Ocidental, mais precisamente da região da Galícia que, então, fazia parte do antigo Império Austro-Húngaro e da Polônia, mas que eram constituídos primordialmente pelos ucranianos e seus descendentes. Esses imigrantes partiram em busca de novas oportunidades, pois sentiam uma grande insegurança em relação à liberdade e prática de sua religião, enfrentando, também, más condições sócio-econômicas e, por isso, sentiram-se forçados a emigrar de sua pátria em busca de melhores condições.

Cabe aqui salientar que ao longo do século XIX, a Ucrânia também vinha sofrendo com o crescimento demográfico, o que acarretou uma pressão no setor agrícola, que cada vez mais necessitava de aumento na produção na tentativa de atender a essa alta na demanda alimentar. Em consequência desse crescimento demográfico e pela reduzida porção de terra de que a Ucrânia dispunha, os ucranianos saem à procura de uma situação inversa, onde a terra era abundante e a mão-de-obra escassa. No Brasil eles encontraram essa situação.

Conforme as estatísticas do Serviço Nacional de Imigração, divulgadas por Romário Martins e outros historiadores do Paraná, o número de ucranianos que vieram para o Paraná é inferior ao número real, pois numerosos foram os ucranianos que, por terem vindo da Galícia²⁵, entraram no país ora como austríacos, ora como poloneses. Como austríacos, porque o território ucraniano pertencera ao Império Austro-Húngaro desde 1795 a 1918, e como poloneses por causa das semelhanças fenotípicas de ambas as etnias. Esse tipo de equívoco também foi responsável pela distribuição de terra e pela criação de colônias de ucranianos próximas de colônias polonesas que, segundo os responsáveis por essa distribuição, poderiam conviver em perfeita harmonia. Foi o caso do

²⁵ Cabe aqui ressaltar que nesse período a região da Galícia pertencia ao império Austro-Húngaro e à Polônia, mas os habitantes dessa região eram os ucranianos que estavam sendo subjugados pelos invasores.

município de Prudentópolis, mas essa é uma questão que será esclarecida nos capítulos posteriores.

Apesar da dificuldade de se saber ao certo o real número de imigrantes ucranianos vindos ao Brasil, sabe-se que no início do século XX, os ucranianos e seus descendentes somavam no Paraná, cerca de 24.000 pessoas. O número deve ter sido maior, pois grande número de ucranianos foi vítima de epidemias ou pereceram de outros infortúnios. A partir do início do século XX, a imigração ucraniana reduziu seu ritmo e já na primeira década a média de pessoas que entrava no país, provenientes da Ucrânia, era de 700 a 1.000 por ano e o Estado preferido era ainda o Paraná.

Outra onda de imigração em massa deu-se a partir da segunda década do século XX, onde grupos oriundos da Galícia, desta vez motivados pela campanha brasileira de imigração que requisitava mão-de-obra estrangeira para a construção da Estrada de Ferro, São Paulo-Rio Grande do Sul, vêm em busca de oportunidades. Somavam vinte mil imigrantes que chegaram entre os anos de 1908 e 1914 sendo que destes aproximadamente 18.500 fixaram-se nos Estados do Paraná e Santa Catarina, e os demais foram para o Rio Grande do Sul e outros Estados. Assim, a imigração ucraniana no Brasil, até 1914, totalizava cerca de 45.000 pessoas.

Após a Primeira Grande Guerra a imigração voltava com força total. De qualquer modo, o número dos que haviam chegado ao Brasil até a Segunda Grande Guerra não ultrapassou a cifra de 9.000 pessoas. De acordo com BURKO, (1963) *logo após o término da guerra, ou seja, entre os anos de 1947 e 1951, mais de 7 mil imigrantes ucranianos foram registrados em portos brasileiros, mas desta vez a maioria dirigiu-se para São Paulo, não faltando entretanto os que continuavam preferindo o Paraná ou o Rio Grande do Sul. Grupos menores também se estabeleciam nos Estados de Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro.*

Os imigrantes ucranianos que se estabeleceram no Paraná dedicaram-se à lavoura, sendo que os primeiros grupos foram encaminhados às terras não desbravadas, tendo que realizar todas as tarefas de áreas pioneiras, quer dizer,

derrubando matas, construindo suas casas e posteriormente arando alqueires para a produção agrícola.

É importante reforçar que, ao chegarem ao Brasil, em função das afinidades existentes (vistas apenas pelo governo brasileiro), muitos ucranianos alojaram-se próximos aos poloneses, o que muitas vezes causava confusão e constantes brigas, motivadas por todo um contexto histórico envolvendo as duas etnias ainda no velho continente. O resultado foi que ambas as etnias mantiveram as diferenças mais marcantes, quanto à língua, o culto religioso e à convivência em sociedade.

1.4 IMIGRAÇÃO POLONESA

Não podemos fazer uma análise da identidade prudentopolitana sem constantemente nos reportarmos à contribuição do povo polonês para a construção dessa identidade. Para tal, existe a necessidade também de fazermos um breve relato da imigração polonesa para o Brasil.

Foi no final do século XIX que imigrantes poloneses chegam ao Brasil. Deixavam sua terra natal, trazendo a esperança de uma vida melhor, com prosperidade e paz. Também, assim como com os ucranianos, foram diversas as causas que motivaram os poloneses a abandonar o velho continente. Dentre elas se destacam as rebeliões armadas que abalaram a Polônia, após as suas três partilhas em fins do século XVIII, forçando os patriotas perseguidos a deixar sua pátria escravizada e a procurar asilo político em terras estrangeiras. Além disso, as difíceis condições de vida da população rural, tanto econômicas como sociais, sob o jugo de três potências ocupantes - a Prússia, a Rússia e a Áustria que mantinham os camponeses no analfabetismo, na miséria e na permanente fome de terra. Tudo isso contribuiu para o êxodo de elevados contingentes de emigrantes poloneses.

Por outro lado, com a abolição da escravidão em 1888 e, conseqüentemente, o “fim” do tráfico de escravos, o Brasil procurou incentivar a

imigração de mão de obra, principalmente para a lavoura cafeeira em plena expansão, conseguindo trazer para o país considerável número de trabalhadores e colonos, cuja contribuição para o desenvolvimento do país foi importante.

Em 1880 inicia-se uma fase de intensas ondas migratórias dos territórios poloneses dominados pelas três potências. Essa febre ou corrida de emigrantes, conhecida como "febre brasileira" trouxe ao sul do Brasil, isto é, aos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul mais de 60.000 almas até o fim do século XIX.

Os poloneses, no entanto, contavam com uma pessoa que mediava a vinda deles para o Brasil, era o padre Zielinski, que solicitou a D. Pedro II, em 10 de abril de 1869, uma concessão para a colonização por poloneses de terras no Estado do Paraná, solicitação essa que foi atendida favoravelmente já no dia 11 de maio do mesmo ano.

Durante os cinqüenta anos antes da Primeira Grande Guerra, cerca de 3,6 milhões de pessoas deixaram a Polônia, tendo cerca de 100 mil emigrado para o Brasil. Essa emigração era predominantemente camponesa, e os trabalhadores vinham para cá a fim de continuar com o modo de vida que levavam em seu país, onde a maior parte preferia plantar para o seu sustento a trabalhar para os outros. Embora a maioria fosse camponesa, havia também médicos, farmacêuticos, advogados, professores, fotógrafos e barbeiros, que se estabeleciam nas cidades e não no campo, pois a necessidade de profissionais exigiu que os imigrantes se adaptassem à terra que os acolhia.

A partir da necessidade de troca dos produtos agrícolas por outros bens, os imigrantes poloneses tiveram que entrar em contato com a sociedade, fugindo do isolamento e aprendendo outras línguas e costumes. No caso de Prudentópolis, esses imigrantes tiveram de aprender, sobretudo, o português e principalmente o ucraniano, pois esses eram a maioria e detinham grande parte do poder econômico e social da região.

A cidade de Ponta Grossa se destaca, dentre as diversas regiões do Paraná, quando se fala no local onde se estabeleceram um número considerável de imigrantes poloneses. Destaca-se que entre os anos de 1876 e 1878,

chegaram aproximadamente 84 pessoas, que se estabeleceram na Colônia Moema. Em seguida, no anos de 1892, outros 613 poloneses ocuparam outras colônias, como as de Itaiacoca, Taquari, Botuquara, Rio Verde, e outras. Por causa da semelhança de clima com o continente europeu os poloneses facilmente se adaptaram-se à região.

Já haviam decorrido 20 anos desde que 32 famílias oriundas da região da Alta Silésia, parte sudoeste da Polônia, dominada pela Alemanha, destinaram-se primeiramente ao atual Estado de Santa Catarina, de onde, posteriormente, em 1871, foram transferidas para o Estado do Paraná, nas imediações da cidade de Curitiba, onde surgiram novas colônias polonesas, formando em torno da capital paranaense uma espécie de “cinturão verde”, que abastecia a cidade com produtos agrícolas. Os imigrantes ficaram surpresos com as casas simples da população local. Alguns tiveram que construir suas casas de modo semelhante, mas a maioria reproduzia as casas típicas da Polônia, com madeira de araucária.

Na fase inicial da chegada ao Brasil, os poloneses distinguiam-se dos demais grupos étnicos também por seus trajes típicos, usados nos domingos e feriados. A cozinha polonesa era um sinal de identidade e motivo de orgulho, mas rapidamente a culinária dos imigrantes foi assimilando a local, e os poloneses passaram também a comer feijão, mandioca, milho e churrasco.

Assim como muitos migrantes de todo o planeta, os poloneses viajavam muitas vezes sem conhecer o seu destino, atraídos pela lábia de agentes aliciadores das companhias de navegação que prometiam o impossível, mas embolsavam o dinheiro pago pelo Brasil por seu aliciamento e transporte. Chegados ao Brasil, e sendo muito religiosos, escolhiam o seu destino pelo nome dos santos preferidos: São Paulo, Santa Catarina ou Espírito Santo. Se a maioria se dirigia ao Paraná, era porque recebia informações dos primeiros colonos estabelecidos nas proximidades de Curitiba. Muitos deles eram enganados sobre seu destino, e apenas durante o trajeto, ou na chegada, eram comunicados do local para onde se destinavam.

Até o início da Segunda Grande Guerra continuaram a chegar ao Brasil mais imigrantes poloneses em ondas ora menores, ora maiores, dirigidas aos

estados sulinos e, em menor escala, aos Estados do Espírito Santo, São Paulo e Minas Gerais. A grande maioria era constituída em 95% por camponeses e lavradores, 3,5% eram operários e artífices, 1% comerciantes e somente 0,5% pessoas formadas com curso secundário, técnico ou superior, como engenheiros, médicos, eletricitas, mecânicos e outros. Foi de grande valia a contribuição desses imigrantes para o desenvolvimento da agricultura que abrangia o desmatamento e preparo do terreno para o cultivo de trigo, centeio, milho, frutas, verduras e legumes, bem como serviços nas plantações de café nos Estados de São Paulo e Espírito Santo, e, também, na extração e benefício da erva mate e de madeira nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Muitos trabalhavam na construção de estradas de ferro, como a estrada de ferro São Paulo-Rio Grande que atravessou o Estado do Paraná de norte a sul, de Itararé a Porto União, passando por Ponta Grossa, um importante entroncamento ferroviário ligando essa cidade com Curitiba e Paranaguá, o maior porto do Paraná.

O fluxo migratório não cessou com a independência da Polônia em 1918, mas depois desse começou a ser organizado pelas instituições do Estado polonês. Cerca de 40.000 imigrantes poloneses chegaram ao Brasil entre os anos de 1918 e 1939, e dentre esses 40 mil estavam poloneses de origem judaica e ucraniana.

No município de Prudentópolis, os poloneses se estabeleceram a partir do início do século XX, quando já se encontrava formada a colônia ucraniana. Por causa da distribuição das terras, os imigrantes poloneses se estabeleceram nas terras mais distantes da sede, dificultando-lhes assim o acesso às escolas e até à igreja. Isso não serviu de empecilho, pois os próprios imigrantes construíram suas escolas e suas igrejas, ficando assim, até certo ponto, independentes do resto da colônia de imigração.

Segundo WINHARSKI (2004)²⁶, a organização do sistema de economia agrícola na colônia dependia da infraestrutura do comércio e do transporte que

²⁶ WINHARSKI, Noeli. **Prudentópolis: Uma história através da memória**. Divisão de Pós-Graduação. Unicentro. Guarapuava 2004, P.13

também estava se estabelecendo na época e, diferente da situação dos ucranianos, esse sistema comercial e rodoviário não satisfazia os anseios dos poloneses recém chegados da Europa.

Anda hoje, as localidades, onde residem os descendentes de poloneses, estão longe de conseguirem fazer um intercâmbio comercial de boa qualidade, como é o caso do distrito da Jaciaba, localizado ao oeste do município, a uma distância de 60 quilômetros da sede, onde a estrada é de terra, passando por diversas serras, sendo intransitável em dias de chuva.

A Região Sul do Brasil teve sua formação étnica complementada por uma infinidade de outras etnias, que embora em proporções reduzidas como portugueses, alemães e italianos, contribuíram a seu modo para a consolidação do espírito progressista que hoje caracteriza os três estados sulinos.

Tendo em vista que conhecemos um pouco da história de ucranianos e poloneses temos, então, que compreender como a formulação do conceito de identidade se manifesta, e qual sua posição em relação ao município de Prudentópolis, pois é a partir da criação do município que podemos contemplar a transformação de uma identidade étnica-cultural.

PARTE 2: A DINÂMICA DA(S) IDENTIDADES(S) UCRANIANA(S)/POLONESA(S)/BRASILEIRA(S) NO PARANÁ

O propósito dessa segunda parte da dissertação não é vislumbrar a identidade do ser, do indivíduo e tudo o que se passa na sua mente, mas caracterizar e analisar a identidade social criada a partir do contato com grupos diferentes e que, muitas vezes, já havia provocado conflitos identitários em outras épocas e em outros lugares. Por essa razão, é necessária uma introdução e uma sucinta discussão teórica que nos permita analisar a identidade étnica da comunidade prudentopolitana, transcendendo as motivações pessoais de cada indivíduo, para que mais tarde possamos compreender como as representações são capazes de se caracterizar como mecanismos de proteção contra os interesses externos. Não pretende-se aqui investigar as representações coletivas a fim de caracterizá-las como “mecanismos de proteção contra os interesses externos”, mas sim como elemento que poderá demonstrar à qual grupo cabe o “poder” no município de Prudentópolis, pois esse “poder” permite que o grupo marque suas diferenças em relação aos demais. Para tal, nos apoiaremos em definições e teorias antropológicas que nos ajudam a compreender a construção/transformação da identidade étnica e social da população prudentopolitana. Com o apoio do capítulo que segue será mais fácil realizar uma leitura da identidade dos diferentes grupos que se estabeleceram em Prudentópolis e analisar quais foram os momentos de maior influência do meio social externo à construção ou apenas manutenção de uma fronteira étnica e/ou identitária. Antes de discutirmos a transformação da identidade, temos que ter bem claro quais os mecanismos necessários para a realização de uma troca identitária e como ela acontece.

A IDENTIDADE ÉTNICA: UMA FRONTEIRA “TRANPONÍVEL” E “MUTÁVEL”

A identidade étnica pode ser transformada em diferentes níveis de relacionamento, mas é a partir do comprometimento pessoal com um grupo, com semelhantes características, que existirá a necessidade de identificar-se com seus

“iguais”. Temos que perceber, porém, que a identidade étnica é construída pela “necessidade” da construção da diferença; é este o centro da construção da identidade étnica a construção da diferença, ou da fronteira. A fronteira pode ser modificada, mas é ela que identifica o grupo sendo, portanto, fundamental. Porém, o primeiro passo para o processo de identificação é a vontade de pertencimento pela qual o indivíduo tenta se inserir em um determinado grupo.

INDIVÍDUO: COMPONENTE DO GRUPO

Desde os primórdios é natural do ser humano a necessidade de se adaptar às adversidades encontradas ao longo de sua vida, sejam elas econômicas, sociais e até mesmo identitárias. Na tentativa de amenizar e superar essas adversidades, o homem sentiu a necessidade de conviver com outros indivíduos, formando grupos que lhe fornecessem as “ferramentas” que lhe assegurassem uma maneira mais cômoda e segura de enfrentar os desafios aos quais era constantemente submetido.

Com a formação de um grupo heterogêneo, o homem sentiu a necessidade, não de maneira totalmente consciente, de criar mecanismos para a manutenção de suas fronteiras étnicas, aceitando os que compartilham sua cultura e seus costumes e rejeitando os indivíduos que não se enquadram em seu modelo social. Nesse sentido, quando da vinda dos ucranianos a Prudentópolis, notamos que sempre existirá uma proximidade entre as colônias, com o intuito de manter o grupo unido, para possíveis defesas em caso de conflitos. Mas não vai ser essa proximidade que formará a fronteira étnica, pois essa só se caracteriza a partir desse conflito que será responsável pela construção da diferença.

Segundo esse modelo, podemos afirmar que para a manutenção da fronteira étnica, é necessário que se adote um pré-conceito com relação a indivíduos que não se assemelhem com os pré-requisitos necessários para serem aceitos como um determinado componente do grupo, exigindo que muitas vezes o indivíduo assimile os usos e costumes do grupo pelo qual ele deseja ser aceito.

No caso dos ucranianos em Prudentópolis, a fronteira seria identificada pelo pré-conceito existente em relação aos que não falam a língua ucraniana, aos que não freqüentam as missas do rito ucraniano e aos que não se assemelham ao fenótipo do ucraniano. Mas essa é uma discussão a que voltaremos mais adiante, pois diz respeito à construção/transformação da identidade ucraniana que durante séculos vem se modificando para tomar a forma que podemos vislumbrar nos dias atuais.

Para conseguir manter relações com seus semelhantes e também com o “outro”, os homens criaram meios comuns de comunicação, produzindo assim uma maneira de se identificar como membros de um grupo e também de ser identificados como componentes desse grupo. Esses meios comuns de comunicação podem ser: a linguagem, o folclore, as representações coletivas, as imagens e os símbolos. Dentro dessa perspectiva, podemos afirmar que existe a necessidade de um aporte imagético²⁷ para que o indivíduo possa vir a fazer parte de um grupo. Com base nessa afirmação, podemos compreender a dificuldade que o indivíduo sente ao se distanciar de seu grupo e ao se aproximar de outro, visto que as coletividades tendem a formar um modo de identificação que serve para aceitar ou rejeitar um novo indivíduo.

A relação entre “nós” e os “outros” se opõe à ingênua teoria de que a fronteira étnica resiste intacta graças ao isolamento geográfico de determinado grupo, pois para que haja a necessidade de identificar o “outro” como diferente, há a necessidade que se conheça e se tenha contato com o “outro” e que exista diferença entre ambos os grupos. De acordo com TODOROV (1993), nós não temos que analisar o “um” ou o “outro”, mas sim o “um” e o “outro”. Com isso, levamos em consideração que para entender a identidade social do povo prudentopolitano, temos que analisar a inter-relação existente entre os grupos que se instalaram ou já habitavam o município de Prudentópolis, o que será notado no capítulo que segue e que nos mostrará as semelhanças e os distanciamentos entre as representações das etnias predominantes em Prudentópolis.

²⁷ Esse aporte imagético é um quadro mental que um determinado grupo tem por tradicional, onde estão inseridos diversas imagens e símbolos que auxiliam no processo de identificação. Essas imagens e símbolos podem ser os mecanismos utilizados para a criação de uma identidade étnica.

Assim sendo, temos que perceber que os meios de identificação variam de grupo para grupo, visto que cada coletividade tem um meio particular de se identificar. A partir dessa afirmação percebemos a necessidade de estudos sobre a identidade, visto que não podemos generalizar o processo de identificação de um grupo apenas por ele pertencer à determinada etnia, ainda mais porque, pelo processo de identificação, um grupo só está ligado a uma etnia porque o outro não está.

Dessa maneira, podemos afirmar que a formação da identidade ucraniana em Prudentópolis, não terá a mesma formação da identidade ucraniana em diferentes partes do mundo, pois os fatores externos em muito influenciarão no processo de resistência. Os ucranianos em Prudentópolis foram, muitas vezes, confundidos com poloneses, recebendo então terras que faziam fronteiras com as terras dos descendentes de poloneses que em Prudentópolis também se estabeleciam, fazendo com que existisse uma fronteira étnica mais difícil de ser transposta, pois o imaginário criado no velho continente continuou vivo no liame das gerações, imaginário esse que foi ativado devido à presença deste “outro”, o polonês.

Percebemos isso quando entendemos que é buscando o seu passado, na memória coletiva, que os grupos étnicos encontram elementos suficientes para formar um elemento diferenciador que ajudará a manter e a legitimar as fronteiras étnicas. Entramos então no campo da memória coletiva, e quando falamos nela, temos que perceber que nem tudo o que faz parte dessa memória realmente aconteceu, ou seja, essa identidade pode ser algo condicionado pelo passado contendo, porém, elementos do presente para se legitimar.

Segundo Hobsbawm, *“todos os seres humanos, coletividades e instituições necessitam de um passado”* (HOBSBAWM:283). Então, vista essa necessidade que as coletividades têm de conhecer seu passado, de passar para as gerações futuras o que lhes foi ensinado por seus antepassados, elas têm que se identificar, criar meios de se identificar e só a partir desse momento podem ver o “outro” como diferente, assegurando que seu passado será, de comum acordo entre os participantes do grupo, primordial, formando assim uma identidade social.

A identidade cultural e/ou social, são as semelhanças que aproximam indivíduos, são os mecanismos que eles criam para reconhecer seus iguais (nós) e os diferentes (outros). É a partir da identidade social que podemos reconhecer uma memória coletiva e a criação de um imaginário popular.

Percebemos que tanto na identidade pessoal, quanto na cultural, uma se apóia na outra, pois sem uma a outra não teria razão de existir, e a partir dessas identidades, e com a influência do meio social em que o indivíduo e a coletividade vivem é que se formam outros tipos de identidade, como: a identidade nacional, a identidade étnica, a identidade social, cada uma delas com suas próprias representações e símbolos, capazes de criar um imaginário comum.

Encontramos em Todorov (1993) a diferença entre “*nós e os outros*”, podendo discutir se existe essa diferença, e qual a importância de se descobrir essas diferenças. Como o nosso trabalho tem como tema grupos étnicos, temos que perceber diferenças e aproximações entre a identidade do grupo estudado e a dos demais grupos que possam de certo modo influenciar na formação de tal identidade, como por exemplo: os brasileiros²⁸, os poloneses, alemães, dentre outros imigrantes que também se estabeleceram em Prudentópolis.

Não podemos deixar de perceber também que as fronteiras identitárias sofrem com os constantes “ataques” do fenômeno da globalização, que tende a fazer uma homogeneização das identidades étnicas. Isso poderia ser chamado de crise, já que cada vez mais as fronteiras identitárias de determinado grupo vêm perdendo espaço para uma “identidade global”. Temos que perceber, por outro lado, que não é só no campo das identidades que esse fenômeno vêm se apresentando como uma grande ameaça. Os sintomas causados pelo “progresso” da globalização estão sendo sentidos em diversos campos. Temos que perceber, porém, que o processo de globalização não tem provocado a homogeneização completa das culturas e das identidades, pois entra em cena a chamada identidade de resistência que também vêm ganhando força, principalmente pela necessidade desses grupos resguardarem valores que traduzem o espírito desse

²⁸ Denominamos brasileiros os que viviam em Prudentópolis antes da chegada dos imigrantes.

viver em comunidade, de se identificar como grupo e no grupo. Esses valores são postos em prática no momento em que o indivíduo se identifica com o grupo e em que o grupo identifica o indivíduo. O cuidado que se deve tomar nesse tipo de discussão, porém, é que com o contato entre os grupos diferentes as identidades entram em crise, e essa crise produz novas formas de identificação, fazendo com que essas identidades parem entre a tradição e a tradução. Para isso afirmamos então que a identidade não é imóvel, ela é dinâmica, está sempre em movimento. A identidade, tanto a individual quanto a social, está em mudança, não apenas pelo contato externo, pela influência de outros grupos; mas essa mudança também é realizada pelos próprios componentes do grupo.

Segundo BARTH (1976), a identidade étnica de um grupo transcende seus aspectos culturais, não envolvendo somente aspectos internos desta cultura, mas sendo particularmente envolvida pelas interações do grupo com o mundo ao seu redor, não existindo então o isolamento. A identidade étnica seria, então, uma característica de ordem social, mais do que uma expressão cultural, significando que temos que olhar para os limites de um grupo étnico e não somente para os aspectos culturais que estes limites carregam consigo.

Temos que perceber que muito do que faz parte do cotidiano de uma comunidade é algo “emprestado” de outras culturas, algo que foi assimilado pelo grupo, através de uma interação de grupos diferentes, e que agora já faz parte de sua cultura e porque não dizer de sua identidade. Percebemos que existe uma estreita relação entre os diferentes níveis de identidade, e explicá-los separadamente seria um grave erro. Por isso a necessidade de compreendermos os ucranianos e suas relações com outras etnias, pois a identidade ucraniana não é algo totalmente original, mas sim uma tradução de imagens e representações. É o que acontece no caso dos ucranianos em Prudentópolis, em que muitos de seus usos e costumes não são de origem ucraniana, mas sim polonesa, austríaca, russa, mas fazem parte de suas representações, pois há muito tempo são aceitas para a identificação²⁹ dos indivíduos.

²⁹ Cabe aqui salientar que a identificação aqui conceituada não é a de igualdade, a de tornar idêntico, mas sim a de reconhecer componentes de um grupo.

Afirmamos então que o processo de identificação está sujeito a várias construções, transformações, influências, num processo constante. Cabe a cada indivíduo ou coletividade fazer o processo de identificação e resguardar os valores que os diferenciam dos outros. Esses processos de identificação, ou melhor, de construção/transformação de identidade podem ser feitos de diversas maneiras, dependendo do grupo a que pertencem ou pretendem pertencer.

TRANSPOSIÇÃO DE FRONTEIRAS; NÃO HÁ ISOLAMENTO

Como existe essa diferença entre o “nós e os outros”, bem como o contato com grupos circunvizinhos, existe a troca de experiências e valores. De acordo com essa afirmação, percebemos que os ucranianos e poloneses em Prudentópolis têm a necessidade de transpor a fronteira étnica para que desse modo possam manter um relacionamento de troca de experiências com os seus vizinhos, sejam elas comerciais e conseqüentemente sociais. Esses vizinhos muitas vezes compartilham de um mesmo imaginário cultural, mas são tidos como diferentes pela maneira de se identificar.

Segundo Eriksen (1993), etnicidade³⁰ se refere ao relacionamento entre grupos que se consideram e são considerados distintos, culturalmente distintos. Isto significa que dois grupos podem ser iguais em sua forma cultural, porém, no momento em que eles se considerarem diferentes eles agirão de tal maneira que diferenças serão encontradas para distingui-los. Para que ocorra uma relação interétnica, os grupos têm que perceber que existem diferenças entre eles. Para que um grupo seja diferente do outro, basta ele se achar diferente. O elemento diferenciador poderá ser uma construção do próprio grupo como, por exemplo, os ucranianos que se diziam mais trabalhadores que os brasileiros, que de contrapartida, diziam ser mais inteligentes e astutos.

Visto que existem distanciamentos e aproximações, podemos afirmar que o relacionamento entre grupos circunvizinhos sempre vai ocorrer, pois cada grupo

³⁰ De acordo com o dicionário Aurélio, a etnicidade é o caráter ou qualidade de um grupo étnico, no que se refere a sua distintividade e sua identidade sócio-cultural, e que implica, mobilização política ou social em defesa dos valores ou interesses do grupo.

vai sentir a necessidade de relacionamento com outros grupos, seja ele de natureza emocional ou meramente comercial. Por isso, podemos afirmar que a fronteira étnica não se mantém pelo simples isolamento geográfico, pois como já foi dito anteriormente, os homens tendem a se relacionar, não envolvendo este relacionamento somente aspectos internos de sua cultura. Sempre existirá envolvimento do grupo com o mundo ao redor.

Essa afirmação também é válida quando nos referimos aos imigrantes que chegaram a Prudentópolis, pois eles necessitaram buscar em vilarejos vizinhos as ferramentas de que tanto precisavam para realizar seus trabalhos, suas plantações. Buscavam também a confiança dos negociantes que compravam seus produtos. Os limites desses imigrantes não eram somente culturais, mas sim econômicos e políticos.

Os imigrantes ucranianos e poloneses, em Prudentópolis, não estavam em momento algum isolados, pois quando da chegada deles à região já existia um vilarejo no local, o que permitiu que encontros a caminho de casa fossem mais freqüente, ocasionando relacionamentos de aproximação ou de repulsa. O sentimento de repulsa ocorrerá principalmente para com os imigrantes que eram tidos como invasores pelos caboclos da região, mas não era um preconceito exclusivo deles, pois existia também a rivalidade entre ucranianos e poloneses que perdurou gerações e que veio junto ao Brasil pela migração desses povos. Essa rivalidade contribuiu intensamente para a construção de um imaginário coletivo, em terras prudentopolitanas, havendo tentativas de predominância, valendo-se de representações de poder. No caso dos ucranianos, o poder era representado pela maioria absoluta, pelo lado dos poloneses era representado pelo poder instituído no município.

Segundo BACZKO,

“os poderes que conseguem garantir o controle, senão o monopólio destes meios, apropriam-se assim de uma arma tanto mais temível quanto mais sofisticada. É difícil subestimar as possibilidades que se abrem, deste modo, às iniciativas de tipo totalitário que visam anular os valores e modelos formadores diferentes daqueles que o Estado deseja, bem como condicionar e manipular as massas,

bloqueando a produção e renovação espontânea dos imaginários” (BACZKO:308).³¹

Assim, o imaginário e as representações estão sendo utilizados pelos mecanismos de controle de opinião ou como tais. É aí que o efeito globalizante pode ser sentido mais uma vez e desta vez trabalhando na construção de uma identidade social e coletiva.

No caso de Prudentópolis, porém, a tentativa de garantir o monopólio do imaginário coletivo é feita a partir da difusão dos usos e costumes de cada grupo, fazendo com que cada vez mais pessoas reconheçam esses costumes como tradicionais, dando a impressão de que reconhecem essas representações como tradicionais.

Segundo LAPLATINE (1997), o imaginário é a capacidade de “produzir” uma imagem que não é e nunca foi dada a partir de um apoio real na percepção. No imaginário, o estímulo perceptual é transfigurado e deslocado, criando novas relações inexistentes no real. Essas novas relações, antes inexistentes no real, são transmitidas a partir do contato com o diferente, dando a impressão, quase sempre verdadeira, de que existe uma tentativa de distanciamento entre os grupos, criando conflitos identitários, que ao invés de aproximar os grupos, os repelem, como é o caso dos imigrantes poloneses e ucranianos em Prudentópolis.

Para DURAND (2001), o imaginário é um museu mental no qual estão expostas todas as imagens passadas, presentes e as que ainda são produzidas pela sociedade. Não podemos então, tentar entender a construção/transformação da identidade étnica ucraniana e polonesa apenas em terras prudentopolitanas, visto que essa construção já esteve presente em território europeu, em anos de jugo estrangeiro. Mas o propósito desse trabalho é o de explicar como essa transformação ocorreu no pós-imigração, percorrendo o imaginário e as representações coletivas de ucranianos e poloneses em seu contato um com o outro, bem como com os “brasileiros”.

³¹ BACZKO, Bronislaw. A Imaginação social. Enciclopédia Einaudi (ed. Portuguesa), Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1985.

Como refere PLANTAGEAN (1990),

“o domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam (...). Em outras palavras, o limite entre o real e o imaginário revela-se variável, enquanto que o território atravessado por este limite permanece, ao contrário, sempre e por toda a parte idêntica, já que nada mais é senão o campo inteiro da experiência humana, do mais coletivamente social ao mais intimamente pessoal.”³²

Para analisarmos o imaginário popular do povo prudentopolitano, temos que buscar informações lá na base de sua estrutura, pois é a partir dessa informações que podemos identificar o sistema simbólico criado para a construção de fronteiras.

De acordo com PESAVENTO (1992), o imaginário social se expressa por símbolos, ritos, crenças, discursos e representações alegóricas figurativas. Esses símbolos só se tornam parte de um imaginário social a partir do momento em que ele se caracteriza como sendo comum à sociedade, por isso a importância da estrutura descrita acima. Esse símbolo deve representar algo, e não somente para quem o “criou”, mas ele deve ser identificado por componentes de um grupo, ele deve representar para a coletividade.

O imaginário não é um só, pois como ele é formado por uma estrutura, ele pode ser diferente para diversos grupos étnicos. Como exemplo, cada imaginário tem uma imagem diferente sobre determinado objeto, as representações desse mesmo objeto também são diferentes. O que esse objeto simboliza para determinado povo também não vai ser o mesmo para outros. Então, podemos afirmar que não existe um imaginário, mas sim vários imaginários, que muitas vezes se confundem e são percebidos como semelhantes e até mesmo iguais. Podemos utilizar o exemplo das pêsankas que são representações coletivas tanto de ucranianos quanto de poloneses, mas mesmo sendo o mesmo “objeto” são utilizadas como elementos de reconhecimento e de identificação de cada grupo, como se fosse algo totalmente diferente

³² PLANTAGEAN, Evelyne. **A história do imaginário**. In: LE GOFF, Jacques. (org) A história nova. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p.291.

Essa discussão se torna ainda mais difícil no caso do imaginário existente em Prudentópolis, pois ele é carregado por diversas imagens da terra deixada para trás, isso para os imigrantes e seus descendentes.

A leitura desse imaginário deve, então, ser feita com o devido cuidado, pois ele é dotado de experiências anteriores que se desdobram na memória e que, muitas vezes, se confundem com o imaginário da região onde se fixaram.

CAPÍTULO II

UCRANIANOS E POLONESES NO PARANÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE PRUDENTÓPOLIS E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE LOCAL/REGIONAL

A princípio, o futuro município de Prudentópolis era uma vila que fazia parte do território do município de Guarapuava, que era o maior município da província do Paraná em extensão territorial, estendendo-se desde o Rio dos Patos, na divisa do atual município de Imbituva, até o Rio Iguaçu e o Rio Paraná nas fronteiras do Paraguai e Argentina. Dentro desse município, mais precisamente entre o Rio dos Patos e a Serra da Esperança, até a abertura da linha telegráfica, poucos moradores existiam. Foi somente em 1822, quando as terras prometiam ser valorizadas, graças à tão esperada construção da estrada de rodagem é que muitas pessoas começaram a chegar àquela região; muitos eram trabalhadores que se ofereciam para auxiliar na construção de tal estrada. Esses trabalhadores eram descendentes de bandeirantes paulistas que fixaram moradia na região.

A região, localizada entre a Serra da Esperança e o Rio dos Patos denominava-se São João, pois próximo a essa localidade corria um rio que tem o mesmo nome, em homenagem ao padroeiro São João Batista. Seis quilômetros adiante do Rio dos Patos, o Sr. Firmo Mendes de Queiroz³³ construiu sua casa de barro, coberta de madeira, e com cerca de varas em torno dela. Ele pretendia aproveitar a fertilidade do solo, cultivando uma faixa que lhe pertencia, ficando assim à beira da estrada da linha telegráfica que ainda estava em projeto, mas que já prometia progresso à região. Descendente de bandeirantes paulistas, Firmo Mendes de Queiroz começou a desbravar aquela região, mas sendo casado e com filhos pequenos sentiu a impossibilidade de cultivar várias extensões de terra.

Com a construção da linha telegráfica e a atração do grande número de trabalhadores que ali se reuniam, Firmo Mendes resolveu abrir uma casa comercial, que se tornou ponto de encontro e centro de operações dos moradores da mata.

³³ Fundador do município de Prudentópolis.

Passando por ali o Padre Stumbo³⁴, percebeu naquela localidade, que agora se tornara ponto de encontro de sertanistas e da população local, um bom lugar para a construção de um local para que fossem feitas as reuniões religiosas, e, em uma conversa com Firmo Mendes de Queiroz, o incentivou a construir uma capela em consagração a São João Batista, porque essa traria mais pessoas para a povoação e aumentaria e desenvolveria o comércio local. Buscando atender o pedido do padre Stumbo, Firmo Mendes convidou vários moradores para formarem um mutirão para roçar o local onde seria construída a capela, local esse cedido pelo próprio Firmo Mendes.

No mesmo ano de 1884, o Barão de Capanema³⁵, que comandava a construção da linha telegráfica e fiscalizava a estrada de rodagem, chegou a São João, e hospedou-se na casa de Firmo Mendes, que sabendo do que se pretendia fazer ali, elogiou a idéia, que preveria o futuro daquele lugar. Firmo Mendes então informou ao Barão de Capanema que pretendia doar as terras próximas ao seu estabelecimento para que ali se formasse um povoado, ao qual iria dar o nome de São João de Capanema, em homenagem ao ilustre convidado. Depois de preparado o terreno, o proprietário deu permissão para que pessoas ocupassem essas terras, para que fossem construídas casas³⁶.

Sendo uma região próspera, porém pouco desenvolvida, no ano de 1894 o Governo Federal resolveu colonizar a região de São João de Capanema, em terras que lhe haviam sido transferidas pelo Governo do Estado. O Estado do Paraná se enquadrava na proposta do Governo Federal, visto que havia uma grande extensão territorial ainda devoluta, ainda mais, por se tratar de um Estado novo que necessitava de urgente ocupação territorial, que seria beneficiada pelo clima que favorecia a adaptação da possível imigração européia.

A pequena vila era sede da colônia e tomou um impulso extraordinário. Em 1895, o aspecto da pequena vila era de povoação próspera, com ruas bem

³⁴ Pároco, residente no município de Guarapuava e que atendia o povo da região.

³⁵ Guilherme Schuch, Barão de Capanema.

³⁶ Percebemos que a intuição de Firmo Mendes era a de aproximar as pessoas de seu estabelecimento, que desse modo seria o principal lugar para a aquisição de mercadorias. Fica claro que o nome da vila seria mudado por uma relação de interesses, visto que, o que se pretendia era tirar vantagem da prosperidade que certamente viria com a linha telegráfica.

traçadas, casas novas sendo construídas. Estava cada vez mais movimentada graças à contínua chegada de famílias polonesas e ucranianas, que seriam localizadas nas “linhas” abertas ao norte e ao oeste da sede. Essas famílias vieram para o Brasil graças à propaganda que se fazia a respeito do país no qual havia muita terra para se trabalhar e onde se precisava de muita mão-de-obra. A região de Prudentópolis “oferecia” terra e trabalho, tornando-se assim um grande atrativo para famílias imigrantes que viam ali a possível realização das promessas de terra fácil, feitas ainda em continente europeu.

Foi então que o diretor da colônia o Dr. Cândido Ferreira de Abreu, em homenagem ao então Presidente da República, Dr. Prudente de Moraes resolveu denominar a colônia de PRUDENTÓPOLIS, nome que fez desaparecer a designação São João de Capanema. Essa mudança do nome ocorreu no início do século XX, e mesmo sendo a maioria da população os imigrantes em nada puderam interferir no nome dado pelos brasileiros, pois existia uma rede de interesses entre latifundiários da região e o governo do Estado, que deu a esses brasileiros o domínio do poder político da pequena vila, fazendo com que imigrantes ficassem durante algum tempo à mercê das decisões dos brasileiros, com o que se criou um clima de rivalidade, principalmente entre ucranianos e brasileiros, que agora tinham os poloneses como aliados. A formação dessa “aliança” deu-se principalmente porque esses dois grupos criaram uma rivalidade com os ucranianos. Os poloneses eram rechaçados pelos ucranianos, em maior número, e os brasileiros viram suas terras “invadidas” pelos ucranianos. Para os ucranianos surgiu a mesma relação, pois “o amigo de meu inimigo é meu inimigo”.

Mesmo com essa rivalidade a pequena vila de São João, agora chamada Prudentópolis, deve muito de sua prosperidade à vinda desses imigrantes, principalmente aos ucranianos e poloneses que se fixaram em terras do município. Os ucranianos, em maior quantidade, chegaram principalmente pelo porto de Paranaguá e vieram através do serviço imigratório paranaense. Já em terra, o transporte era realizado em um trem de bitola até Lapa e, depois, era em carroções que as famílias eram conduzidas até a pequena vila.

Um relato dessas viagens, feito por um imigrante, fala das dificuldades encontradas por eles e também de seu total desconhecimento da futura terra onde iram se estalar.

“... Em Curitiba o trem parou na estação por pouco tempo e logo seguiu para Lapa. Ali, grandes carroções, cobertos com toldos, esperavam por nós. Levaram-nos com a nossa bagagem para uma olaria desativada na periferia da cidade, onde passamos a noite com fome e com frio porque era uma construção sem paredes, cheia de estrume e sujeira... Ficamos ali por três semana. Depois vieram os mesmos carroções e nos levaram adiante... E como os carroceiros fossem alemães, então quem sabia falar alemão podia conversar com eles... Frequentemente vinham os brasileiros, mas nós não sabíamos conversar com eles. O povo construiu uma estrada de três léguas que mal podiam trafegar os carroções. Ela passava por dentro de uma mata densa e escura, onde havia animais selvagens, como porco-do-mato, macacos e até pequenos leões. Quando o povo ouviu pela primeira vez o "berro" dos bugios se apavorou, pensando que era um leão”.³⁷

Com esse relato, podemos perceber que os imigrantes que aqui chegavam, nada conheciam do nosso país, pois muitos deles não sabiam para onde estavam sendo levados até o momento do desembarque, e o que podemos recolher de informações do nosso país, é que a imagem que esses imigrantes tinham é a de um país “maravilhoso” e cheio de oportunidades.

2.1 O LUGAR, A COLÔNIA E O MUNICÍPIO

A formação da colônia iniciou-se com a chegada dos imigrantes ucranianos vindos da Galícia no ano de 1896 e, diferentemente da grande parte das colônias existentes no do país, as chamadas colônias ucranianas não eram formadas por vilas, povoados ou vilarejos, mais sim por “linhas” que eram divididas em lotes com 10 alqueires cada.

Prudentópolis foi dividida em uma série de linhas que obedecem a um sistema geométrico definido. Tão simétrica é essa divisão que se pudéssemos “iluminar” essas linhas, o município de Prudentópolis pareceria uma cidade, com ruas perfeitas, em perfeitos ângulos retos.

³⁷ In: HANICZ, Teodoro. **Religião, rito e identidade. Estudo de uma colônia ucraniana no Paraná.** PUC/SP. São Paulo, 1996.

Segundo levantamentos encontrados, as terras de Prudentópolis foram divididas em 38 linhas, sendo elas ao norte: Rio dos Patos, Candido de Abreu, Nova Galícia, Cônsul Phol, Antonio Olinto, Barra Vermelha, Ivaí, Carlos Gomes, Luiz Xavier, Sertório, Santos Andrade, Vicente Machado, Guarapuava da Esperança, Paraná, Carlos Gomes, Piquiri, Capanema, Coronel Eduardo Chaves, Maurice Faivre, Sete de Setembro, União. E ao sul: Inspetor Carvalho, Rio Preto, Visconde de Nácar, Dezembro, Visconde de Guarapuava, XV de Novembro, Ponte Nova, Ponte Alta, Tiradentes, Jesuíno Marcondes 1ª e 2ª seção, Tijuco Preto, Coronel Bormann, Cláudio Guimarães, Vinte e Três de Abril, Ronda, Vinte e Cinco de Outubro e Taboãozinho.³⁸

Após a chegada desses imigrantes e a distribuição dos lotes, o primeiro trabalho que deveria ser feito era a construção das moradas, que primeiramente eram feitas de madeira de pau-a-pique, chão batido e cobertas com folhas de palmeira.

Segundo Zaruski (2001), os primeiros anos dos imigrantes ucranianos e poloneses em solo paranaense não foram nada fáceis, visto que o governo apenas lhes concedia as terras, e o dinheiro era escasso, não havendo a possibilidade de regressarem para seu país de origem.

Logo após a construção de suas casas, o passo seguinte era derrubar a mata para logo em seguida preparar o solo para receber o cultivo de cereais. As dificuldades, porém, ainda rondavam a colônia, já que a aquisição de sementes era muito difícil e ainda se não bastasse, não possuíam ferramentas apropriadas, dependendo quase sempre da boa vontade dos vizinhos, o que muitas vezes não ocorria, visto que ucranianos e poloneses foram colocados em linhas próximas, dificultando a relação entre esses dois grupos.

Cabe aqui salientar, que muitas das linhas, principalmente as habitadas pelos imigrantes poloneses, ficam localizadas em locais de difícil acesso e afastadas da sede, o que também se transformou em dificuldade para o “colono” que ainda nos dias de hoje utiliza ferramentas rudimentares para a preparação do

³⁸ In: KUSMA, Rita. **Ritos tradicionais de casamento nas comunidades ucranianas do interior de Prudentópolis: 1920-1930**. Unicentro. Guarapuava, 2002.

solo. Temos que ressaltar que os imigrantes que vieram para Prudentópolis, diferentemente de outros imigrantes distribuídos em todo o Brasil, encontraram uma infra-estrutura que lhes possibilitou escoar suas produções, fazendo, deste modo, que a colônia prosperasse de maneira satisfatória.

Com a imigração vieram padres poloneses e ucranianos, católicos e ortodoxos, que construíram suas igrejas com certa imponência e, graças ao grande número de igrejas, espalhadas por toda a região, a cidade de Prudentópolis é conhecida como a capital da oração.

A vinda desses padres foi um elemento importante para a “manutenção” da identidade étnica tanto de poloneses quanto de ucranianos. Vale lembrar que quando os primeiros imigrantes desses dois grupos vieram para o Brasil, os mesmos não encontraram nenhum tipo de representação política, pois não existiam consulados no país que pudessem olhar para sua causa. A falta dessa representatividade foi suprida pela presença dos padres que conseguiam manter a união entre os integrantes de cada grupo. Por isso, vamos constatar no decorrer desse trabalho, que as principais representações coletivas que esses grupos terão como tradicionais elementos formadores de fronteiras identitárias, estarão ligadas com a religião e com a religiosidade dos componentes desses grupos. Algumas representações estarão ligadas às festas populares e tradicionais, comidas típicas, danças, vestimentas, enfim, a todo tipo de representação cultural, geralmente ligado à igreja.

A pequena vila não parava de crescer, reclamava-se uma organização político-administrativa, que suprisse suas necessidades. As reclamações foram ouvidas e a 5 de março de 1906, pela lei de nº 615 criou-se o município denominado Prudentópolis e, pelo decreto nº 242, foi marcada a eleição municipal para o dia 8 de junho. No dia 12 de agosto do mesmo ano, instalou-se o município. Quem pediu essa organização político-administrativa foram, principalmente, os “brasileiros” e poloneses que em número menor que os ucranianos se viam discriminados pelos mesmos que faziam questão de manter a fronteira étnica intacta. Essa organização deu plenos poderes ao grupo representado pelos “brasileiros” que, como grandes proprietários de terras da

região, bem como pelo contato com políticos influentes, conseguiram manter o poder institucional do município em suas mãos, criando conflito com os ucranianos e se aproximando cada vez mais com os poloneses.

A economia prudentopolitana, num primeiro momento, era baseada na agricultura de subsistência, principalmente no cultivo do trigo, milho e do feijão. A agricultura ainda era rudimentar, devido às terras estarem situadas em terrenos acidentados, não dando condições de ser adotada a agricultura mecanizada, sendo feita com machados, enxadas, cortadeiras, arados, puxados por animais, tornando assim o trabalho pesado e vagaroso, e sem rendimentos adequados, se compararmos com a época em que vivemos.

2.2 OS QUE CHEGARAM

A etnia ucraniana é considerada o maior grupo étnico presente no município de Prudentópolis e também o que mais influenciou no desenvolvimento cultural do mesmo. A etnia ucraniana, apesar da grande miscigenação e assimilação que sofreu através dos tempos, ainda mantém com orgulho as tradições trazidas da longínqua Europa, dando a impressão, muitas vezes, de que seus descendentes nascidos no Brasil não consideram a sua nacionalidade brasileira. A identidade étnica ucraniana adquiriu formas diferentes, assemelhando-se, assim, com a de outras etnias, como por exemplo, a polonesa, com a qual os ucranianos já haviam tido contato em épocas e lugares diferentes.

No caso do município de Prudentópolis, o imigrante ucraniano conseguiu manter sua cultura e seus costumes, principalmente por causa do pequeno número de habitantes que morava no município até a chegada desses imigrantes, que formaram o maior contingente humano na região. Notamos então que os ucranianos mesmo distantes de outras etnias não se mantiveram isolados, o que com certeza acarretou numa transformação de sua identidade étnica, além de alargar a fronteira étnica.

Também vindo a estabelecer-se em Prudentópolis no início do século XX, os poloneses, assim como os ucranianos, concorreram muito para o

desenvolvimento econômico do município e foram, juntamente com os “brasileiros”, os que concorreram com os ucranianos pelo “poder instituído” dentro do município, seja ele político, econômico, social e/ou representativo.

É apenas por uma questão de analogia que denominamos o terceiro elemento prudentopolitano de “elemento brasileiro”, já que este é uma mistura de descendentes de portugueses (bandeirantes), uruguaios, paraguaios, indígenas e muitos outros que contribuíram para a formação desse grupo. O brasileiro difere dos outros dois grupos na sua forma de vida e atividades. Enquanto os dois primeiros elementos preferem trabalhar no campo e na agricultura, o terceiro buscou outro modo, procurando se aperfeiçoar e indo trabalhar em indústrias, companhias construtoras, dentre outras.

Notamos, então, que esses três grupos³⁹ vivem lado a lado, ocorrendo um amálgama étnico e, conseqüentemente, ocasionando a união, que propicia um bom entendimento entre os grupos e contribuindo assim para o “progresso” da terra que lhes proporciona o sustento. Essa união nem sempre ocorreu de maneira passiva, visto que, com a necessidade de legitimar suas representações, para que desse modo pudessem manter suas fronteiras identitárias, os ucranianos, principalmente, demonstravam um certo preconceito para com todos aqueles que não compartilhassem de seu imaginário. A união descrita acima se refere a questões sócio-econômicas, visto que, a união através de laços de casamento não acontecia, pois os descendentes deveriam manter a bagagem cultural trazida pelos seus pais, e isso só era possível se os casamentos fossem entre indivíduos componentes do mesmo grupo. Para a manutenção da fronteira étnica, caracterizada pelo pré-conceito, não era permitido, por exemplo, a uma moça ucraniana casar-se com um “brasileiro”.

Contudo, e principalmente pelo que foi dito acima, o imigrante ucraniano certamente foi o que conseguiu resguardar o maior número de seus valores culturais, primeiramente como uma defesa contra o medo do “outro”, que assolava

³⁹ Lembramos que não são apenas esses três grupos que fizeram e fazem parte da população prudentopolitana, mas, por uma razão quantitativa, esses serão analisados por suas representações.

o imigrante, e depois pelo apego e a necessidade de manter sua identidade, apegando-se ao tradicional e evitando a aculturação.

Conforme LAKATOS (1991), a aculturação é o processo pelo qual duas culturas diferentes, ao entrarem em contato, sofrem mudanças no seu meio sócio-cultural. Neste contato acontecem trocas de traços culturais, sendo que um grupo fornece mais e recebe menos, isto é produto das relações de poder estabelecidas entre estes grupos. Com o passar dos tempos, ambas as culturas acabam por fundir-se, formando assim uma nova cultura, que podemos aqui considerar, a prudentopolitana. Essa nova cultura, em Prudentópolis, tem a contribuição desses três grupos étnicos, sendo responsável por cada elemento da estrutura representativa do município: o poder político, o econômico e o cultural.

Ao percorrermos os usos e costumes da população prudentopolitana, o que será vislumbrado adiante, poderemos perceber a assimilação sofrida através do tempo, que faz com que muitos desses costumes possam ser percebidos nas mais diversas etnias.

Temos então que perceber que as representações coletivas são uma tentativa de manter viva a idéia de identidade étnica, bem como nacional, fazendo permanecer valores milenares trazidos do além mar, que freqüentemente sofrem com a manipulação do imaginário coletivo. Muitas vezes essas representações são caracterizadas por elementos simples, mas que no conjunto conseguem mostrar que o controle dessas representações pode influenciar na formação/transformação de fronteiras étnicas e identitárias.

CAPÍTULO III

UCRANIANOS E POLONESES: DIZE O QUE FAZES QUE TE DIREI QUEM ÉS

As forças atuantes no processo de globalização vêm efetivamente reorganizando o espaço histórico, social e cultural dos imigrantes em território brasileiro, o que conseqüentemente influencia no processo de identificação dos que são considerados como os “outros”, tornando necessário, então, que se crie mecanismos que os identifiquem perante seus “iguais”. Mas, como foi dito anteriormente, não podemos pensar o processo globalizante como padronizador de um determinado campo que corresponde à riqueza essencial das sociedades humanas: a cultura.

Não podemos ignorar que os fatores sócio-econômicos são capazes de determinar as mudanças dentro de determinada região ou sociedade, porém, o que se pretende é demonstrar que o fator cultural também é um elemento imprescindível para a interpretação das diferentes configurações do processo de identificação das sociedades, no nosso caso, da sociedade prudentopolitana. Para isso, torna-se necessário um olhar renovado sobre o imaginário e sobre as representações coletivas dos grupos que predominam numericamente em Prudentópolis e perceber como essas representações agem como mecanismos que forjam mentalidades a partir de relações de poder.

Na sociedade prudentopolitana percebemos diferentes reações decorrentes de atividades cotidianas nem sempre tão distintas, como é o caso das representações coletivas de descendentes ucranianos e poloneses, que muitas vezes compartilham dos mesmos símbolos, mas que são representados de maneira diferente. Visto isso, temos que perceber seus valores, seus mecanismos de identificação e seus sentimentos de pertencimento, temos que dar atenção aos aspectos que dizem respeito à diversidade cultural, étnica e de valores, buscando não somente revelar os mecanismos que a regulam, mas também afirmar como a existência desses mecanismos dá significado à vida de diferentes grupos sociais,

pois o homem muito mais que produtor de seu tempo é sujeito dele, ele recebe muito mais re-apresentações do que apresentações.

O tema representação está intimamente ligado aos conceitos de imaginário⁴⁰ e identidade na medida em que toda coletividade produz representações de si e de outros grupos, deste modo fazendo uma construção ou transformação de sua identidade.

Segundo BACZKO (1984),

“é através dos imaginários sociais que uma coletividade designa sua identidade; elabora uma certa representação de si. (...) É através do imaginário de uma sociedade que podemos identificar um vasto sistema simbólico que as coletividades produzem e através do qual elaboram os seus próprios objetivos”. (BACZKO:309)

A compreensão e o entendimento do papel das representações no que diz respeito ao imaginário popular da população prudentopolitana é de fundamental importância para a formulação de um modelo de identificação dos indivíduos e do grupo, que rotineiramente se apropria desse imaginário para se re-apresentar. Quando nos identificamos como indivíduo ou como grupo, fazemos uma representação do que somos ou do que formamos (comunidades, sociedades), e o mesmo acontece quando identificamos outros grupos. Criamos representações. Essas representações influenciam o imaginário de uma comunidade na medida em que elas tendem a ser elementos formadores desse imaginário. Cabe aqui salientar que não são os únicos elementos, já que existe um vasto sistema simbólico interligado que vai contribuir na formação desse imaginário, sendo que o controle do poder simbólico é capaz de garantir o controle do imaginário popular.

Mesmo sendo os ucranianos o maior grupo étnico do município de Prudentópolis, podemos notar que os usos e costumes desses se confundem com os dos outros grupos étnicos que residem nesse município, pois muitos desses traços têm suas raízes na Ucrânia, mas inegavelmente muitos deles foram

⁴⁰ O conceito de imaginário com o qual trabalharemos na presente dissertação, é o de um conjunto de representações que uma certa coletividade (ucranianos, poloneses dentre outros) tem por tradicional. Cabe aqui salientar que o conceito de imaginário não está fechado a discussões, visto que ele ainda não foi formulado de uma maneira que possa ser aceita de maneira universal, Não é a proposta desse trabalho formular em definitivo, o conceito de imaginário, mas contribuir para a sua definição.

assimilados de outras etnias como, por exemplo, a polonesa. O controle desses traços peculiares, e que serão vistos a seguir, garantiram aos descendentes ucranianos a certeza de re-apresentar seus símbolos como tradicionais e originais de sua etnia, formando assim suas fronteiras. Em diversos momentos, os usos e costumes desses dois grupos se confundem, muitas vezes parecendo iguais, mas mantendo algumas particularidades que servem de “baliza” para a manutenção da fronteira étnica.

No município de Prudentópolis, as representações coletivas do povo ucraniano, por exemplo, transformaram-se, de forma legítima, no modelo cultural e social predominante e, como tal, compõem a identidade coletiva do município. Como exemplo, têm-se as tradições, os costumes, vícios de linguagem que são encontrados mais freqüentemente entre as famílias interioranas, geralmente descendentes de eslavos (poloneses e ucranianos), e caboclos, havendo também uma miscigenação, graças à união dos povos e de aculturação coletiva.

Podemos perceber os indícios do tradicional e também da aproximação com o novo nas brincadeiras infantis, nas canções de roda, e em toda música cantada. Essas músicas e canções geralmente têm como propósito o entretenimento e, como tais, fazem parte do folclore musical. Além das músicas trazidas do velho continente, sendo a velha pátria usada como fonte de elementos diferenciadores, poderemos notar que em Prudentópolis existem canções que são variantes daquelas cantadas em todo Brasil. Elas são adaptadas, havendo mudanças nas letras, geralmente cantadas em ucraniano, existindo também, uma pequena diferença nas melodias e no andamento da ciranda. Esse tipo de comportamento é um exemplo da assimilação sofrida pelos imigrantes que, tentando criar laços com o país hospedeiro, buscaram alguns meios de se identificar, mas sem perder sua parcela significativa do tradicional. Percebemos aqui o conflito entre as identidades tradicionais e as traduzidas, visto que, muito do que é considerado tradicional pelos ucranianos é uma tradução da identidade polonesa. Esse fenômeno também poderá ser vislumbrado nos casos pitorescos, que seguem no capítulo posterior, que identificam o imaginário do caboclo que morava em Prudentópolis antes da chegada dos imigrantes, e que mostra que

esse caboclo, ou “brasileiro”, não passa para seus descendentes as tradições e o que faz parte do imaginário do imigrante.

3.1 CULTURA: A TRADUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO COLETIVO

Através de elementos de identificação que os grupos (poloneses e ucranianos em Prudentópolis) têm por tradicional, podemos perceber qual é o grau de influência de cada etnia na formação de um novo paradigma cultural, o prudentopolitano. Durante todo o século XX, tanto ucranianos quanto poloneses lutaram para manter a hegemonia sobre o imaginário coletivo de Prudentópolis, sendo que essa luta concorreu para a manutenção de suas fronteiras étnicas mas, acima de tudo, formou uma nova identidade, que pode ser vislumbrada por um amálgama cultural que reconhece e legitima a influência de dois ou mais grupos. No caso de Prudentópolis podemos perceber que durante muito tempo a população (poloneses, ucranianos e “brasileiros”) adquiriu, assimilou usos e costumes desses grupos. Isso poderá ser vislumbrando na música, na gastronomia, enfim, nos usos e costumes que esses indivíduos utilizam para se re-apresentar ao grupo. A preservação desses usos e costumes mantêm-se viva no liame das gerações, sendo passada de pai para filho e sendo, muitas vezes, assimilados pela coletividade.

Os ucranianos, por exemplo, preservam vários estilos musicais sendo que, um dos principais, que agrega as coletividades e é facilmente vislumbrado, principalmente nas colônias, é a chamada “kolomeika”⁴¹. O estilo destes cantos é lírico, singelo e ligeiro e é cantado em dias de festas e casamentos. O ritmo da kolomeika é bem acelerado e alegre, o que faz com que as pessoas não consigam ficar indiferentes diante dos casais que geralmente giram por toda a sala. A kolomeika é um exemplo de tradição entre os descendentes de ucranianos e de tradução para os descendentes de poloneses e os demais grupos que têm a sensação de que ela representa o povo prudentopolitano, como se esse estilo

⁴¹ As “kolomeikas” são cantos populares escritos em versos, tendo como tema principal o amor.

tivesse sido criado em terras do município. A dança conservou sua originalidade, não sofrendo a influência das danças de salão, mantendo sua vivacidade e a expressão fiel do seu caráter nacional. Podemos percebê-la nas reuniões de famílias, casamentos, e também em apresentações do grupo folclórico ucraniano: O Grupo Folclórico Ucraniano-Brasileiro Vesselka.

FIGURA Nº 02 – GRUPO UCRAÍNO-BRASILEIRO VESSELKA



FONTE: www.vesselka.com.br

As danças tradicionais ucranianas dividem-se em três categorias; as danças em grupos, que foram preservadas de festejos e cerimônia antigas; danças aos pares, expressão dos sentimentos e ocorrências da vida humana; e as danças individuais, que servem para antigas tradições e desafios.

As danças e músicas ucranianas tendem a demonstrar a saga do imigrante e principalmente resgatar e resguardar o cotidiano da vida dos antigos imigrantes. Sempre tratando da vida de heróis, essas canções tentam criar um arquétipo de como era um verdadeiro ucraniano que, segundo essas canções,

deveria ser bravo, corajoso, destemido e principalmente fiel a sua pátria, criando e transplantando para a atualidade a imagem do ucraniano. Percebe-se que a música ajuda a compor o tipo “ideal de ucraniano”, fazendo com se criasse uma imagem de que todo ucraniano e seus descendentes eram corajosos, trabalhadores, destemidos. Um exemplo é o um poema épico transformado em canção, que trata da busca da liberdade e da busca do sustento.

“No fluir secreto da vida,
atravessei os milênio.
Vim dos vikings navegantes,
cujas naus aventureiras
traçaram rotas nos mapas.
Ousados conquistadores,
fundaram Kiev antiga,
plantando um marco na história
de meus ancestrais.
Vim da Ucrânia valorosa,
que foi Russ e foi Rutênia.
Povo indomável, não cala
a sua voz sem algemas.
Vim das levas imigrantes
que trouxeram na equipagem
a coragem e a esperança.
Em sua luta sofrida,
correu no rosto cansado,
com o suor do trabalho,
o quieto pranto saudoso.”⁴²

Podemos perceber que esse tipo de representação coletiva é de fundamental importância na construção da identidade étnica, visto que dentro dos costumes do imigrante e posteriormente de seus descendentes, ainda estava muito forte a questão do nacionalismo ucraniano e de que uma pessoa que deseja ter os adjetivos citados acima deve ser ucraniana ou se reconhecer e ser reconhecida como tal.

Vale reforçar a afirmação que entre os usos e costumes do elemento ucraniano, podemos encontrar várias características que se assemelham com as das outras etnias, mas usualmente elas têm origem e características próprias, que podem identificá-las como originais, pois são representadas de maneira diferente.

⁴² KOLODY, Helena. **Luz Infinita**. Curitiba; museu – Biblioteca Ucranianos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva, Clube Ucraniano-Brasileiro, Organização Feminina, 1997.p.152

A influência imigrante também pode ser percebida nos trajes típicos usados em algumas ocasiões, quando os homens vestem camisas, bordadas com desenhos característicos, com as “charavare”⁴³ que são usadas por dentro de botas de cano longo. Na cintura usa-se uma faixa larga, de cor contrastante do resto da indumentária. Já as mulheres usam saias de linho, com barra bordada com ponto de cruz, blusas brancas também bordadas, coletes pretos bordados, com pedrinhas ou linhas coloridas, botas de cano longo preta ou vermelha. Na cabeça, colocam grinaldas de flores variadas, com fitas pendentes, aventais bordados com ponto de cruz. São várias as ocasiões em que certas vestimentas são usadas, mas atualmente o costume pode ser observado apenas em apresentações folclóricas.

Além da tradição de usar vestimentas trazidas pelos imigrantes, podemos vislumbrar, de forma mais contundente, as tradições religiosas que foram resguardadas por séculos pelos ucranianos e seus descendentes.

Quando da vinda dos primeiros imigrantes para o Brasil, eles não tinham ninguém que olhasse por eles, visto que não existia nenhuma representação diplomática que pudesse garantir os direitos que esses imigrantes tinham adquirido, pelo menos em promessas, ainda em solo europeu. Sem essa representação esses imigrantes se apegaram a um tipo de representação que eles tinham certeza que não os abandonaria em momento algum de suas vidas, a representação religiosa. Com isso, não é difícil perceber por que a maioria das representações coletivas que esses imigrantes tentam pôr em prática e passar para seus descendentes são as representações religiosas. É através desse meio de representação que as lutas pela unidade étnica se trava no município de Prudentópolis. Um exemplo é o grande número de igrejas que existem no município, as quais, além de demonstrar toda a fé existente entre a população, mostram que sempre houve uma enorme concorrência no que diz respeito a qual grupo étnico era capaz de construir mais templos, mostrando assim sua competência. Sendo assim, quando saímos em direção às linhas existentes em Prudentópolis encontramos em quase todas as localidades duas igrejas, uma em

⁴³ Uma espécie de calça larga.

frente a outra, uma polonesa e uma ucraniana. Sendo o número de imigrantes ucranianos muito superior ao número de poloneses e brasileiros, os últimos se uniram para não deixar que a cultura ucraniana se difundisse entre todos os habitantes da região, o que nem sempre foi possível.

Com a tentativa de demonstrar sua superioridade, os ucranianos e seus descendentes fazem de tudo para que suas tradições se disseminem entre os outros habitantes da região. Para tal, suas representações, tidas como tradições, são dotadas de significados que traduzem o “verdadeiro espírito ucraniano”, o espírito religioso que segue todas as normas de Deus transcritas pelos homens.

Um exemplo da tradição religiosa ucraniana e que sobressai em relação aos outros, e até disseminada entre eles, é o Natal. O natal ucraniano é rico em tradições e superstições, que carregam significados e simbolizam os temores e as crenças do povo ucraniano e por causa de sua difusão também povoam o imaginário de diversas famílias de outras etnias.

Na véspera do natal típico ucraniano, o jejum é obrigatório a todos os familiares. Quando começa a anoitecer, o chefe da família traz o diduch⁴⁴ para dentro de casa e espalha num canto. O diduch é o símbolo que o povo ucraniano encontrou para agradecer ao Deus Criador pelos alimentos recebidos e também para pedir força para continuar produzindo o alimento e tudo aquilo que se fizer necessário para a existência.

Logo depois, o chefe da família volta a trazer mais um feixe de palha de trigo (oio snip) quando aparece a primeira estrela no céu. “Oio snip” quer dizer avô-feixe e é símbolo de fartura. Em seguida toda família comemora a data com uma ceia. Primeiramente é feita uma oração, em seguida as felicitações, depois se canta “Boh Predvitchnei”⁴⁵

Para a ceia, a dona de casa prepara 12 pratos, que não contêm nenhum tipo de carne. Dentre eles o “Kuthiá” é o mais importante e é preparado com grãos de trigo cozido com mel, semente de papoula, nozes e amendoim. O trigo simboliza o produto agrícola mais antigo e o mel simboliza o árduo trabalho da

⁴⁴ feixe de palha de trigo.

⁴⁵ Canção tradicional do natal ucraniano.

abelha. Esse tipo de representação simboliza todo o esforço que foi realizado para a conquista da terra, da qual poderiam retirar os frutos para se alimentar. Esses frutos dependem de um trabalho árduo, mas que no final é doce e saboroso. Demonstra também a idéia de fronteira no momento em que representa o ucraniano e seus descendentes como trabalhadores que concorrem para o progresso da região.

FIGURA Nº 03 ALIMENTOS TÍPICOS DO NATAL UCRANIANO



Fonte: Acervo do Museu do Milênio – Prudentópolis -Pr

É no natal que grupos de pessoas saem às casas dos vizinhos, amigos e parentes, cantando músicas chamadas de “kokhade”. Depois, o líder do grupo transmite uma mensagem, desejando tudo de bom aos moradores da casa. Antigamente, ainda de madrugada, todos iam à igreja para participar da missa.

A festa dos três reis também é carregada de cerimônias e, novamente 12 pratos são preparados para a ceia, mais uma vez não contendo nenhum tipo de carne. Depois da ceia, moças e rapazes, vão às casas dos amigos e vizinhos cantando um novo repertório, com motivos da data. O objetivo, além de desejar que um bom ano se iniciasse, era de demonstrar a união que ainda permanecia

entre os descendentes dos imigrantes. Além disso, essas visitas mostrariam à população quem eram os descendentes de ucranianos, quem fazia parte desse grupo, aproveitando a situação para legitimar a fronteira étnica.

Um ritual bonito e antigo, mas que aos poucos está desaparecendo do costume ucraniano e que por isso não conseguiu se fortalecer entre a população prudentopolitana é o ritual da bênção da água. Esse ritual se desenrolava da seguinte maneira. De madrugada, após a Santa missa, todos saíam da igreja e seguiam em procissão a um rio ou fonte de água, onde era feita uma cerimônia especial, durante a qual o celebrante invocava o Espírito Santo, a fim de enviar dos céus graça divina sobre esta água e conceder-lhe força de purificar, libertar dos males de qualquer espécie, repelir forças malignas, tornando a água da fonte pura, com a bênção divina para todos os lares e seus habitantes. Os fiéis levavam jarros e garrafas para apanhar um pouco dessa água benta, quando toda a família tomava um pouco, e o que sobrava era colocado num prato ou tigela, esperando o dia em que o padre viesse para benzer a casa. Após o café, todos ficam em casa esperando a visita do padre. Todos são persuadidos de que a visita do padre e sua bênção são importantíssimas, e que esse seria o dia mais importante e feliz do ano. Esse tipo de ritual foi suplantado pela dificuldade de deslocamento dos fiéis, mas ainda pode ser encontrado em algumas regiões do município.

Uma data muito representativa para os ucranianos, e que certamente é a que identifica a fronteira étnica, é a páscoa. Ela mantém as suas cerimônias tradicionais, sendo que na Quinta e Sexta-feira Santa e no Sábado de Aleluia, são celebradas na igreja cerimônias especiais para esses dias. Na véspera, é costume levar à igreja uma cesta, contendo manteiga, salame, sal, e um pão especial chamado “bapka” e a “pêssanka⁴⁶”. Estes alimentos são comidos no dia da páscoa, no café da manhã, quando toda família se reúne.

A “pêssanka” é uma arte de colorir ovos pascais. É uma arte muito antiga, que advém do paganismo. Na Ucrânia, coincide com a chegada da primavera. A

⁴⁶ Ovos cozidos e pintados de cores vivas e desenhos característicos. São ovos inteiros que são decorados com uma combinação de desenhos e cores. Geralmente a pêssanka é dada aos membros da família e aos amigos respeitados, tornando-se mais tarde objeto comercializado entre os turistas que visitam a cidade.

tradição representa as novas esperanças que chegam com a nova estação, a estação das flores. Com a chegada do cristianismo, passou a simbolizar a promessa de um mundo melhor, com a ressurreição.

FIGURA Nº 04 PÊSSANKA



Fonte: Meroslava Krevci – Arquivo Pessoal

A tradição de colorir ovos é muito forte entre os ucranianos em Prudentópolis e, geralmente, é feita durante a quaresma, tempo que antecede às comemorações pascais.

Para compreender o que esses ovos representam, segue a *Lenda dos Ovos de Páscoa*.

“A Virgem Maria estava tristonha, pois seu filho tinha sido crucificado. Já a três dias ela andava muito infeliz – nada comia, nada bebia. Outras mulheres, que eram bondosas, vinham alegrá-la e convidaram-na para comer algo. Mas ela continuava silenciosa e recusava-se a comer.

Ana, uma moça beata, vinha vê-la muitas vezes, No domingo de manhã, espalhou-se a nova de que Cristo ressuscitara. Ana pegou tudo o que possuía, todos os seus bens, alguns ovos e foi a casa da Virgem Maria.

- *Maria, não chore! Não fique triste! Não sabe que seu filho ressuscitou? Alegre-se Maria!*
- *Sei, respondeu Maria! Meu filho me apareceu*

no sonho. Eu o vi numa claridade e glória tão ofuscante que meus olhos ainda doem do brilho. Sei sim! Meu filho ressuscitou!

A moça deu o seu presente à Virgem, uma cesta com os ovos. Lágrimas de alegria rolaram de seus olhos e pingaram por cima dos ovos.

Aconteceu então a maravilha das maravilhas, o milagre dos milagres: onde caíram as lágrimas de seus olhos santos, floresceram desenhos multicoloridos. Flores maravilhosas, pássaros fantásticos e estrelinhas. Então, a Mãe de Deus sorriu feliz e começou a dar os ovos para todas as pessoas, dizendo:

- Alegrem-se! Cristo ressuscitou!

Devolveu, então, a cesta vazia a boa moça. Ana pegou-a e saiu. Quando olhou para a cesta, surpreendeu-se ao ver que a cesta estava cheia de lindos ovos pintados. Alegrou-se, e pôs-se a correr pelas ruas de Jerusalém e toda vez que encontrava alguém dava um ovo pintado de presente, dizendo:

- Alegrai-vos! Cristo ressuscitou!

Por mais que Ana distribuisse os ovos, o seu cesto estava sempre cheio. As pessoas que os haviam recebido de presente levavam-nos adiante, davam aos seus amigos saudavam-se com as palavras:

- Cristo ressuscitou!

Em pouco tempo todos sabiam que Cristo ressuscitara.»⁴⁷

As pêsankas, para os ucranianos, simbolizam a ressurreição de Cristo, e representam o espírito de amizade, cordialidade, amor e admiração, visto que, depois de pintadas e abençoadas, as pêsankas serão presentes que serão entregues a amigos e familiares. Como os costumes dos ucranianos são uma mistura de fé e misticismo, as pêsankas não seriam uma exceção. Os mais idosos acreditam que a pêsanka é uma espécie de amuleto que, depois de abençoado, protege a casa contra a destruição do fogo e dos maus espíritos. A pêsanka simboliza a vida, e cada um dos seus desenhos e de suas cores tem um significado profundo e simbólico. Tradicionalmente, durante a última semana da Quaresma, festejada nos calendários católico e ortodoxo, as pêsankas são produzidas manualmente, geralmente em casa ou em comunidades, e no domingo de páscoa elas são levadas à Igreja, onde serão abençoadas pelos sacerdotes.

Sendo símbolo da vida, com a qual as pessoas são presenteadas, a Pêsanka carrega as camadas mais profundas do misticismo religioso para os

⁴⁷ In: KUSMA, Rita. **Ritos tradicionais de casamento nas comunidades ucranianas do interior de Prudentópolis: 1920-1930**. Unicentro. Guarapuava, 2002.

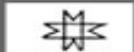
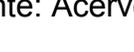
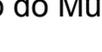
ucranianos. Acredita-se que toda a vez que uma mulher faz uma Pêssanka, o diabo é empurrado de volta para o seu cativeiro e, inversamente, quando a mulher faz a última Pêssanka, Deus reinará triunfante no mundo inteiro.

As Pêssankas têm diferentes cores e diferentes desenhos, cada qual com seu significado próprio e que simbolizam diferentes desejos e anseios.

- 1 flores -simbolizam o amor, caridade e boa vontade;
girassol – calor dos raios do sol;
- 2 árvores que não morrem de geada (macieira e folhas de carvalho), simbolizam juventude eterna e saúde;
- 3 rosas – amor e delicadeza;
- 4 o sol e as estrelas – vida, boa colheita e fortuna;
- 5 diversas formas de cruzes – vitória de Cristo sobre a morte;
- 6 faixas desenhadas em torno de ovo – vida eterna;
- 7 triângulo – ar, fogo e água;
- 8 céu, terra e inferno, sol trovão e calmaria – Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo;
- 9 os pontos e as gotas – lágrimas da Mãe de Deus;
- 10 pombo, galinha e galo – fertilidade;
- 11 peixe – cristianismo;
- 13 cavalo, cervo – riqueza e saúde.⁴⁸

⁴⁸ SENAC – Terra das Cachoeiras Gigantes – Curso de Condutores de Grupos de Turismo Especializados em Atrativos Locais. Professor Irajá Luiz da Silva. Gráfica do SENAC, 2001.

FIGURA Nº 05 SÍMBOLOS PINTADOS NAS PÊSSANKAS

		<i>Riqueza, Saúde</i>
		<i>Cristianismo</i>
		<i>Fertilidade</i>
		<i>Amor, Felicidade</i>
		<i>Juventude eterna</i>
		<i>Fartura, Boa colheita</i>
		<i>Casamento</i>
		<i>Santíssima Trindade</i>
		<i>Longa vida</i>
		<i>Imortalidade</i>
		<i>Eternidade</i>
		<i>Proteção</i>

Fonte: Acervo do Museu do Milênio – Prudentópolis-Pr

Percebemos que cada desenho tem o seu significado, simbolizando os desejos de quem os fabrica em relação a quem os recebe e, como tal, funciona como representação da crença e da religiosidade do povo ucraniano. As pêssankas são utilizadas para presentear as pessoas queridas que, geralmente, se reúnem à família no domingo de páscoa para dançar e cantar canções de primavera.

Dentro do folclore ucraniano, encontramos também as cantigas trazidas pelos imigrantes, chamada de “hailka”. Nos três dias em que se comemora a páscoa, se entoia a “hailka”; os jovens e crianças reúnem-se no pátio da igreja para cantar músicas singelas e simples, que versam sobre temas dos costumes ucranianos.

Segundo relatos do Padre Tarcísio Zalunski⁴⁹, as hailkas pertencem à criatividade popular antiqüíssima e nela se reflete a alma do povo, a cultura, crenças e mentalidades. Muitas idéias e palavras foram substituídas por novas,

⁴⁹ In: IVANCHICHEN, Claudete. **A imigração Ucraniana: Da Ucrânia a Prudentópolis-PR.** UNIPAR. Cascavel, 2002.

para a acessibilidade da mentalidade dos novos tempos. Segundo o relato do padre Tarcísio, não há dúvida que se pode vislumbrar, do conjunto das canções e rituais primaveris ucranianos que chegaram até nós, apesar de modificados, uma idéia geral sobre tempos antigos da história humana.

As haïlkas não são exclusivamente do costume ucraniano, mas sim de todo o povo eslavo oriental. Quando na Ucrânia ainda predominava o paganismo, as haïlkas significavam o momento da ressurreição após a longa temporada do inverno. Mas com o advento do cristianismo, significam a Ressurreição de Cristo. As haïlkas em Prudentópolis são ótimo exemplo para demonstrar o funcionamento da fronteira étnica. Geralmente os ucranianos e seus descendentes juntam-se ao redor da igreja e de mãos dadas circundam a mesma, cantando músicas e cantigas na língua ucraniana. Quem não faz parte dessa etnia dificilmente compartilha dessas comemorações.

Pode-se notar, porém, que as comemorações dessas diversas datas contêm várias características parecidas, diferenciando-se, às vezes, por pequenos detalhes que mudam totalmente o sentido das comemorações. Quanto mais elas se assemelham, mais elas demonstram o quanto é possível se renovar o pensamento sobre o assunto e o quanto é necessário que tais costumes não sejam esquecidos com o passar do tempo.

Em Prudentópolis, grande parte dessas tradições ainda se mantêm inalteradas, como por exemplo a arte da “Pêssanka”. A tradição da “Pêssanka” continua tão forte, que vários professores da técnica são convidados para passar alguns meses e até anos na Ucrânia, para renovar a tradição, já que com o passar dos anos e de vários conflitos políticos e religiosos, a tradição vinha sendo esquecida e deste modo precisava ser renovada.

FIGURA Nº 06 AULA DE PÊSSANKA



Fonte: Acervo do Colégio Santa Olga em Prudentópolis

Essa é uma foto de uma aula da arte de colorir pêsankas, onde várias gerações se encontram para deixar no liame o que os ucranianos têm por tradicional. Nessas aulas é obrigatório o uso das vestimentas típicas, pois desse modo as crianças se acostumam com o traje trazido pelos imigrantes.

Outro exemplo de permanência é a língua ucraniana que continua viva até hoje e não somente no interior do município. Dentro da própria cidade é comum encontrar pessoas conversando em ucraniano. A língua ucraniana falada em Prudentópolis é considerada pelos ucranianos da Ucrânia como arcaica e é fonte de estudo para diversas pesquisas lingüísticas.

Até nas construções encontra-se a influência ucraniana, já que as maiores construções do município de Prudentópolis são: o Seminário São José, que se situa ao lado da igreja São Josafat, e o internato das freiras que fica nas proximidades e que durante muito tempo preparou os descendentes de ucranianos para o sacerdócio e para vida religiosa.

Temos que perceber, porém, que não só de representações ucranianas é formado o imaginário coletivo da população prudentopolitana. Mesmo sendo uma fronteira muito próxima, entre representações ucranianas e polonesas, ela existe e como tal não pode ser ignorada. Essas representações, mesmo parecidas, atuam como mecanismos de identificação, elas marcam diferenças. A diferença é

marcante no que diz respeito aos processos de identificação, mas como elemento de representação ela demonstra certas características que fazem com que ela aproxime essas fronteiras, criando assim o conflito identitário existente na região de Prudentópolis.

3.2 O “OUTRO”: O POLONÊS

Através de centenas de anos, a Ucrânia fazia parte do império polonês e, como tal, adquiriu vários costumes do país que a subjugava. Dentro dessa afirmação, não podemos dizer que todos os usos e costumes trazidos pelos imigrantes ucranianos sejam originários da Ucrânia, pois muitos foram assimilados durante muitos anos, sendo que hoje fazem parte do imaginário coletivo ucraniano e, por conseguinte, do prudentopolitano.

Dentro dessa perspectiva, analisaremos alguns traços culturais poloneses, e traçaremos um perfil que possa nos ajudar a perceber as aproximações e distanciamentos dos usos e costumes desses dois grupos étnicos, para depois conseguirmos perceber quais as permanências e (des)continuidades e quais são suas “reais” contribuições na criação/transformação da identidade prudentopolitana.

No ano novo polonês, imigrantes e seus descendentes se saúdam, atirando pequenos punhados de aveia uns nos outros, desejando fartura e prosperidade. Essa saudação não fica restrita apenas à casa, pois os mesmos saem às ruas desejando feliz ano novo a todos. Quando se visitam, espalham aveia nos quatro cantos da mesa, para que jamais falte pão, tanto a quem recebe a saudação, quanto a quem a oferece. As crianças batem nas portas das casas vizinhas desejando um ano bom, e então recebem presentes, ou dádiva qualquer, que é chamada “kolenda”⁵⁰. Alguns anos atrás, as crianças se fantasiavam com pele de urso, lobo, ou carneiro, praticando algumas travessuras, com é de costume da data em diversos lugares do mundo.

⁵⁰ Cesta cheia de frutas e outros alimentos.

Segundo Marcos Panski⁵¹, descendente de polonês, até algum tempo atrás, era possível perceber o preconceito dos ucranianos em relação aos que não faziam parte do seu grupo: “nós nem ia nas casa de ucraino, pois eles faziam a gente rezar que nem eles, e se não rezasse eles só davam bolachas velhas”. Vemos que os processos de identificação estão nos gestos mais simples, até mesmo num desejo de bom ano.

Antes da meia-noite reúnem-se todos os familiares e amigos, trocam felicitações e brindam com champanha e vodka. As moças que pretendiam casar aproveitavam a data para adivinhar o seu futuro. Derramavam cera derretida sobre água fria, viam o que se formava, e escutavam o ladrar de um cão para saber de que lado vinha, pois seria daquele lado que viria o seu noivo.

Para os poloneses e seus descendentes, bem como para “brasileiros”, as festas pascais começam no chamado Domingo de Palmas, pois nesse dia os ramos de palmas eram levados até o padre para que fossem benzidos. No Domingo de Palmas se faz ramalhetes, que são benzidos e depois guardados como recurso contra numerosos males. A páscoa é uma data conflitante no município de Prudentópolis, visto que, é a data onde tanto poloneses quanto ucranianos tentam impor suas representações coletivas, sendo que, mais uma vez, graças à superioridade numérica, a ucraniana é a que sobressai na população prudentopolitana.

Na Sexta-feira Santa, para poloneses e descendentes, é feito muito barulho com matracas, para afastar os maus espíritos, e nesse mesmo dia visita-se o túmulo de Cristo morto, fazendo a “noite da vigília” até altas horas da noite do Sábado Santo.

No Sábado Santo, as donas de casa preparam alimentos tradicionais, sendo que nessa data também é do costume polonês pintar ovos, semelhante ao costume ucraniano, só que são chamados de “pisanka”, que são colocados numa cesta, juntamente com outros alimentos, e levados à igreja para serem

⁵¹ Entrevista realizada no dia 09 de maio de 2006

abençoados pelo padre. No dia de páscoa toda a família é reunida para a tradicional “swenconka”⁵².

No natal polonês é feita uma solenidade religiosa chamada “roraty”, missa solene com “glória” cantado, e na noite de natal acontece a “vigília”. A mesa de refeição é preparada, cuidando de vários detalhes que advêm do costume polonês. Toda a família reúne-se em volta da mesa e o chefe com o “Oplatek”⁵³ na mão, espera que a primeira estrela apareça. Quando ela aparece, o chefe da família reparte o pão celeste em quantas partes forem necessárias, uma para cada pessoa presente. Na ceia é obrigação servir-se de todos os pratos, pois todos simbolizam a fartura que não deve ser desperdiçada. À meia-noite toda a família vai à missa do galo, chamada de “pasterka”.

No dia de natal não se deve chorar, beber, emprestar, ou praticar qualquer ação má, pois se acredita que tudo o que é feito durante esse dia será feito durante todo o ano seguinte.

3.2.1 O casamento polonês: ritos e credices.

Jaciaba é a denominação de uma colônia⁵⁴ polonesa localizada no município de Prudentópolis, no centro-sul do Paraná. Embora tenham aprendido o português e tenham assimilado a cultura brasileira e também a ucraniana, os descendentes dos imigrantes preservaram muitas tradições, como é o caso do casamento tipicamente polonês que segue o ritual trazido do além mar e que caracteriza a formação da família polonesa, que exige que esses rituais sejam seguidos para a manutenção da fronteira identitária. Deve ficar claro, porém, que esses rituais perdem suas características peculiares a partir do momento que os imigrantes e seus descendentes saem do campo em direção a áreas urbanas.

⁵² Frutos benzidos.

⁵³ Pão celeste. Pão benzido e repartido para todos os presentes.

⁵⁴ Entenda-se aqui colônia como o grupo de descendentes de imigrantes, nesse caso oriundo da Polônia, que preservaram as tradições, as características culturais, a língua e a religião trazidas da Europa.

Mas no interior do município o ritual segue da seguinte maneira. Antes de marcar o casamento, o “swat”⁵⁵ vai até os pais da jovem consultar sobre o casamento, pedir licença para que ele aconteça. Logo após marcar o casamento, era preciso pensar em contratar uma cozinheira (kucharka) com seus tachos e talheres, uma bandinha de música (musykanti) e o padre (ksiads). Tudo isso devia ser feito com uns dezoito meses de antecedência, para evitar atrasos e contratemplos. Marcada a data com esses três profissionais, então é hora de ir convidando o casal coordenador da festa (druzba e druzbina), os padrinhos e madrinhas, os condes e as damas (sfat e druzka). O convite geral era dirigido para os familiares e vizinhos; na prática, a colônia toda era convidada.⁵⁶

Na véspera, o noivo, juntamente com os músicos, faz uma serenata para a noiva, enquanto as damas de honra e as amigas da noiva trançam o bastão, a coroinha nupcial e as grinaldas, cantando e festejando a “noite da virgem”.

Quem acompanha os noivos na viagem à igreja são os padrinhos, os condes e as damas. A noiva se veste em sua própria casa, com o auxílio de uma pessoa da família que saiba vestir a noiva (staroscina). Por isso, havia o rito da despedida (renkowiny) dos noivos de seus pais, quando eram declamados poemas e orações, intercalados por músicas religiosas. Por três vezes, de joelhos, os noivos pediam a bênção dos pais e estes, chorando, lhes impunham as mãos sobre a cabeça e traçavam o sinal-da-cruz. O druzba, falando em nome dos pais da noiva, dizia:

– Nossa filha sempre foi tratada como rainha; se por acaso ela não servir para você, caro noivo, traga ela de volta que aqui ela será tratada sempre como rainha!"

No final dessa cerimônia familiar, a staroscina jogava balas para os convidados e o druzba servia vodka para os homens e licor para as mulheres. Os sfaty eram encarregados de comprar os foguetes e os cigarros e charutos que eram colocados em caixas de sapato ornadas com papel desfiado. Cada

⁵⁵ Emissário do pretendente.

⁵⁶ os vocábulos em polonês aqui inseridos entre parênteses nem sempre existem no dicionário polonês porque são vocábulos criados nas colônias polonesas.

convidado de honra recebia pregada na roupa uma flor, que era de cedro verde com um lacinho de fita colorida. Para cada categoria de convidados (pais, padrinhos, sfaty, druzba) havia uma flor diferente. Alguns dias depois do casamento, os noivos iam para a cidade para a foto do casamento; a noiva se vestia de novo e então era feito o retrato. Não havia fotógrafos no dia do casamento, muito menos câmera de vídeo.

No dia do casamento acontece toda uma cerimônia, na qual o noivo chega em caravana no portão da casa da noiva e o encontra fechado. Ele terá de conquistar a noiva. Logo após, os noivos se ajoelham diante dos pais, pedindo bênção. Recebem sobre suas cabeças o sinal da cruz como sinal de bênção concedida, logo depois todos se abraçam e se beijam afetuosamente.

Uma carroça toda ornamentada está diante da casa e levará a noiva até a igreja. Juntamente com suas “druchny”⁵⁷, a noiva canta canções de despedida ao seus pais, irmãos e ao seu lar. Enquanto isso, a noiva se dirige à igreja ao lado de sua dama mais idosa, sendo acompanhada pelo noivo e seus cavaleiros.

Ao entrar na igreja, a noiva entra acompanhada com seu irmão mais velho, enquanto o noivo entra com seus cavaleiros de honra. Na despedida da noiva, a mãe a abençoa e coloca sob a grinalda um pedaço de pão, mel, sal, e uma pequena moeda. O matrimônio era realizado dentro da liturgia da missa, sendo celebrado em polonês, pois todos conheciam a língua. A língua muitas vezes era utilizada como elemento formador de fronteira, pois num contato com outros grupos parecidos em sua estrutura fenotípica, como o caso dos ucranianos, ela era responsável por manter os limites dessa fronteira, criando a diferença onde num primeiro contato não existia.

Nas principais encruzilhadas, desde o dia anterior estavam montados arcos (bramka), com duas taquaras verdes e enfeitadas com flores coloridas. O arco principal ficava na entrada da casa onde seria a festa. Os convidados para o casamento não iam para a igreja, mas calculavam o tempo para chegar na festa antes de os noivos chegarem da igreja. Os padrinhos recebiam os convidados

⁵⁷ Damas de honra da noiva.

com um aperitivo, recolhendo os presentes para os noivos, que eram panelas, talheres, ferramentas, quadros religiosos e até guarda-chuva.

Terminada a cerimônia religiosa, o swat se dirigia para a casa da noiva, sendo que no trajeto, os foguetes sinalizavam em que parte do trajeto os noivos se encontravam.

O retorno à casa é muito animado. Ao chegarem à casa da noiva, encontram o portão fechado e ele só pode ser aberto pelos pais da noiva, que oferecem aos recém casados pão e sal. Então começa o banquete nupcial, no qual são servidos vários pratos típicos. Durante o banquete entoam-se diversos cantos. No final realiza-se a “odczepiny”, cerimônia na qual se tira a grinalda da noiva, que é entregue ao noivo. No lugar da grinalda coloca-se um gorro, e os casais mais velhos dançam em volta da jovem. Logo após essa cerimônia acontece outra, a “wianowanie”⁵⁸. Depois da troca de presentes, serve-se bebida e alimentos, seguido de cantos e danças.

A festa do casamento era feita na casa dos pais da noiva, num dia de sábado. Prevendo alimentação para mais ou menos 500 pessoas por dois a quatro dias, a cozinheira se alojava na casa da noiva já na segunda-feira, quando encaminhava a arte culinária da semana. Na terça-feira, ela assava as bolachas de mel com decoração colorida feita à base de glacê e açúcar. Na quarta-feira, ela cozinhava a cerveja caseira (piwo) e a gengibira, mais doce. Na quinta-feira, assava as broas (chleb) e o bolo da noiva (kolacz) e preparava a geléia de porco (zimne nogi). Dois ou três porcos eram abatidos pela manhã, tarefa que todo colono sabia fazer; já para matar o boi previamente engordado, era necessário chamar um açougueiro que possuía os apetrechos adequados. Na sexta-feira, dia em que os condes e as damas vinham para ornamentar o ambiente, a cozinheira se ocupava em preparar os frangos; o frango caipira tinha que ser novo e era doado pelos convidados ao casamento. Os pernis suínos eram assados no forno. Eram fritados os bolinhos de carne (klopse) e os sonhos. O açougueiro esquartejava a carne do boi. No sábado pela manhã, a cozinheira assava os frangos. Um grupo de mulheres fazia a maionese de batata e ovo, cozinhava o

⁵⁸ Entrega dos presentes aos noivos.

arroz, preparava as saladas de cebola e tomate. Numa grelha montada especialmente para a ocasião, vários homens se encarregavam de assar o churrasco. A refeição principal era servida pelas 15 horas, pois a cerimônia religiosa era oficiada na igreja pela manhã ou, o mais tardar, pelas 14 horas.

Enfim, a festa vai começar. Tão logo chegavam da igreja, os noivos serviam o bolo (kolacz) para os convidados. Servia-se então, vodka e cigarros para os homens; as madrinhas da noiva distribuíam balas para as mulheres e crianças. Então, aos poucos os convidados se sentavam à mesa, que eram montadas no paiol. A tarefa dos padrinhos era servir a carne e a cerveja, enquanto as madrinhas serviam a comida. Como o espaço não era muito grande e eram poucos os pratos e os talheres, era necessário servir em duas a quatro mesadas.

Terminada a comilança, as mesas eram rapidamente desmontadas para a dança. O paiol se transformava na pista de dança (boisko), era enfeitado no teto com taquaras verdes e flores de papel e galhos de cedro pregados nas paredes. No início, o druzba dançava com a noiva (wywodziny) e a druzbina dançava com o noivo. Então os noivos passavam a dançar juntos. Druzba e druzbina dançavam com cada um dos pares de condes e damas, até o último casal. Daí a dança ficava livre até o amanhecer do dia. Cada pouco, alguém gritava: Viva os noivos! (Niech zyja nam!).

As bandinhas musicais da época utilizavam o violino, o acordeon, o clarinete, o baixo (basy) e o bumbo. Como não havia energia elétrica e nem amplificadores de som, o melhor clarinetista era aquele que conseguia soprar com mais força no seu instrumento. As bandinhas eram familiares - pai, filho, genro, cunhado.

As músicas de maior sucesso era um xote (Sokola), uma marchinha (Na Zielonem Gaju) e uma valsa (Sla Dzieweczka do Laseczka).

Ao final da noite era realizada a dança da mesa, o czepowiny ou odczepiny. Os noivos eram colocados sentados à mesa ao centro do boisko, juntamente com os padrinhos. Cada conde e dama tinha a tarefa de ir buscando cada um dos convidados e dançar uma volta com o convidado ao redor da mesa dos noivos. Aí, o convidado pagava a gratificação do casamento, depositando uma cédula de

dinheiro no prato dos noivos. A compensação da gratificação era um novo cálice de vodka ou licor, ou balas, ou cigarros. Não havia o costume, como o que pode ser percebido nos dias de hoje, de cortar a gravata do noivo ou recolher moedas no sapatinho da noiva. No final, o noivo ficava sentado à mesa e a noiva escolhia alguns rapazes para dançar com eles, o que era uma grande honra. Ao final dessa cerimônia, a noiva se sentava no colo do noivo e as senhoras casadas retiravam (odczepic) o véu da noiva e então ela recebia um lenço-de-cabeça (chustka); a partir dessa hora, já como mulher casada, ela passava a usar o lenço todos os dias. Fazia-se uma brincadeira, em que as casadas puxavam a noiva para o lado delas e as solteiras puxavam-na para o lado das solteiras.

A música e a dança continuavam até o amanhecer do dia. Para repor as energias, pela meia-noite, era servido um café, com comida especialmente preparada para essa hora: pastel de requeijão (pierogi), bolinho de carne (klops), geléia de porco (zylcz), bolachas, sonhos, bolos, cuques... No almoço do dia seguinte, domingo, parentes e vizinhos iam de novo à casa da noiva para um almoço festivo, chamado poprawiny; se algo não fora bom no dia anterior, agora era reparado! A legitimação de se comparecer nesse almoço era a desculpa de se oferecer para fazer a limpeza do pós-casamento; porém, depois de tanta vodka, o serviço ficava, naturalmente, para os donos da casa para a segunda-feira.

Assim como na cultura ucraniana, a música também é um forte elemento dos costumes poloneses e também relembra fatos marcantes da vida dos imigrantes. Muitas canções polonesas são representadas pelos militares, legionários, e representam a luta dos revolucionários contra os opressores da Pátria.

As danças mais típicas são: o polonês, o krakowiak, o mazur, o quiawiaq, o oberq, entre outros. São danças muito antigas, e eram executadas nos momentos mais solenes.

Os trajes típicos variam de acordo com a dança. As mulheres, em geral, vestem-se da seguinte maneira: vestidos compridos, sem manga, suspensos sobre o corpo por meio de largas alças, ou saias bem compridas, sem rendas, bordados, ou enchimentos ornamentados. Por baixo, blusas brancas de gola

larga, mangas alongadas e abotoadas nos punhos. Correntes, colares, e outras jóias em abundância. Na cabeça, grinaldas em forma de diadema.

O avental é utilizado em algumas danças. Ele é recoberto de rendas e bordados, o “gorset”, colete colorido, fino, ricamente ornamentado. Nos pés sapato de bailarina, ou, conforme a dança, usa-se botas. Os homens usam calças de cores vivas. Camisa branca, com mangas compridas, abotoaduras cintilantes, um grande lenço vermelho no lugar da gravata. Na cabeça coloca-se uma boina, ou “rogatywka” – barrete com 4 ângulos, adornados com várias fitas de seda, caindo sobre as costas. Cintos coloridos, lenços finos e coletes muito enfeitados, como das senhoritas.

Como diz o velho ditado “quem casa quer casa”. O primeiro local que o filho ou a filha do casal polonês pensa em morar é ao lado da casa dos pais, ou seja, no Patacisko, que é o local aonde se plantava batata-doce (pataty) para a alimentação da vaca (krowa) e do porco (swinia). Todo dia, a dona da casa (babka) tinha a tarefa de ir buscar a batata-doce para os animais, com o auxílio de um carrinho-de-mão (toki). Por isso, o Patacisko tinha que ficar perto da casa. Olhando da janela da casa-mãe, a babka - mãe ou sogra - conseguia controlar no Patacisko as briguinhas do casal novo, as brincadeiras dos netos, a hora de as crianças irem para a escola e a hora que o genro chegava em casa.

As comemorações dos poloneses são muito parecidas com as ucranianas, demonstrando assim que em algum momento a fronteira étnica existente entre esses dois grupos foi transposta, mas em momento algum desapareceu.

Essas tradições também podem ser compreendidas como elementos formadores de fronteiras, visto que, num sentido amplo, elas são tudo aquilo que uma geração herda e que lega às seguintes. Perceber as permanências dessas tradições e a maneira com que elas se re-apresentam ao grupo social prudentopolitano é perceber que as fronteiras identitárias não são imóveis, mas que elas são moldáveis, não no sentido de limites que não podem ser transpostos, mas sim no sentido de que, através do contato com o diferente, podemos adquirir novos elementos de identificação, criando assim uma nova fronteira que muitas vezes pode admitir, em níveis variáveis, o “outro”. Falar sobre o “suposto” domínio

das normas e condutas impostas pelos ucranianos e seus descendentes seria, enfim, aceitar que os outros grupos assimilaram atônitos os usos e costumes do grupo majoritário.

CAPÍTULO IV

UCRANIANOS, POLONESES E BRASILEIROS EM PRUDENTÓPOLIS: ILHAS CERCADAS POR “QUASE” TODOS OS LADOS?

Para a formulação de uma fronteira étnica e identitária é necessário que seja estabelecido um padrão ideal que fundamente e legitime o quadro social e cultural de um grupo. Esse padrão ideal pode ser legitimado através dos usos e costumes, das representações coletivas, da criação de estereótipos, enfim, daquilo que as coletividades trazem como tradicional. Cada grupo estabelece seu próprio tipo ideal e através dele forma representações preconceituosas daqueles que não compartilham de seu modelo de interação e de convivência. Vale lembrar que essas representações são consideradas preconceituosas por aqueles que não fazem parte do grupo, pois os componentes desse grupo fazem valer seus processos de identificação, pois desse modo acreditam que estarão resguardando seus valores tradicionais.

A partir dessas representações, que compõem um imaginário coletivo, é que as coletividades (re)montam a imagem do “outro” que, como diferente, deve ser tratado como tal. Essa afirmação pode ser percebida no município de Prudentópolis onde grupos que nunca haviam se encontrado (pelo menos não nessa geração) se hostilizam, apropriando-se de um imaginário criado em terras européias, imaginário esse que será reascendido com a presença do “outro”. Essa manifestação de desprezo pelo “outro” nem sempre ocorreu de maneira agressiva, pelo menos não através do contato físico, não sendo raras as vezes que ucranianos foram vistos “atracados” com poloneses e brasileiros. Ela, muitas vezes, podia ser percebida em gestos, termos pejorativos, causos, recusas de ajuda, utilização da língua estrangeira, enfim, todos os meios que possam distanciar, ou pelo menos, diferenciar o “outro”.

Para analisarmos a formulação da identidade prudentopolitana, temos que buscar informações lá na base de sua estrutura, pois é a partir dessas

informações que podemos identificar o sistema simbólico criado para a manutenção da(s) fronteira(s), pois é a partir desse sistema simbólico que será criado/transformado o imaginário social prudentopolitano que servirá de base para a disputa identitária. Esse imaginário social pode se expressar de diversas maneiras, mas deve ser caracterizado como sendo comum à sociedade.

Esse capítulo se divide em três partes: na primeira poderemos vislumbrar a “dificuldade” de ser polonês e brasileiro entre os ucranianos que, como maioria, tentam manter o predomínio do imaginário criado na região. Parece estranha essa composição de “brasileiros” e poloneses, pois o comum seria vermos os receptores manterem um distanciamento dos que chegam e não se “unir” com um dos grupos. Lembramos que no município de Prudentópolis, poloneses e “brasileiros” são minoria e como tal “lutam” juntos contra a hegemonia ucraniana. Num segundo momento veremos a situação inversa, visto que os ucranianos também se vêem perseguidos pelos poloneses e brasileiros, muitas vezes unidos num mesmo propósito. Num terceiro momento, veremos as transformações e as permanências dentro do quadro cultural desses grupos, pois deste modo poderemos ver quem foi o vencedor dessa batalha pelo “poder” em Prudentópolis, se é que podemos dizer que houve vencedor. Para tal foram realizadas entrevistas que tinham por objetivo, num primeiro momento, a busca de precisão, focalização e escolha de dados que direcionassem o conteúdo da pesquisa dando suporte para a constatação de que a fronteira entre os grupos predominantes em Prudentópolis existe. Logo depois foi criado um questionário que tinha o intuito de perceber se os descendentes dos imigrantes mantêm vivas no liame das gerações as representações coletivas que servem de manutenção dessa fronteira.

4.1 SER POLONÊS E “BRASILEIRO” ENTRE UCRANIANOS

Parece estranha a possibilidade de visualizarmos um grupo “receptor” e um grupo que chega a uma nova terra se unindo num mesmo propósito. Não é tão estranho, se percebermos que esses grupos constituem uma minoria étnica entre um grande grupo que chega e tenta impor seus meios de identificação, fazendo

com que os que não fazem parte desse grupo aceitem, se distanciem ou sofram com o pré-conceito dos componentes desse grupo.

A proximidade entre colônias polonesas e comunidades “brasileiras” também foi um condicionante para a aproximação desses grupos que mantinham, pelo menos de modo geral, um bom relacionamento. Os descendentes de poloneses e de “brasileiros” se davam bem desde crianças, pois os pais deles também se entendiamdavam. Isso acontecia segundo o relato do senhor Vicente Lenart:

O que eu lembro da idade de criança, quando eu tinha uns três anos, eu lembro muito pouco né? Mas eu sei que tinha alguns vizinhos brasileiros que iam lá em casa e traziam a criançada junto e a gente saia brincar e conversar, sempre conversa de criança, a gente não se misturava com os adulto.⁵⁹

Nesse contexto encontram-se poloneses e “brasileiros” que numa tentativa de suportar a constante ação dos mecanismos de identificação dos ucranianos e seus descendentes, criam suas próprias fronteiras, seus próprios mecanismos de identificação, com a finalidade de manter vivas suas credices, anseios, ritos, causos, enfim, tudo o que tinham como tradicional. Vale lembrar que essa resistência não acontecia de maneira totalmente consciente, como se esses grupos se unissem para discutir como manter a hegemonia ucraniana longe, mas era a partir de pequenas atitudes no dia-a-dia que se formulava essa fronteira que resistia à ação desses mecanismos de identificação impostos pelos ucranianos e seus descendentes.

Num primeiro momento, principalmente por parte dos “brasileiros”, a alternativa era a de não relacionar em seus causos, passados de geração em geração, a figura do ucraniano ou mesmo de qualquer outro imigrante. Percebemos claramente essa *ausência* num causo que conta as façanhas de um grupo de desbravadores da região, sendo que nenhum deles era ucraniano,

⁵⁹ Entrevista concedida no ano de 2003 .

polonês e nem descendente de nenhum imigrante que chegou à região, eram os chamados “filhos da terra”.

Esse caso é muito bem narrado pelo Sr. Cosme de Carvalho⁶⁰, em um de seus relatos sobre os causos da região, nos quais ele descreve com perfeição as grandes aventuras de conhecidos seus e de seu pai.

Nhô Quinzinho, depois de contar as façanhas e proezas de um virá⁶¹ que habitava a mata em frente ao seu rancho, acendeu um cigarro, e com um suspiro acrescentou:

- Como o Perdido nunca mais!
- Mas afinal a história do Perdido, quando irá contar? Perguntou o curioso visitante.
- O velho passou a cuia de chimarrão e respondeu:
- Quando mecê tivé conhecido a Pedra Branca!
- Mas qual é a necessidade de conhecer a Pedra Branca para conhecer a história do cachorro ?
- Pois eu já lhe disse: Nhô moço vá conhecer a Pedra Branca que depois não precisa mais desses “PROQUÊ”.

Era a Quinta vez que ele respondia cada tentativa do companheiro de prosa de saber sobre a história do cachorro. Por isso, o visitante resolveu calar-se e prometeu a si mesmo que iria conhecer a tal pedra da qual tanto Nhô Quinzinho fala, e deste modo fazer com que ele conte a história já que a única desculpa era que ele não contava a história do cachorro, se antes não houvesse conhecido a misteriosa pedra.

⁶⁰ CARVALHO, Cosme Pinto. **Contos: Os que não vi me contaram.** Gráfica Planeta Ltda. Prudentópolis. 1994.

⁶¹ Pequeno cervo encontrado na região.

Passaram mais de quinze dias, quando em uma tarde, o curioso companheiro das cuiadas de chimarrão lembrou da promessa que havia feito a ele próprio e aproveitando que no dia seguinte seria um feriado, foi ele até o local onde estava a tão famosa pedra.

Naquela mesma tarde, trouxe o cavalo do potreiro e o fez pernoitar no piquete, para sair na madrugada do dia seguinte, podendo assim voltar no mesmo dia, mesmo perdendo o tempo, dando uma sesteada no caminho.

Ainda era bem escuro quando ele subiu no lombo do cavalo e partiu. Ao lado direito, via na linha do horizonte uma faixa mais clara, indicando o nascer do sol.

Por toda a parte ouvia galos cantarem, às vezes muito distante, por vezes mais perto, um diferente do outro, mas que anunciavam o nascer de um novo dia. Ele vestia uma capa de pano grosso, que não permitia a passagem do frio constante que fazia naquele dia.

Agora, já bem mais claro, ouvia o latir de um péca⁶², muito distante, também ouvia uma vaca mugir, pedindo ração, e o terneiro, separado da mãe durante a noite para aumentar a produção do leite. Na sua frente, no alto de um pinheiro ouvia o canto de um bem-te-vi.

Tudo isso, entretinha o viajante, tanto as belezas visuais, quanto as sonoras, que chegavam até ele como para desejar-lhe uma boa e rápida viagem.

O seu relógio de bolso já marcava onze e meia quando chegou ao seu destino.

Sob o sol esplêndido e radiante daquele dia de inverno, deparou-se com a célebre Pedra Branca.

Entendeu então todo o sentido do dizer de Nhô Quim: “Conhecê a Pedra Branca” sim! Porque sem conhecer aquela beleza diabólica da natureza ninguém será capaz de imaginar, mesmo aproximadamente, o que aquilo possa ser.

⁶² Péca é o nome dado a cachorros de pequeno porte que costumam latir constantemente à chegada de um desconhecido.

Pedra Branca é um morro de pedra, isto é, uma só pedra, de proporção colossal, grudada por um lado à encosta da Serra da Esperança, situada neste município de Prudentópolis.

Há milhões de anos talvez, um fenômeno sísmico ocasional, um tremor de terra ocorreu naquela localidade, deslocando aproximadamente a quarta parte da pedra, sendo que a parte destacada formou-se de uma só rachadura, sendo arremessada pela fúria dos elementos a certa distância, onde depois cobriu-se de terra, sobre a qual hoje há mata.

Assim ficou o morro com um parapeito de elevadíssima altura, capaz de impressionar qualquer homem que tenha a coragem de se aventurar a chegar até a parte mais alta da pedra.

Novo abalo sísmico, mas com maior intensidade fez com que o restante do morro partisse exatamente no centro, e desta forma, a metade já desfalcada, com seu peso descomunal começou a tombar, abrindo-se na parte que permaneceu fixa, de cima pra baixo, como é natural. Então quando a referida abertura, em cima, chegou a aproximadamente seis metros, a matéria bruta resistente brecou para sempre o tombamento do formidável bloco, ficando assim, dois paredões internos lisos, e alvíssimos. Naquela posição ficou, está, e ficará para sempre, até o fim dos séculos.

O visitante que olha de baixo fica maravilhado com a beleza do quadro, e com medo da altura extraordinária. Eis então a Pedra Branca que o curioso conheceu.

Agora já podia voltar, pois já havia almoçado e o seu cavalo já estava bem descansado e alimentado já que ali existia fartura de folha de putinga, e também já havia bebido muita água. Montou-o e seguiu o caminho de volta.

Quando pôde avistar a cidade, o sol já se escondia por detrás dos pinheiros mais altos, então chegando até a encruzilhada que levava até o rancho de Nhô Quim, parou pensou, se daria tempo de um dedinho de prosa com seu velho amigo, e como a curiosidade era tão grande, resolveu ir até lá, já que o rancho não ficava tão distante de onde ele estava. Lá chegando, passando pela porteira, avistou seu amigo vindo a seu encontro, já que ele o havia avistado pela janela da

cozinha. Então Nhô Quim pediu a sua senhora que botasse mais água na chaleira que havia chegado um companheiro para tomar o chimarrão. Chegando na varanda da humilde casa, NhôQuim deu-lhe um banco de três pés para que ele se assentasse e já preparava a cuia quando sua esposa lhe trouxe a chaleira com água quente para o mate. Enquanto ela se acomodava para fazer parte da conversa, contou ao velho qual era o propósito de sua visita, contando que acabara de chegar de sua visita à Pedra Branca.

Como promessa é dívida, Nhô Quinzinho começou a contar a história do tal cachorro. Disse que nem gostava de lembrar do fato, pois era um pedaço muito triste da vida, mas afinal...

Dizia ele:

- Em 1902, nós andava co falecido Sertório, fazendo as medição daqueles terreno, tudo por lá! Fazendo é jeito de dizê proque eu, o compadre Tibúrcio, e mais outros, era pra fazê picada, carregá aquela traquiberne de instrumentos, e tarecos de acampamento. Naquele tempo tudo era mata virge. Tivemo então de fazê uma picada em linha reta pela lomba da serra, que nos custô doze dia de trabaio.

No sexto dia de fazê picada, comecemo a iscuitá uivo de cachorro, na direção pra onde tinha de segui a linha. A noite de novo se iscuitava o uivo do cachorro.

Naquele dia fizemo uns três quilômetro de picada, o sór já tava entrando quando atingimo o cucuruto da pedra.

Carculo que fumo nós os único cristão a pisa no arto da pedra. Saimo tudo do mato e fumo apreciá o Mundo, do arto da pedra.

Foi aí que senti a maior dor da minha vida, pois do outro lado daquele inferno aberto, tava em cima da pedra, deitado, cansado, sem força de uiva, um cachorro, que com certeza, correndo de um bicho, se deparo com o abismo, e pra não cai nele, foi obrigado a se apinchá do outro lado. E do outro lado?

Nhô Quinzinho interrogou com os olhos o visitante que respondeu:

- Tava condenado.

Isso era o que nós tudo tava pensando e comentando. Seu Sertório, com pena do bichinho mandou dá um tiro no cachorro pra acaba com o sofrimento, do animarzinho. Ao escutar essa ordem o compadre Tibúrcio protestou:

- Não atiro e não deixo que ninguém atire no cachorro.

- Mas então?

Percebi então que o cumpadre tava como eu, com o coração transpassado de dó, e quase morri quando vi ele disfarçadamente deixar cair uma lágrima pelo seu sofrido rosto. Então o cumpadre falo:

- Vô busca o cachorro pra mim.

Foi todo mundo pra cima do Tibúrcio.

- Tá loco home! Isso é o mesmo que se mata! Mas não teve consolo, o home tava decidido a resgata o pobre animarzinho, loco pra quere salva aquela vidinha que já se dava por perdida. Pego a foice e foi pro meio do mato e logo depois voltou com a mão cheia de cipó e assim foi amarrando e entrelaçando um a um e com, três paus de guaçatunga, fez uma espécie de jangada, improvisando assim uma pinguéia. Aí então é que nós entendemo o que ele queria. Tentamos ainda várias vezes tirar aquilo de sua cabeça, mas não adianto. O home queria e pronto!

Ele garro um rolo de cipó, pois a tiracólo, munto a cavalo na pinguela e, cruzando os pés por baixo, foi atravessando a brexa naquele cavalo da morte. Todo aquele tempo nós tava meio sem toma fôlego, e só tomou-se um ar mior quando o cumpadre atravessou do outro lado. Lá então garro um poço o cachorro, que mar podia bate a cola de alegre, e pegando do rolo de cipó, ato atado o animarzinho, para ele não se mexe, arciô nas costas, e monto de vorta na ponte improvisada. Antes um poco eu gritei: Não óie pra baixo cumpradre. Ele não respondeu e veio vindo. Quando ele tava bem no meio do abismo ele olho pra nós com um jeito de quem não agüentava mais, parecia que tava se despedindo de nós , com um olhar de quem não tinha mais força suficiente para atravessar, então gritei pra ele:

- Força cumpadre, coragem.

Então conheci a rezar bem baixinho, rezei todas preces que sabia e até inventei algumas, e até gritei bem alto para o meu santo de devoção, até que ele respondeu de lá:

- Não se aflijam companheiro, que eu só to pegando fôlego, se acham que eu me entregaria para um buraquinho desses, estão muito enganados.

Quando ele piso em terra firme, do nosso lado, deu vontade de puxa ele, com medo de que o buraco chupasse o home de vorta, mas minhas pernas tavam mole, não conseguia nem se mexer, e também ninguém se mexeu.

Foi assim que se sarvô-se o cachorro que estava condenado a morte. Perdido, foi o seu nome daí pra diante. Ando cinco dias nas costas do compadre dentre de um cesto, até que termino a picada e pudemo vortá pro acampamento grande. O tempo passou, terminou-se a medição, e cada um seguiu o seu rumo, o compadre morava umas três léguas da serra e como nós havia juntado uns dinheirinho com a medição, aluguei um terreninho pra prantá e lá se fui vizinhá com o compadre.

Perdido fico tão amigo de seu sarvadô que nunca vi mior cão de caça como aquele. Não ouvi fala de cateto porco do mato ou de quaque outro animar que corresse mais de uma hora sem dá acuação. Era muito cinqüenta minutos e lá estava nossas armas sem munição e lá estava o Perdido comendo as pacuêras do bicho.

Lá moremo dois anos, e deu pra juntá uns dinherinhos e forgá pra pode caça por todo aquele lugar.

Assim nós ia vivendo feliz da vida, mas como não se pode vive sempre desse jeito, já veio o destino marvado e nos tiro aquela vida gostosa. E é ai que começa a história triste, Nhô moço.

- Estou escuitando, Nhô Quim!

- Pois foi num Sábado de quaresma quando resorvemo ir de atrás de um tigre, moradô lá da serra e que segundo diziam estava trazendo prejuízo em criação aos colonos mais de perto.

Saímos de carroça já de tarde, e chegamos já tava escuro na casa do colono, a duas léguas e meia da nossa morada. Pozemo na casa do home que naquele dia tinha perdido uma leitoa de meia céva, pegada pelo gatão.

Domingo de madrugada, depois de tratá bem o Perdido e o Guará (outro cachorro), garremo o rumo para onde nos indicaram como morada do pintado.

Dali um quilômetro e meio encontremo pegada fresca do bicho e sortemo os cachorros de atrás dele. Lá pelas dez hora Perdido começo a lati sem para e sempre em direção a serra, e dali a pouco não se ouviu mais nada.

O sór tava a pique e resolvemo armoça na beira de um arroio, e comecemos a conversá mas sempre dando uns toque de buzina pra vê se iscuitava algum sinal dos cachorros. Então o compadre levantou-se e trepou numa gaviroveira para vê se iscuitava alguma coisa e antes mesmo de chega ao topo desceu gritando que o Perdido estava correndo na serra. Também se ouviu os grito do Guará, e o compadre falô que tavam vindo pro nosso lado. De fato a corrida tava vindo pro nosso lado e passo uns trinta metros ao nosso lado e vortô pro lado serra descendo novamente bem a nossa frente e subindo então em linha reta.

Cumpadre Tibúrcio saiu em disparada como se não pudesse perder tempo e eu fui de atrás, mas menos matreiro que ele, acabei ficando pra trás. Suando, se rasgando e derrubando o facão em qualquer coisa que se pusesse a sua frente lá ia o compadre abrindo o mato em direção da acuação. Assim foi até que de repente, termino o mato e ele se viu num lugar limpo, bem na boca da Pedra Branca, em baixo.

Encostado na Pedra estava o gatão com os dentes arregalado, tendo de um lado a uns quatro metros um cachorro com a guela aberta. Assim que deu de cara com o bicho pegou sua arma, debruçou ela na cara, e pertô fogo bem no peito do bicho, a espoleta estralô e a bandida da espingarda fartô fogo. Foi então que deu-se o desastre:

Animados pelos estralos, os cachorros, apertaram de um tudo a cuação, e o monstro se apinchou-se no Tibúrcio, que já de facão em punho, tento se defende, mas só pode corta uma oreia do animar, enquanto levava uma pegada na cabeça e outra no peito do lado direito. Assim que o bicho bateu no compadre

o Perdido lhe pulo no cangote e lhe ferrô os dentes. Gritando de desespero o bicho sartô pra trás fazendo com que Perdido batesse com a cabeça numa pedra. Cheguei no momento certo e confiando na minha espingarda, pois só ela poderia sarvá nois tudo, dei um tiro certo e rebentei os miolos do danado. Só então pude ver mior o que estava se passando. Encostado na pedra eu vi o compadre sangrando pela cabaça e com dois fios de costela quebrada, e logo na frente o monstrengo já sem vida, tendo no cangote o Perdido que na agonia da morte uivava para o seu sarvadô, como se se despedindo e com um oiar que parecia dizê: “Morro feliz e satisfeito, por sarvá a vida, aqui no sopê do abismo, daquele que a seis anos atrais sarvô a minha, la do arto da pedra!”.

Daí pra diante, Nhô Moço, disse Nhô Quim, me pôpe de le contá o resto, porque nem gosto de alembrá.

Ali o velho e seu visitante ficaram por vário minutos em silêncio, até que o primeiro dando um trago no seu paiero acrescentou:

- Pra incurta a história seu moço, seis meses depois morreu o compadre Tibúrcio, um tanto por tristeza e desgosto e outro tanto de doença, por causa da machucadura que tinha ganho.

Então o visitante viu Nhô Quim dar um suspiro de saudade, e percebeu que ele procurava alisar o cabelo para tentar esconder uma lágrima que rolava pelo seu rosto. Mesmo assim ele relatou um último fato:

- A última vez que passei pela Pedra Branca, inda deixei em cima da cruz, já velha e apodrecida, e já tomada pelo mato, um galho de ipê, em menage a aquele animarzinho, pois como Perdido, nunca mais!!!

O visitante então despediu-se do velho, montou o seu cavalo, já estava quase escuro, quase noite. Ele levava um nó na garganta, seus lábios estavam contraídos e na imaginação ele tinha uma tempestade de pensamentos, onde se perdiam imagens de: Nhô Quim, Compadre Tibúrcio, Pedra Branca e Perdido.

Esse caso apenas se limita a não relacionar a figura de imigrantes e seus descendentes, não sendo assim em todos os momentos. Não citar outros grupos é uma maneira de manter a influência de outros grupos distante, mas não é o suficiente para legitimar uma fronteira. Temos que lembrar que a fronteira se cria a

partir das diferenças e não a partir da ausência. Por isso, em diversas vezes era comum ouvir em causos termos pejorativos que ajudavam a manter o distanciamento.

Cabe lembrar que, muitas vezes, as coletividades mantêm certos costumes que nem sabem da onde vêm, não conhecem sua gênese, mas mesmo assim consideram-nos tradicionais. Exemplos são as representações coletivas descritas no capítulo anterior, que muitas pessoas seguem, mas não sabem de onde vêm, onde nasceu, porque nasceu, mas que servem para identificar os componentes do grupo.

Com os termos pejorativos acontece a mesma coisa, muitos deles podem ter nascido de uma confusão, envolvendo indivíduos de grupos diferentes e acabam por se tornar um mecanismo de diferenciação. Os poloneses, por exemplo, eram chamados de polacos, mas era comum que os ucranianos os relacionassem como negros, pois esses eram todos os que não fossem ucranianos.

Segundo o senhor Miguel Patyk, os ucranianos hostilizavam os que não faziam parte de seu grupo:

Nóis não podia nem passar perto deles no baile, eles já vinham provocando. Falavam em ucrâino, a gente não entendia nada. Os fio do Seu Dionísio eram os pior deles, diziam que lugar de polaco era junto cos porco. Mas nem todos eram assim. Nóis vizinhava com uma família que ajudava nóis sempre que nóis precisava, eles eram gente boa.⁶³

Em certas linhas esse preconceito é ainda mais evidente, como é o caso da Linha Ligação que fica a 50 quilômetros da sede. Mas isso tem uma explicação, visto que, essa é a linha que fica mais próxima do maior núcleo polonês no município, a Linha Jaciaba. Os conflitos entre poloneses e ucranianos nessa região são constantes, pois a proximidade fez acender as diferenças existentes entre esses dois grupos ainda em território europeu. Muitos dos descendentes nem sabem onde nasceu a “raiva” para com os poloneses, mas mesmo assim

⁶³ Entrevista concedida no dia 24 de maio de 2006.

carregam esse sentimento, que transcende as gerações. O próprio nome da linha tem um tom de preconceito, pois os ucranianos dizem que o nome é Ligação porque liga os poloneses com a civilização.

Poloneses, “brasileiros” e seus descendentes se vêem (ou pelo menos dizem) cercados por ucranianos por todos os lados, e sentem-se obrigados a compartilhar da cultura deles. Diz Miguel Patyk:

Eles sempre eram maioria, nós não podia fazer nada, iscuitava e passava direto, nem oiava. Tinha que iscuitá a música deles e nem dançá com as fia e as irmã deles podia. Tinha que fica bem quieto. Por isso nós nem ia muito nas festa deles. Até quando as festas eram nossas eles vinham pra arranja briga, sempre tinha um valentão que queria manda na festa e sempre dava confusão, mas daí não, quem saía corrido de lá eram eles. Eu não me metia muito porque senão tinha que corre deles o ano inteiro, já que pra onde ce óia aqui tem ucrâino.⁶⁴

Dentre os “brasileiros” o que mais desagradava no convívio com os ucranianos e seus descendentes era o uso da língua, pois esses falavam em ucraniano em todo o lugar. Descreve o Senhor José Amaral:

Todo o lugar que gente vai tem um falando em ucrâino: é no açougue, no mercado, no boteco. Acho que eles ficam falando mal da gente, não tem outra explicação, porque não falam em português? Será que eles não sabem que não tão mais na Ucrânia? Se querem falar em ucrâino que vão pra lá. Pior de tudo que até pra trabalhar no comércio tem que saber falar em ucrâino, porque senão vem os colono e só querem falar na língua deles, então, pra trabalhar também tem que ser ucrâino, daí os nossos filhos tem que sair daqui pra arranjar emprego. Daqui a pouco só tem ucrâino aqui nessa cidade. Por isso que não vai pra frente.⁶⁵

Percebemos nessa passagem um tom mais pesado em relação aos ucranianos e seus descendentes. Tentando resguardar seus valores os ucranianos mantêm vivas suas representações que acabam por limitar a

⁶⁴ Idem

⁶⁵ Entrevista concedida no dia 23 de abril de 2006

participação de outros grupos na vida social em Prudentópolis. Eles ostentam sua cultura e a partir dela limitam suas fronteiras.

Temos que perceber, porém, que os “pré-conceitos” existentes entre esses grupos fazem parte do imaginário coletivo de cada um, e isso não é uma construção rápida, ela tem sua gênese lá em território europeu, nas disputas identitárias de poloneses e ucranianos pela hegemonia de território, pelo sentimento de raiva em relação ao “outro” que subjugou suas famílias, e esse imaginário foi transferido para Prudentópolis e continua vivo entre as gerações. As gerações que seguiram à imigração não sabem ao certo porque “perseguem” os indivíduos de outros grupos, apenas o fazem, como seus pais faziam, como seus avós faziam e passaram para eles. Vale lembrar, novamente, que esse preconceito não age de maneira totalmente consciente, pois os componentes de um grupo, no caso ucranianos, apenas seguem os mecanismos de identificação que o seu grupo exige. Dessa maneira, o preconceito é inevitável, ele é o limite da fronteira, que pode ser percebido nas mais simples manifestações, como se dirigir à igreja, por exemplo. Descreve o senhor José Amaral:

A nossa igreja ficava a duas quadras da deles e era muito engraçado, já que a gente se encontrava no caminho. Agora mudou um pouco, mas até um tempo atrás ia um para cada lado da rua, de um lado vinham os ucranianos, do outro ia os “brasileiros” nem se cumprimentavam, pareciam inimigos.⁶⁶

Tanto poloneses quanto “brasileiros” não gostavam de freqüentar a missa ucraniana, visto que ela era rezada toda no rito oriental. Os padres de costas para os fiéis e rezando a missa toda em ucraniano. Os “brasileiros” não entendiam nada e não freqüentavam mais as igrejas, preferiam levantar mais cedo e se deslocar quilômetros até outra comunidade, onde a missa era rezada, pelo menos uma parte em português.

Quanto as escolas os poloneses e brasileiros, no início, também tiveram dificuldades. Os ucranianos sempre valorizaram a educação, então os padres e

⁶⁶ Idem

as irmãs mantinham escolas na região. Mas o problema era o seguinte: eles exigiam que as crianças falassem o ucraniano, sendo que o português era uma segunda língua. Lembramos, porém, que isso não ocorreu por simples preconceito para com os demais moradores da colônia, mas porque os padres que vinham da Ucrânia não sabiam direito o português e por isso não o ensinavam, preferiam o ucraniano. Isso não era visto dessa maneira pelos outros grupos que se viam perseguidos, no caso dos brasileiros, em sua própria terra.

As imagens do “outro” são formuladas a partir desses contatos, dessas desavenças, isso faz com que o conflito identitário aumente, visto que cada geração carrega consigo tanto a imagem que seus pais tinham do “outro” quanto a imagem que eles criam.

Nesse caso, o tipo ideal, tanto para “brasileiro” quanto para poloneses, será o oposto do tipo ideal ucraniano. Eles serão contrários a tudo o que os ucranianos fizeram, mesmo que para isso tenham que formular uma imagem dos ucranianos, contrária à que eles apresentam.

Um exemplo é um caso pitoresco que extrapola e macula a imagem da família ucraniana que, de um modo geral, se mantêm dentro de uma conduta correta no que diz respeito às leis do sagrado matrimônio. Esse caso é conhecido por descendentes poloneses que continuam contando para seus filhos, quando esses atingem idade de entendê-lo.

Esse é mais um caso ocorrido em Prudentópolis e que é tido por todos que o contam como uma história verídica e, por isso, todos escondem os verdadeiros nomes das personagens dessa história, e só dizem que aconteceu entre famílias ucranianas. Fazem isso por um motivo que chega a ser óbvio, e isso será conferido com o desenrolar desse engraçado caso.

O fato (se fato é) ocorreu numa comunidade rural, e segundo os relatos recebidos, é de total veracidade. Estou vendendo o peixe pelo preço que comprei, sem responsabilidades, já que tenho minhas dúvidas e precauções. Vamos dar um pseudônimo aos nossos personagens.

Figuram os casais Tibúrcio e Marica, e Petruccio e Veronka. Eram compadres entre si, com é de costume do local.

Para virem até à cidade eles gastavam muitas horas, já que moravam longe da estrada principal, e tinham de caminhar várias horas e percorrer muitos quilômetros até chegar a ele, e o próprio ônibus que pegavam na “rodovia” demorava um certo tempo para chegar ao seu destino.

Estando a esposa de Tibúrcio em dieta de parto, ou de quarentena, como se diz vulgarmente, percebeu que o marido estava impaciente, nervoso, implicante e ranzinza, deu logo de dar um jeito de acalmá-lo, pois não agüentava mais ele daquele jeito. Como era ela que cuidava do dinheiro, pois era de costume da região que a mulher cuidasse das operações comerciais, e elas eram quem davam a última palavra nos negócios, tratou logo de pegar um dinheirinho que tinha de reserva e deu ao seu marido dizendo que ele poderia gastar tudo com a mulherada, pois se fosse pra ficar daquele jeito ele que fosse. Não perdendo tempo, já que há muito tempo estava numa seca danada, pegou o rumo da cidade. O sol ainda estava alto, mas estava próximo da hora de se retirar, e anunciar o término do dia.

Antes mesmo do sol se esconder, Tibúrcio já estava de volta na casa, causando espanto na esposa, pois ela só o esperava altas horas da noite, e pelo próprio trecho que ele teria que percorrer até a cidade não daria tempo para que ele tivesse terminado a sua tarefa. Então ela perguntou a ele.

- Ocê já ta de vorta? Não foi a cidade? Perguntou ela.

Tibúrcio ainda meio assustado, porém simplório e movido por um certo orgulho Dom Juanesco, contou à esposa sobre o ocorrido.

- Non Marica. leu non fui a cidade proque non foi preciso. leu tava indo pra cidade quando passei na frente da casa do compadre Petruccio, e a comadre me perguntô onde eu tava indo, e eu resorvi logo contá a verdade. Comadre intão disse: - “Pra que vai na cidade tão longe? Vem cá toma um chimarrão e quem sabe ieu de o remédio que o compadre necessita”.

Já de vereda cheguei. Compadre non tava em casa, foi na roça. A comadre fez chimarrão, conversemo muito e intão a comadre me mando ir pro quarto, que

ia se lava um pouco mas logo ia da o remédio pra mim. Comadre vem dá remédio pra mim e só cobra dois mil cruzeiro. Aqui está o troco.

Aterrorizada com o acontecido, Marica senta-se no banco de madeira, e num desabafo de indignação falou:

- A comadre teve a coragem de fazer isso, eu não acredito. Ela fez e cobra dois mil cruzeiro. Mais isso é um desaforo. Quando ele tava de dieta, quantas vezes eu tá servindo o compadre e não cobrar nada.

Este caso foi contado de diferentes maneiras por três pessoas sendo uma delas descendente de poloneses e duas que se definem como “brasileiros”.

Fica claro que a tentativa aqui é a de macular a imagem do imigrante ucraniano, pois dessa forma eles poderiam ser diferenciados do “tipo ideal” que os outros grupos idealizavam e desse modo criando diferenças. A hegemonia ucraniana em Prudentópolis sempre se valeu da ostentação de sua cultura, pois em todas as festas populares e cívicas lá estavam os ucranianos e seus descendentes mostrando o que eles têm de melhor, o que deve ser passado para todos.

FIGURA Nº 07 DESCENDENTES EM DESFILE CÍVICO



Fonte: Acervo do Museu do Milênio – Prudentópolis-Pr

Isso nem sempre (quase nunca) era bem visto pelos descendentes dos outros grupos que diziam que não havia necessidade de fazer as crianças se “fantasiarem” para ir a esses festejos. Como conta José Amaral:

era só de metido que eles fazem isso, não tem precisão alguma, vê se aparece algum polaco ou alemão vestido assim, não, é só os ucrâino, sempre querendo se mostrá. Vestem as coitada das crianças que não devem nada. Se tem saudade volta pra lá, nós não queremos saber de dança, música, eles que fiquem com isso lá pra eles.

Os termos pejorativos estão presentes em quase todos os depoimentos, e o sentimento de pertencimento, de aceite às representações coletivas do outro grupo não está presente nos discursos de poloneses e “brasileiros”. Esses não aceitam a hegemonia cultural ucraniana, mantêm, muitas vezes, o sentimento de desprezo por essas representações, bom como o desprezo por aqueles que as mantêm como tradicional. Ser “brasileiro” e polonês entre ucranianos é ter que compartilhar, mesmo que involuntariamente, dos usos e costumes dos ucranianos e seus descendentes, que os “impõem” no dia-a-dia da população.

4.2 SER UCRANIANO ENTRE POLONESES E “BRASILEIROS”

As dificuldades de relacionamento e de sociabilização não é algo recorrente apenas aos poloneses e “brasileiros”. Os ucranianos e seus descendentes também se viam perseguidos por esses grupos. Viam-se perseguidos principalmente pelos que detinham o poder político do município, que na maioria das vezes eram os “brasileiros”, grandes latifundiários, que conheciam pessoas influentes no governo do Estado e que, conseqüentemente, conseguiam o maior número de votos nas eleições, mesmo os ucranianos sendo maioria. De acordo com os ucranianos (constatado em entrevistas), eles não se organizavam para tentar colocar um deles no poder, e além do mais as colônias estavam muito distantes uma da outra, dificultando o contato entre eles. O que eles queriam era trabalhar, tirar o sustento da terra, e não prejudicar ninguém, mas se consideravam prejudicados. Segue o relato da senhora Francisca Primak:

Ninguém queria cascaíá as nossa estrada, quando chovia era um lamaredo só, não dava pra sair de casa. Se queria ir na venda comprar alguma coisa tinha de ir a pé ou de carroça, nenhum carro ia. Meu primo sempre ia falar com o prefeito que sempre dizia que ia arruma, mas não arrumava nada, o cascaio vinha até a casa do Seu Valdomiro (descendente de polonês) e ali parava⁶⁷

O descaso das autoridades do município era notório, as estradas que levavam até as colônias ucranianas eram precárias, e muitas ainda são, sem nenhuma estrutura que facilitaria o transporte dos produtos da região e facilitaria a vida desses imigrantes.

Mas a principal reclamação dos descendentes dos ucranianos é quanto aos termos pejorativos que lhes são atribuídos. Dona Francisca Primak continua:

Os poloneses chamam a gente de ucrâino, mas a gente não gosta, eles fazem isso pra provocar, pra arranjar briga. Pior são os brasileiros que chamam a gente de pocrâino, porque dizem que a gente é uma mistura de polonês e ucraniano, mas a gente não é, a gente é só ucraniano, e temo orgulho de ser. Além do mais eles ficam dando risada do jeito que a gente fala, dizem que ta errado, mas não tá, é assim que a gente aprendeu.

Em relação ao português falado pelos ucranianos, percebe-se uma dificuldade dos descendentes em pronunciar palavras que contêm o dígrafo “rr” como, por exemplo, carro, carroça, carrossel, mas isso ocorre porque na língua ucraniana o som referente ao “rr” não existe, por isso essa dificuldade, que tem até uma explicação genética, pois os descendentes não conseguem extrair esse som, e o que sai são as palavras: caro, caroça e carossel. Essa dificuldade é um prato cheio para poloneses e “brasileiros” que se aproveitam dessa dificuldade de linguagem para atribuir aos ucranianos adjetivos que subestimam a inteligência dos mesmos.

A própria língua ucraniana fazia com que os ucranianos fossem mal interpretados pelos “brasileiros” que passavam adiante o que entendiam das conversas. Um exemplo é o caso do “homem que roncava”, tradicionalmente contado pelos descendentes de brasileiros.

⁶⁷ Entrevista concedida no dia 12 de junho de 2006.

Por causa da escassez da oferta de trabalho que assolava alguns imigrantes, entre outras coisas, em função da dificuldade de comunicação entre ucranianos e os brasileiros, muitos ucranianos viam-se forçados a deslocarem-se para longas distâncias e executarem tarefas diferentes das que estavam acostumados, como corte de árvores, abertura de estradas, construção de pontes, o que os obrigava a ficar por longos meses longe de suas famílias e de seu grupo étnico. Muitas vezes ele topavam com índios e com tropeiros, o que fazia com que eles procurassem um lugar “seguro” para passar as noites. Vale lembrar que o sul do Brasil no século XIX era coberto por densas florestas e não havia hospedarias ou locais para se passar a noite. Muitas vezes era necessário improvisar casas com mato (*conhecidas como tarimbas*) ou até dormir em quaisquer locais que fossem protegidos. O caso descrito passou-se em um “chiqueiro” que serviu, em uma noite, de abrigo comum para tropeiros e imigrantes ucranianos, os quais só podiam comunicar-se através de gestos, pois um não compreendia o que outro estava dizendo. Os porcos faziam muito barulho, indiferentes ao sono de seus inusitados hóspedes.

Havia, entre os ucranianos, um homem chamado Marcos, que no meio da noite, enquanto todos queriam dormir, começou a roncar de tal maneira que comprometia o sono de todos - menos o seu, seu ronco se misturava aos ruídos dos porcos e muitas vezes até sobressaía a esses. Os tropeiros não queriam acordá-lo para evitar qualquer tipo de confusão, pois os ucranianos poderiam não entender o que estava acontecendo, se é que isso era possível. Enfim, um dos imigrantes chamado Gregório gritou-lhe estas palavras em ucraniano:

- Marcos, Marcos ! Tê Stó Raz Hirchei Chuenhi ! que traduzindo para o português quer dizer: *Marcos você é cem vezes pior que esses porcos!*

No dia seguinte o comentário entre os tropeiros era o seguinte :

Marcos, Marcos se você não parar de roncar você vai estourar ! *Devido à semelhança das palavras TÊ STÓ RAZ (você é cem vezes)*

Assim esta pequena história, que dizem ter acontecido há mais de cem anos, nos mostra algumas das muitas dificuldades que os imigrantes ucranianos encontraram nos seus primeiros tempos em solo brasileiro, dificuldades relacionadas com a utilização da língua ucraniana e que ajudou a criar limites nas fronteiras identitárias entre ucranianos, poloneses e “brasileiros”.

Assim como poloneses e “brasileiros”, os ucranianos também se consideravam o tipo ideal de cidadão. Eles eram ordeiros, religiosos, trabalhadores, enfim, tinham todos os requisitos necessários para trazer o progresso que o país tanto necessitava, por isso pensavam que todos deveriam ser iguais a eles.

Vale lembrar que não é intuito desse trabalho determinar qual é o tipo ideal de cidadão que trouxe o progresso para o país, mas perceber como as identidades se confrontam e como, a partir desses confrontos, é criada a identidade cultural prudentopolitana. É através das permanências que podemos perceber isso, pois analisando o que continua vivo no liame das gerações, poderemos perceber qual é a “verdadeira” contribuição de cada grupo étnico na constituição da identidade prudentopolitana.

4.3 (DES)CONTINUIDADE, MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

Com o decorrer de mais de um século de convivência entre ucranianos, poloneses e “brasileiros” é natural que as fronteiras ora que outra se confundam, que os mecanismos de identificação se tornem parecidos, e deste modo as relações interétnicas seja aceitas.

A religião é a grande responsável por toda essa caminhada em busca de uma sociabilização entre os grupos, seja de maneira repressiva ou de aproximação.

Como já havíamos visto anteriormente, a igreja era o refúgio dos imigrantes que não tinham nenhuma representatividade política dentro da terra que os acolheu, então esse papel era desenvolvido pelos padres que traziam da Europa o modelo de cidadão que deveria ser desenvolvido no novo país, que deveria ser

tipo ideal do cidadão. Para conseguir manter esse tipo ideal era preciso criar normas e condutas que “moldassem” esse homem de acordo com o que a igreja pregava, e todos os que fossem diferentes deveriam ser reprimidos.

Esses homens deveriam manter seus costumes trazidos da Europa, pois lá estava a civilização; suas representações coletivas deveriam ser mantidas, pois elas determinariam as fronteiras desse grupo. Sempre temos a noção de que os processos de identificação necessitam de fortes elementos de re-apresentação, como um sobrenome, um tipo físico, a língua, mas esquecemos, às vezes, que esses processos podem ser feitos a partir de gestos, danças, causos, crendices que muitas vezes condicionam as coletividades a rejeitar aqueles que não compartilham dos mesmos meios de se re-apresentar ao grupo.

O que permanece são os elementos que mais diferenciam um grupo de outro, como uma resistência à homogeneização, o que é de grande valia, pois o grupo assimila o que lhe interessa e rejeita o que não lhe faz sentido.

De acordo com as entrevistas feitas para a compreensão das permanências de algumas das representações de cada grupo, percebe-se que as mesmas não são encontradas em todo o território do município, visto suas extensão territorial, bem como suas diferenças étnicas.

Entre as permanências dos ucranianos está o “korovai”, um pão arredondado e decorado. O korovai vem trazer forças fertilizadoras à vida agrícola do recém casal, que ao partir o pão se compromete a trabalhar junto pelo sustento da família.

FIGURA Nº 08 KOROVAI



Fonte: Acervo do Museu do Milênio – Prudentópolis -Pr

Os ritos natalinos e pascais, descritos em capítulos anteriores também são exemplo de permanência entre os usos e costumes, tanto de descendentes de ucranianos quanto de poloneses, existindo aqui a hegemonia dos primeiros, que mais concorreram para levar a toda a população o conhecimento dessas representações, fazendo que as mesmas se tornassem conhecidas e identificadas por grande parte da população, o que poderá ser visualizado na análise do dados recolhidos em entrevistas.

Mas, na atualidade, as grandes responsáveis pelo processo de sociabilização dos diferentes grupos étnicos de Prudentópolis são as festas populares do município, onde tanto poloneses e “brasileiros” freqüentam festas ucranianas como vice-versa.

4.3.2 Festas populares: Cadê a fronteira?

Por conseqüência da grande devoção da população prudentopolitana, o calendário é “preenchido” com diversas festas religiosas, que são festejadas com um fervor que não pode ser contemplado em qualquer outro lugar do país.

Dentre as mais tradicionais festas religiosas estão: a de São João Batista (descendentes de poloneses), a de São Josafat (ucranianos), e a de Nossa Senhora das Graças (brasileiros).

As festas de São Josafat e de Nossa Senhora das Graças são precedidas de novenas aos respectivos padroeiros. Realizam-se nos dias 12 e 20 de novembro, havendo, além das celebrações, vários festejos em comemoração à data. A festa de São Josafat é a mais tradicional entre os descendentes de ucranianos, mas como se trata de festa, o povo se mistura de tal maneira que não dá pra dizer quem é quem, quem é ucraniano ou não, a não ser por aqueles que não sabem línguas, nas quais as músicas são cantadas. Dançar as kolomeikas todos dançam, com muita alegria, mas sempre escapam frases do tipo:

- “Tinha que ser ucrânico”;
ou então
- “Isso é coisa de negro”;

Essas desavenças dificilmente vão desaparecer, pelo menos não tão cedo, pois a luta identitária continua forte, pelo menos para ucranianos, que vêm sua cultura perdendo espaço para uma identidade global.

Essa disputa se torna ainda mais acirrada porque a festa mais tradicional de Prudentópolis é a de São João Batista, padroeiro da cidade, que advém do costume polonês, e representa a lembrança do paganismo eslavo. A festa de São João Batista ocorre em diversos lugares do mundo, mas em Prudentópolis ela tem certas peculiaridades que a diferem das demais como, por exemplo, foram os “brasileiros” que a trouxeram para Prudentópolis e contaram com os poloneses para difundi-la, em concorrência com a festa de São Josafat, dos ucranianos.

Hoje em dia, a festa de São João Batista é a festa mais popular do município; é comemorada em nove dias, onde são realizadas as novenas, todas elas oferecidas ao padroeiro do município. Logo após as novenas ocorre uma grande queima de fogos, que é patrocinada pelos “noveneiros” da noite. Esses “noveneiros” são geralmente grandes empresários e, às vezes, um grupo de trabalhadores como, por exemplo, o de motoristas de caminhão.

Após essa queima de fogos, todos os que estão reunidos na praça Firmo Mendes de Queiroz⁶⁸ vão apreciar as várias barraquinhas que se estendem pela rua atrás da igreja. Tem barraquinhas de bijuteria, de brinquedos, de comida, dentre outras. Dentro do pavilhão é que acontece o leilão de prendas, que são ofertadas pelos comerciantes da região. Geralmente são: bicicletas, jogos de sofá, guarda-roupas, e muitas outras coisas que servem para atrair as pessoas até o pavilhão, onde se encontra, animando a festa, uma banda local que pode ali mostrar o seu trabalho para a população.

Como já foi dito, cada localidade tem sua igreja e, conseqüentemente, tem seu padroeiro. Por isso são inúmeras as festas populares em Prudentópolis. Quase todo final de semana tem alguma festa acontecendo em alguma localidade do município, contribuindo para a aproximação das fronteiras identitárias dos grupos étnicos, pois ucranianos freqüentam festas de poloneses e vice-versa, sem “quase” nenhum tipo de contratempo.

O título desse item é bem sugestivo, pois nas festas populares a fronteira étnica tende a se dilatar e até a desaparecer momentaneamente, visto que, nesses festejos, é extremamente difícil encontrar qualquer diferença entre a população que ali se reúne. É nessas festas que existe uma aproximação entre a população prudentopolitana, pois são esquecidos todos os pré-conceitos e desavenças interétnicas, fazendo com que o imaginário da população ucraniana e polonesa seja aceito como requisito fundamental para a criação do imaginário do “brasileiro” que já habitava a região, e que tem nos seus usos e costumes e representações coletivas o principal meio de resgate de sua identidade e de transmissão de valores, agora com a contribuição decisiva dos demais grupos.

⁶⁸ O nome da praça é uma homenagem ao fundador do município.

As (des)continuidades referente à cultura desses grupos étnicos estão ligadas à saída de indivíduos do campo a caminho da cidade. Enquanto voltados quase que somente para a família, esses indivíduos compartilhavam no dia-a-dia os valores que a igreja, por exemplo, propunha (impunha) aos mesmos. A proximidade desses usos e costumes fazia com que esses indivíduos tivessem uma facilidade de identificação em qualquer núcleo imigrante da região. Um exemplo é quando um descendente de ucraniano residente em Prudentópolis, que conhece a língua e os usos e costumes do grupo, vai morar em Mallet, Rio Azul ou Ivaí. Esse descendente não terá muita dificuldade em se relacionar com os descendentes dessas cidades. Mas o indivíduo que vai para cidade, geralmente perde um pouco dos traços culturais que o ligam ao grupo.

As análises dos dados recolhidos na entrevistas poderão melhor elucidar as permanências e (des)continuidades das representações coletivas dos grupos predominantes em Prudentópolis bem como mostrar como cada representação foi assimilada pelos demais grupos.

Parte 3: **Análise dos dados**

O presente trabalho foi desenvolvido durante os anos de 2004 a 2006 no município de Prudentópolis, na região Centro-sul do Paraná. A amostra probabilística da área foi extraída de entrevistados da etnia ucraniana, polonesa e dos que não se consideram componentes de nenhum desses grupos, residentes na zona urbana e rural do referido município.

Além desses sujeitos, representantes dos grupos em estudo, houve a participação de pessoas que conheciam o assunto, pessoas idôneas, que indicaram fontes bibliográficas para a pesquisa ou deram depoimentos conforme o que lhes era perguntado.

Para que a entrevista não fosse apenas do tipo de conversação exploratória, de caráter pouco estruturado, foi organizado um roteiro de entrevistas. Certos itens de informação foram selecionados a partir do foco do trabalho, sendo reformulados, algumas vezes, para adequá-la à compreensão do tema.

Foram entrevistados:

- 2 Marcos Panski, agricultor, descendente de poloneses, morador do distrito da Jaciaba, município de Prudentópolis, residente no lugarejo chamado de Rio de Baixo;
- 3 Miguel Patyk, agricultor, descendente de poloneses, morador do distrito de Patos Velhos, município de Prudentópolis;
- 4 José Amaral, comerciante, se considera “brasileiro”, morador da comunidade da Linha Inspetor Carvalho, no município de Prudentópolis;
- 5 Francisca Primak, agricultora, descendente de ucranianos, moradora da linha Piquiri, município de Prudentópolis;
- 6 Valdomiro Zvir, agricultor aposentado, morador da Vila Iguaçu, no município de Prudentópolis

O roteiro de entrevista constou de uma série de itens sobre os padrões culturais e sobre a conservação dos usos e costumes de cada etnia. Esse roteiro procurou ser abrangente, enfocando: mentalidade, significado de usos e costumes e causa de migração dos pais ou avós.

As entrevistas tiveram uma duração de uma hora e meia cada uma, tendo o pesquisador em mente o que pretendia saber, mas deixando o entrevistado falar, pois desse modo poderia perceber as reações do mesmo. As interferências surgiram sempre que a conversa destoava do intuito da entrevista, e em caso de respostas pouco claras, fez-se perguntas verificadoras.

As questões foram feitas verbalmente e os comentários foram anotados à parte. Os comentários, rabiscados às pressas durante a entrevista, foram reproduzidos pelo entrevistador e ajudaram a compor o quadro teórico do texto bem como a identificar quais eram as representações coletivas que mais destacam a influência de cada etnia na formação/transformação do imaginário popular prudentopolitano. A maioria dos entrevistados não permitiu o uso de gravador ou de câmera filmadora e, muitas vezes, o contato só foi possível graças a um intermediador que acompanhou a entrevista e que falava a língua dos imigrantes, como por exemplo, o ucraniano.

Tendo em mãos o conhecimento das principais representações coletivas que servem, muitas vezes, de fronteira identitária, foi elaborado um questionário que contém itens capazes de identificar quais dessas representações se mantêm no liame das gerações. O questionário foi distribuído para pessoas da sociedade prudentopolitana, sendo requisitos: se identificar como ucraniano, polonês ou descendente dos “brasileiros” que habitavam Prudentópolis antes da chegada dos imigrantes; ser imigrante ou nascido no município.

Considerando o questionário satisfatório, foram feitas as cópias necessárias para executá-lo da melhor forma possível e dentro do desejado. Essas cópias foram levadas por boa parte do território prudentopolitano, tomando o cuidado de não favorecer nenhum grupo.

O instrumento está dividido em 3 partes:

- I – Dados pessoais: Idade, residência e grau de estudo;
- II – Dados sobre a família: número de irmãos, residência dos mesmos, número de filhos;
- III – Dados sobre a tradição cultural: língua, religião, festas, trajes, atividades típicas.

Na aplicação dos questionários, o pesquisador trabalhou pessoalmente, acompanhado por uma pessoa da comunidade, para obter contato mais rápido e diminuir a margem de reserva, adotada pelo entrevistado, ante o indivíduo estranho em seu meio.

O questionário foi o mesmo para todos os entrevistados, pois o intuito era perceber as contribuições de cada grupo para a cultura prudentopolitana, e não identificar esses grupos.

O questionário respondido por 12 indivíduos, 4 de cada grupo, proporcionou um corpus textual, percebido e utilizado na composição do corpo desse trabalho, e será resumido e comentado, a seguir, em tabelas.

Atividade Ocupacional

TABELA I		
Atividade ocupacional	Número de Pesq.	%
Do lar	3	25
Lavrador	6	50
Comerciante	1	5
Outros	2	20
Total	12	100

A profissão de lavrador indica uma alta porcentagem (50%), revelando a reduzida presença de indústrias na região e autonomia econômica, resultante também de um sistema de pequenas propriedades agrícolas, de cuja produtividade se ocupa apenas a família, em geral de imigrantes. As demais profissões correspondem aos diversos serviços prestados à comunidade, que são compostos, muitas vezes, por serviços pouco comuns, ou mais especializado. Isso

é resultado, também, do grande número de pessoas que mora na zona rural, somando 70% da população do município.

Número de Filhos

TABELA II		
Nº Filhos	Número de Pesq.	%
De 1 a 4	4	35
De 5 a 8	7	60
De 9 a 12	1	5
De 13 em Diante	0	0
Total	12	100

O número de filhos por família apresenta em primeiro lugar as famílias de 5 a 9 filhos, o que é normal, visto que o sistema agrícola exigia que os trabalhadores rurais utilizassem mão de obra própria, sendo que os filhos ajudavam no cultivo da terra, e quanto maior o número de filhos, maior era o número de trabalhadores que o agricultor teria.

Freqüência a Igreja

TABELA III		
Freqüentam a igreja	Número de Pesq.	%
Freqüentam a Igreja	12	100
Não Freqüentam	0	0
Total	12	100

O número de entrevistados que freqüentam, ou pelo menos dizem freqüentar a igreja chega a totalizar 100%, demonstrando a religiosidade que também é manifestada pela participação em grupos ligados à igreja.

Duração da Festa de Casamento

TABELA IV		
Duração da Festa de casamento	Número de Pesq.	%
Um dia	3	25
Dois dias	3	25
Três dias	6	50

Mais de três dias	0	0
Total	12	100

Os costumes tradicionais e folclóricos continuam, desde a preparação até o final da festa. Estão durando em média 3 dias, dando tempo suficiente para todo o cerimonial, de influência imigrante.

Quanto às tradições do casamento

TABELA V		
Cerimônias	Número de Pesq.	%
<i>Bênção da noiva</i>		
Sim	11	95
Não	1	5
Kolomeikas		
Sim	10	90
Não	2	10
Corovai		
Sim	8	65
Não	4	35
Kolomeikas		
Sim	10	85
Não	2	15
wianowanie		
Sim	2	15
Não	10	85

Percebemos que os elementos que mais se sobressaem são os que representam os ucranianos, mas os elementos poloneses também continuam, em parcela menor, fazendo parte dos costumes prudentopolitanos.

Quanto aos alimentos

TABELA VI		
Alimentos	Número de Pesq.	%
ênção dos Alimentos		
Sim	09	75
Não	03	25
Pêssankas		
Sim	12	100
Não	0	0
Uso do Hrin		
Sim	8	65
Não	4	35
chleb		
Sim	4	35
Não	8	65
zimne nogi		
Sim	2	15
Não	10	85

Também entre os alimentos vemos uma maior contribuição dos ucranianos, lembrando que esse questionário foi praticado entre componentes dos grupos predominantes em Prudentópolis.

Comer alimentos Típicos

TABELA VII		
Quanto a comer alimento típicos	Número de Pesq.	%
<i>Ucranianos</i>	5	45
Poloneses	2	15
Os dois	4	35
Nenhum dos dois	1	5
Total	12	100

Os alimentos típicos ucranianos também são os mais conhecidos e os mais consumidos, visto que 80% dos entrevistados comem, costumeiramente, algum tipo de alimento tradicional dessa etnia. Isso se deve também ao fato de que em todas as festas populares ucranianas a gastronomia se destaca, sendo que muitas pessoas vão até essas festas apenas para comprar esses alimentos, como, por exemplo, o “perohê”.

Quanto ao costume de pintar pêsankas

TABELA VIII		
Costume de pintar pêsankas	Número de Pesq.	%
<i>Costumeiramente</i>	3	30
Muito pouco	2	15
Nunca	7	55
Total	12	100

Percebemos que costume de pintar pêsankas está diminuindo, e isto pode ser explicado pelo fato de que existem pessoas que se profissionalizaram nessa arte, fazendo com que as pessoas que anteriormente juntavam toda a família para pintar uma pêsanka, para presentear um familiar ou um amigo, prefiram comprar e não pintar uma pêsanka.

Quanto à participação e Prática das tradições natalinas

TABELA IX		
Tradições natalinas	Número de Pesq.	%
<i>Koliades</i>		
Sim	6	50
Não	6	50
<i>Diduch</i>		
Sim	9	70
Não	3	30
<i>Roraty</i>		
Sim	2	15
Não	10	85

Quanto a participação e prática das tradições natalinas, as representações que mais se destacam novamente são as ucranianas, principalmente porque os ucranianos fazem questão de repassá-las a todas as pessoas que conhecem, dizendo que esses rituais trazem felicidade e fartura.

Quanto à Nacionalidade de seus pais/avós em documentos

TABELA X		
Nacionalidade/documentos	Número de Pesq.	%
<i>Austríaca</i>	1	5
Polonesa	5	45
Russa	1	5
Ucraniana	2	15
<i>Outras</i>	3	30
Total	12	100

Notamos que o número de pessoas que têm no documento a descendência ucraniana é inferior ao número de descendentes entrevistados. Mas isso se explica pelo fato que muitos ucranianos vieram ao Brasil ora como austríacos, russos e até mesmo poloneses, pois fugiam do cerco no qual a “Cortina de Ferro” os envolvia.

Como mantêm suas tradições culturais e cívicas

TABELA XI		
Manutenção das tradições	Número de Pesq.	%
<i>Através da Igreja</i>	12	100
Através da família	12	100
Através de grupos folclóricos	6	50
Através da escola	4	30
Através do clube	2	15
Total	12	100

Aqui o total chega a mais de 100%, mas isso se justifica pelo fato de que mais de um campo de resposta foi preenchido, mostrando que a igreja e a família são as principais responsáveis pela manutenção das tradições no liame das gerações.

Quanto ao trabalho fora da lavoura

TABELA XII		
Trabalho fora da Lavoura	Número de Pesq.	%
<i>Existe muito trabalho</i>	1	5
Existe muito pouco	4	30
Não existe	7	65
Total	12	100

Os entrevistados acreditam que quase não existem vagas de trabalho a não ser as relacionadas com a lavoura. Isso faz com que os jovens, ou fiquem arraigados às terras de seus pais, ou procurem emprego em outro município, o que causa uma evasão populacional.

Quanto a freqüentar festas populares

TABELA XIII		
Freqüentar Festas populares	Número de Pesq.	%
<i>Ucranianas</i>	3	25
Polonesas	2	15
As duas	7	60
Nenhuma das duas	0	0
Total	12	100

As festas populares são freqüentadas por 100% dos entrevistados, que na maioria das vezes participam de todas as festas que ocorrem nas proximidades de suas casas, sem preconceito em relação à etnia que está organizando a mesma, e muitas vezes compartilhando dos usos e costumes dos mesmos, dançando e se divertindo, comendo e aplaudindo as apresentações folclóricas.

Quanto a se considerar integrante de qual etnia

TABELA XIV		
Integrante de qual etnia	Número de Pesq.	%
<i>Ucraniana</i>	4	33,3
Polonesa	4	33,3
Nenhuma das duas	4	33,3

Total	12	100
--------------	-----------	------------

Mesmo assumindo que compartilham da cultura de outros grupos, quando perguntados, os entrevistadores disseram que se consideram integrantes do grupo étnico a que seus pais pertenciam.

Algumas perguntas foram direcionadas a cada grupo étnico, pois tinham o intuito de perceber por que as fronteiras étnicas mantêm os grupos afastados uns dos outros, numa constante luta sobre o predomínio das representações coletivas e do imaginário popular da região. As perguntas continuaram sendo as mesmas para os grupos, mas direcionadas de maneira diferentes.

Qual era a relação de seus pais/avós para com os imigrantes poloneses ?

TABELA XV		
Relação com poloneses	Número de Pesq.	%
<i>Muito Boa</i>	1	25
Amistosa	2	50
Péssima	1	25
Total	4	100

Os descendentes de ucranianos consideram que as relações de seus pais e avós com imigrantes poloneses eram, na maioria das vezes, amistosas, contaram porém, que seus avós, principalmente, relatavam que os poloneses tinham raiva deles porque eles conseguiam trabalhar nas terras que ninguém conseguia, mas que eles não se importavam com isso, eles queriam era trabalhar, e não arranjar confusão.

A mesma pergunta foi feita para descendentes de poloneses

Qual era a relação de seus pais/avós para com os imigrantes ucranianos?

TABELA XV		
Relação com ucranianos	Número de Pesq.	%

Muito Boa	0	0
Amistosa	1	25
Péssima	3	75
Total	4	100

Já os descendentes de poloneses não pensam ou acreditam na mesma coisa. Para eles, segundo o que seus pais e avós relatavam, o contato para com os ucranianos era muito difícil, pois os mesmo não queriam conversar com quem não fosse ucraniano.

Essa pergunta também foi feita para aqueles que não se consideram integrantes de nenhum desses dois grupos.

Qual era a relação de seus pais/avós para com os imigrantes ?

TABELA XV

Relação com imigrantes	Número de Pesq.	%
Muito Boa	0	0
Amistosa	1	25
Péssima	3	75
Total	4	100

Para os “brasileiros” a relação de seus pais e avós com imigrantes era, na maioria das vezes, péssima. Seus pais contavam que os imigrantes vieram para cá para tomar as terras que eram do “brasileiros” por direito, e além de tudo queriam mandar na região.

Qual é a sua relação com os descendentes de poloneses?

TABELA XVI

Relação com descendentes	Número de Pesq.	%
Muito Boa	3	75
Amistosa	1	25
Péssima	0	0
Total	4	100

Os descendentes de ucranianos consideram suas relações com os descendentes de poloneses muito boa, não tendo nenhum tipo de reclamação. Eles se dão bem com seus vizinhos e até têm amigos muito próximos que descendem dessa etnia.

A mesma pergunta foi feita para descendentes de poloneses.

Qual é a sua relação com os descendentes de ucranianos?

TABELA XVI		
Relação com descendentes	Número de Pesq.	%
<i>Muito Boa</i>	1	25
Amistosa	2	50
Péssima	1	25
Total	4	100

Mesmo em uma porcentagem menor, podemos notar que ainda existe um sentimento de hostilidade de descendentes de poloneses em relação a ucranianos.

Qual é a sua relação com os descendentes de imigrantes?

TABELA XVI		
Relação com descendentes	Número de Pesq.	%
<i>Muito Boa</i>	1	25
Amistosa	2	50
Péssima	1	25
Total	4	100

Para os que se consideram descendentes de "brasileiros" a situação se aproxima muito com a encontrada na tabela anterior, sendo que ainda existe uma desconfiança para com os descendentes dos imigrantes que chegaram a Prudentópolis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter completado o estudo sobre a formação/transformação da identidade prudentopolitana, bem como dos primeiros moradores, de diferentes origens, algumas considerações são possíveis.

Primeiramente percebemos que os imigrantes, que para Prudentópolis vieram, tinham como objetivo fugir dos problemas sociais, econômicos e políticos enfrentados em seu país de origem. Vindos de um ambiente de intrigas, opressão, perseguição religiosa, obtiveram no Brasil, graças ao apoio de sacerdotes, religiosos e líderes leigos, um crescimento acentuado em sua maneira de viver, “liberdade” cultural e religiosa, bem como, em medidas variáveis, sua valorização como ser humano, objetivo almejado ao emigrar de sua terra natal. Para esse resultado contribuiu a “liberdade” dada ao imigrante pelo governo brasileiro.

Já em terras brasileiras, o principal núcleo preservador da cultura dessas etnias, ucraniana e polonesa, ainda é a igreja, permanecendo ritos e celebrações, por meio de cânticos, rezas e até mesmo pela maneira de se cumprimentar. O apostolado da Oração e as congregações de jovens são os grandes núcleos desta preservação, pois eles trazem para o seio da paróquia aqueles que demonstram vontade de manter vivos os costumes de sua etnia, sendo que as congregações mantêm vivas as danças, a música, o teatro, participando sempre que exista uma festividade na região e até mesmo fora dela.

O grupo da etnia polonesa residente em Prudentópolis distingue-se nitidamente do grupo ucraniano que, apesar de maioria, não conseguiu, pelo menos não de maneira homogênea e totalizante, impor suas representações coletivas, necessárias para um processo de identificação.

Porém, a assimilação de traços culturais acabou sendo inevitável, ainda mais nos pontos mais afastados do interior, em que descendentes de ucranianos, numa maioria esmagadora, “impuseram” seus valores e seus usos e costumes, sendo isso determinante para que poloneses e “brasileiros” se unissem num mesmo objetivo, o de manter as suas fronteiras identitárias perante os ucranianos.

Cabe lembrar, porém, que o conservadorismo desses grupos não impede, hoje em dia, que seus membros se integrem à vida nacional, participando em igualdade de condições com os outros habitantes do país, da vida em sociedade e ocupando cargos públicos em qualquer esfera administrativa. Isto porque a conservação refere-se apenas a padrões culturais.

O estudo da comunidade imigrante de Prudentópolis foi arrolado de dados históricos, políticos, sociológicos, geográficos, enquanto necessários à compreensão e verificação das hipóteses propostas. Porém, esses enfoques não constituíam o objetivo principal do estudo, sendo passíveis de pesquisas mais minuciosas. No entanto, esses enfoques foram necessários para uma melhor compreensão do estudo em si, pois para pesquisarmos sobre a identidade de determinado grupo temos que ter em mente o que se passou anteriormente com o mesmo, pois o que temos em Prudentópolis não é apenas a formação de uma nova identidade, mas sim a transformação de identidades antigas, de tradições e traduções de identidades.

Os descendentes de ucranianos, em Prudentópolis, ainda mantêm um discurso de superioridade perante as outras etnias, principalmente porque suas representações formam a maior parte do imaginário popular criado no município, imaginário esse criado a partir de uma “imposição” de símbolos e de imagens que compunham e compõem o imaginário coletivo dos descendentes de ucranianos.

Cabe lembrar, porém, que essa “imposição” não se deu de maneira violenta, visto que os componentes do grupo ucraniano apenas valiam-se de seus mecanismos de identificação, muitas vezes pelo medo do “outro”, nesse caso o polonês e o “brasileiro”. Mas existiu sim uma relação de hostilidade e de preconceito em relação aos grupos que correspondiam à minoria, preconceito esse que não tinha uma fundamentação teórica, mas que servia e serve para delimitar fronteiras. Esses limites, com certeza, não são os mesmos, mas ainda existem, tornando “marginalizados” aqueles que não compartilham dos mesmos costumes.

É claro que essa afirmação não vale para todos os descendentes de ucranianos, visto que as fronteiras não aparecem da mesma forma para todos,

ainda mais se pensarmos na zona urbana do município onde as aproximações foram inevitáveis e perfeitamente visíveis. Vale lembrar, também, que eles também sofrem com a hostilidade do “outro”, que não sai de “santo” nessa história, visto que esses também mantiveram e mantêm um certo distanciamento do que os ucranianos têm por tradicional.

A forte e decisiva influência das representações coletivas ucranianas na formação/transformação do imaginário popular prudentopolitano é evidente, mas não são os únicos elementos formadores desse imaginário. Os demais grupos também contribuíram, em níveis variáveis, para a formulação de uma nova identidade, fundamentada em traduções de tradições.

No preenchimento dos questionários, bem como nas entrevistas, observou-se o aspecto do temperamento ucraniano, que desconfiado e reservado em relação a estranhos, muitas vezes se recusava a falar a não ser em sua língua de origem, sendo necessário a ajuda de um intérprete.

O aspecto identitário da sociedade prudentopolitana pode ser objeto de novos estudos, sob diferentes ângulos, visto que não foi a intenção dessa dissertação esgotar e concluir as discussões referentes à identidade formada e transformada do referido município, ainda mais se afirmarmos, enquanto historiadores, que não conseguimos ser “objetivos” em nossas análises, ficando claros nossos posicionamentos quanto aos objetos de estudo.

Prudentópolis tornou-se, em medidas variáveis, em um local de socialização de grupos de imigrantes e de seus descendentes que mantinham uma relação de hostilidade em solo europeu, mas que em Prudentópolis conseguirão, aos poucos, criar laços de relacionamento, visto que, o contato é certo e a assimilação inevitável.

Colocam-se aqui algumas interrogações, resultantes das análises feitas, que servirão para futuras pesquisas, pelo próprio pesquisador ou por outros estudiosos da História:

Terão a igreja, e os padres condições para motivar os descendentes das etnias, ucraniana e polonesa, para o cultivo de seu passado histórico e tradições

após uma assimilação em maior grau de grupo? Que padrões culturais resistirão a essa assimilação?

Enfim, espera-se que essa investigação tenha colaborado com os estudos históricos regionais, principalmente em Prudentópolis, carente de estudos que forneçam subsídios para um melhor conhecimento de sua história, que muitas vezes se confunde com a história de diferentes grupos imigratórios, cuja evolução no processo de assimilação merece pesquisas de profundidade.

Do estudo feito fica evidente que Prudentópolis não se caracteriza por uma população etnicamente homogênea, e nem por uma total hegemonia dos descendentes de ucranianos. Podemos constatar e sentir as tensões que existem entre poloneses, ucranianos e “brasileiros” para manter uma certa homogeneidade em favor da preservação de traços culturais tradicionais. O que temos, na realidade, são grupos integrados e assimilados à sociedade brasileira local, e que interagem com os demais grupos étnicos.

O processo de integração e assimilação naturalmente traz perdas e ganhos aos grupos, frente ao contato com o “outro”, e essa integração cria nova rede de laços e de relações interétnicas, tanto no sentido de constituição social como no sentido de constituição religiosa desses grupos.

GLOSSÁRIO

Bapka: um pão especial servido no natal

Basy: baixo (instrumento musical)

Bramka arcos que enfeitam o caminho da casa da noiva até a igreja

Boisko: local de dança

Boh Predvitchnei: Canção tradicional do natal ucraniano.

Charavare: uma espécie de calça larga.

Chleb: broa

Chustka: lenço-de-cabeça

Diduch: feixe de palha de trigo.

Druchny: damas de honra da noiva.

Druzba e druzbina casal coordenador da festa

Gorset: rendas e bordados

Hailka: cantigas trazidas pelos imigrantes

Klopse: bolinho de carne

Kokhade: músicas natalinas.

Kolacz: bolo da noiva

Kolenda: cesta cheia de frutas e outros alimentos.

Kolomeikas: são cantos populares escritos em versos, tendo como tema principal o amor.

Kosaky: cossacos

Krowa: vaca

Kucharka: cozinheira

Ksiads: padre

Kuthiá: prato natalino preparado com grãos de trigo cozido com mel, semente de papoula, nozes e amendoim.

Musykanti: bandinha

Niech zyja nam: Viva os noivos

Odczepic: véu da noiva

Odczepiny: cerimônia na qual se tira a grinalda da noiva

Oio snip: avô-feixe e é símbolo de fartura.

Oplatek: Pão celeste. Pão benzido e repartido para todos os presentes.

Pasterka: missa do galo

Patacisko: local aonde se plantava batata-doce

Pataty: batata-doce

Péca: é o nome dado a cachorros de pequeno porte que costumam latir constantemente à chegada de um desconhecido.

Pêssanka: Ovos pintados com os quais as pessoas presenteiam umas as outras, desejando-as felicidades e boa sorte.

Pisanka: pintar ovos.

Pierogi pastel de requeijão

Piwo: cerveja caseira

Poprawiny: almoço festivo

Renkowiny: rito da despedida

Rogatywka: boina

Roraty: missa solene com “glória” cantado.

Sfat e druzka: condes e as damas

Staroscina: pessoa da família que saiba vestir a noiva

Sokola: dança parecida com o xote

Swat: Emissário do pretendente.

Swenconka: Frutos benzidos.

Swinia: porco

Toki: carrinho-de-mão

Virá: pequeno cervo encontrado na região.

Wianowanie: entrega dos presentes aos noivos.

Zaporoz’ka Sitch: muralhas onde se cavavam valos e construíam-se bases para os canhões.

Zielonem Gaju: Uma música que segue um estilo parecido com a marchinha

Zimne nogi: geléia de porco

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alcioly Therezinha Gruber de. **A posse e o uso da terra: modernização agropecuária de Guarapuava.** Editora Paraná Memória Momento, Curitiba, 1986.

ABREU FILHO, Ovídio de. **Parentesco e Identidade Social.** Anuário Antropológico. Rio de Janeiro, 1981.

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC.** Rio de Janeiro: FGV, 1989.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de; RENAUX, Maria Luiza. **Caras e modos dos migrantes e imigrantes.** In: NOVAIS, Fernando A (coord.). **História da Vida Privada no Brasil – Império: a corte e a modernidade nacional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ANDREAZZA, Maria Luiza. **O Paraíso das Delícias: um estudo da imigração ucraniana –1895-1995.** Curitiba. Aos Quatro Ventos, 1999.

BACZKO, Bronislaw. **A Imaginação social.** Enciclopédia Einaudi (ed. Portuguesa), Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1985.

BALHANA, Altiva Pilati. **Política imigratória no Brasil, antes e após a proclamação da República.** In: WESTPHALEN, Cecília e BALHANA, Altiva. **Revoluções e Conferências.** Curitiba: SBPH-PR, 1989, p.

BARTH, Fredrik. **"Grupos étnicos e suas fronteiras".** In: POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade, seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth.** São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

BORUSZENKO, Oksana. **Os ucranianos.** 2ª Ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.22. 1995.

_____. **Imigração Ucraniana no Paraná.** In: Anais do VI Simpósio História. Porto Alegre, 1969.

BURKO, Pe. Valdomiro. **A imigração Ucraniana no Brasil.** Padres Brasileiros. Curitiba, 1963.

CAMARGO, Affonso Alves de. **Homenagem do município de Prudentópolis.** Prudentópolis, 1929.

CARVALHO, Cosme Pinto. **Contos: Os que não vi me contaram.** Gráfica Planeta Ltda. Prudentópolis. 1994.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** Estudos avançados.n.11,v.5,1991

_____. **A História Cultural: Entre práticas e Representações.** Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DARNTON, R. **O Grande massacre dos gatos. E outros episódios da história cultural francesa.** Rio de Janeiro: Graal, 1986

DREHER, Martin. **O fenômeno imigratório alemão para o Brasil.** Estudos Leopoldenses, vol. 31, nº 142.1995.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral.** São Paulo. Martins Fontes, 1997.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico religioso.** São Paulo. Martins Fontes, 1991.

ERIKSEN, Thomas Hylland. **Ethnicity & Nationalism.** Anthropological Perspectives. London, Pluto Press. 1993

FENTRESS, James & WICKHAM, Chris. **Memória Social.** Teorema. Lisboa 1992.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas,** Rio de Janeiro : LTC Editora, 1989.

GERTZ, René Ernaini. **RS: Imigração e colonização.** 2ª. Ed. – Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história/** Carlo Ginzburg; tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Neonila Demczuk. **Prudentópolis, sua terra e sua gente.** Prudentópolis. 1972.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

- HANICZ, Teodoro. **Religião, rito e identidade**. PUC. São Paulo, 1996
- HOBBSAWM, E; RANGER, T. (orgs). **A invenção das tradições**: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984
- HORBATIUK, Paulo. **Imigração ucraniana no Paraná**. 1ª ed. UNIPORTO. Porto União, 1989.
- IVANCHICHEN, Claudete. **“A imigração ucraniana”, da Ucrânia a Prudentópolis-Pr**. Unipar. Cascavel-Pr, 2002.
- IVANSKI, Edivete Maria. **Os primeiros guarapuavanos de origem ucraniana**. Unicentro. Guarapuava–Pr, 1999.
- KLEIN, Herbert S. **Migração Internacional na História das Américas**. In: FAUSTO, Boris. **Fazer a América**. 2ª Ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.
- KORCZAGIN, Elvira. **Colonização prudentopolitana**. Gráfica Planeta Ltda. Prudentópolis. 1998.
- KUSMA, Rita. **Ritos tradicionais de casamento nas comunidades ucranianas do interior de Prudentópolis: 1920-1930**. Unicentro. Guarapuava – Pr, 2002
- LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia Geral**. 5ª ed. Editora Globo. Porto Alegre, 1970.
- LAPLATINE, François; TRINDADE, Liana Sálvia. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros passos, 1997
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura. Um conceito antropológico**. Zahar. Rio de Janeiro, 1993.
- LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- LÉVI, Geovanni. **A Herança Imaterial**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2000.
- MAESTRI, Mário. **Os senhores da serra: a colonização italiana do Rio Grande do Sul 1875-1914**. 2ª Ed. Paso Fundo: UPF, 2001

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1937

_____. **Quantos somos e quem somos Dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná**. Empresa Gráfica Paranaense. Curitiba, 1941.

MAURO, Frédéric. **História Econômica Mundial 1790-1970**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973

OLIVEIRA. Roberto Cardoso de. . **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira & Identidade Nacional**. São Paulo, Brasiliense. 2ª ed. 1986.

OZAN, María Elena Rodríguez. **El imigrante europeo: 1839-1930**. In. ZEA, Leopoldo. **América Latina em sus ideas**. 1ª ed. México: Século XXI, 1986

PASTUCH, Agostinho. **Ucranianos em Prudentópolis**. Prudentópolis. 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **500 anos de América: imaginário e utopia**. Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS, 1992.

PIMENTEL, Gláucia Meister. **Esses maravilhosos imigrantes, nossos avós....** Tuiuti-Pr. Curitiba, 1998.

PATLAGEAN, Evelyne. **A história do Imaginário**. In: GOFF, Le. A Nova História. São Paulo 1994.

RAMOS, Odinei Fabiano. **Prudentópolis: contos, causos e símbolos**. Unicentro. Guarapuava 2003.

REVEL, Jacques (org) **Jogos de Escalas**. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROCHA – TRINDADE, Maria Beatriz. **A Emigração Portuguesa no Quadro das Migrações Internacionais**. In: Sociologia das Migrações. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da Alteridade**. Universidade de São Paulo, 1998.

- SCHINEIDER, Cionara. **Os rituais do Ciclo Natalino. A identidade renovada entre os camponeses ucráino-brasileiros.** UNB. Brasília, 2002.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- SEYFERTH, Giralda. **Imigração, Colonização e Identidade Étnica.** Revista de Antropologia, São Paulo, nº 29, 1986.
- TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração.** Passo Fundo: EDUCS, 2004.
- TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros. A reflexão francesa sobre a diversidade humana.** V.1. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1993
- THOMPSON, E.P.. **Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.
- TRUDA, F.de Leonardo. **A colonização Alemã no rio Grande do Sul.** Typographia do Centro. Porto Alegre, 1930.
- WACHOWYCZ, Rui Chistovam. **História do Paraná.** Ed. Professores. Curitiba, 1967
- WINHARSKI, Noeli. **Prudentópolis 1915-1950: Uma história através da memória.** Unicentro. Guarapuava 2004
- WOUK, Miguel. **Estudo Etnicográfico-linguístico da Comunidade Ucraniana de Dorizon.** Editora Projeto. Curitiba, 1981.
- ZAWADZKI, Lídia. **O dialeto ucraniano na colônia Tijuco Preto.** Irati, 1998
- ZAROSKI, Nelson Gilmar. **A utilização do tempo pelos imigrantes ucranianos de Prudentópolis: 1940-1960.** Gráfica Prudentópolis, 2001.

FONTES ORAIS

AFYNOWICZ, Mário. **Entrevista concedida ao autor**, 17/03/06. Prudentópolis.

BASNIAK DUPCZAK, Cecília. **Entrevista concedida ao autor**, 19/03/06.
Prudentópolis.

GELINSKI, Marta. **Entrevista concedida ao autor**, 23/05/06. Prudentópolis.

SZPAK , Nicolau. **Entrevista concedida ao autor**, 27/05/06. Prudentópolis.

MENDES, Jocélia. **Entrevista concedida ao autor**, 13/02/06. Prudentópolis.

SILVEIRA, Francisco. **Entrevista concedida ao autor**, 13/01/06. Prudentópolis.

DOVHAN, Antônio. **Entrevista concedida ao autor**, 25/01/06. Prudentópolis.

SZULEK, Boroslau. **Entrevista concedida ao autor**, 25/01/06. Prudentópolis.

WACHOWICZ, Anatólia. **Entrevista concedida ao autor**, 27/01/06. Prudentópolis.

CORDEIRO, Júlio. **Entrevista concedida ao autor**, 25/06/06. Prudentópolis.

RIBEIRO SLOMINSKI, Bruna. **Entrevista concedida ao autor**, 25/06/06.
Prudentópolis.

PANSKI, Marcos. **Entrevista concedida ao autor**, 09/05/06. Prudentópolis.

PATIK, Miguel. **Entrevista concedida ao autor**, 24/05/06. Prudentópolis.

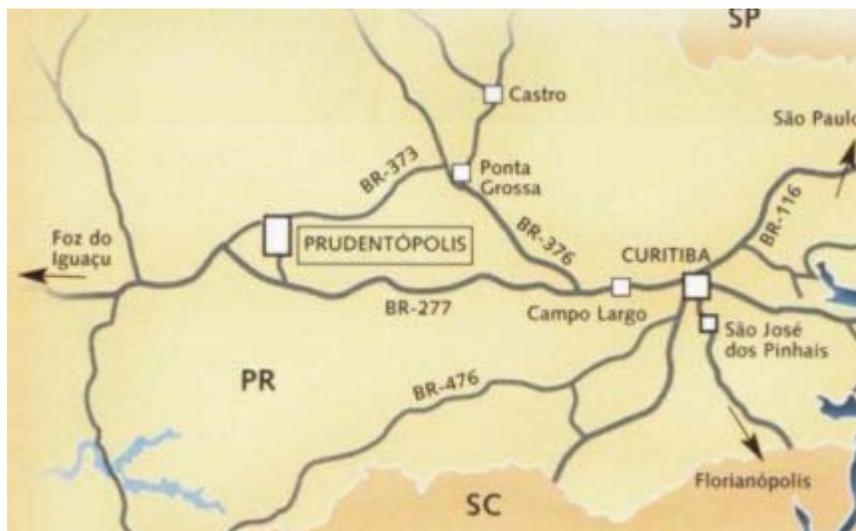
PRIMAK, Francisca. **Entrevista concedida ao autor**, 12/06/06. Prudentópolis.

AMARAL, José. **Entrevista concedida ao autor**, 23/04/06. Prudentópolis.

ANEXOS

ANEXO 1
LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO

ESTADO DO PARANÁ- MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS



ANEXO 2
PERFIL DOS ENTREVISTADOS

INFORMAÇÕES DO ENTREVISTADO

1. Sobrenome: WACHOWICZ Nome: Anatólia
2. Idade: 19 anos
3. Profissão: estudante
4. Estado Civil: solteira
5. Local de nascimento: Linha Piquiri – Prudentópolis
6. Local de residência: Prudentópolis
7. Tempo de residência: 19 anos
8. Origem da esposa/marido:
9. A que etnia pertence: polonesa
10. A que etnia pertence sua esposa/marido:
11. Local de nascimento dos pais
A) Pai: Linha Piquiri B) Mãe: Linha Cachoeirinha
12. Local de nascimento dos avós:
A) Avô: Imbituva-Pr B) Avó: Polônia

Com seus 19 anos, a jovem diz que ajuda a mãe a fazer as comidas polonesas nos dias de festa, mas que não sabe falar o polonês, a não ser algumas saudações. Diz também que nem os seus pais sabem, mas que cultivam os usos e costumes trazidos pela avó paterna.

ANEXO 3
QUESTIONÁRIOS

Entrevista	Data: / /2006
Nome:	
Data de Nascimento:	
Local de Nascimento:	
Ocupação:	
Nome dos Pais:	
Ocupação do Pai:	
Ocupação da Mãe:	
Irmãos:	
Filhos:	
Residência Endereço:	
Religião:	
Qual a sua naturalidade?(Você se considera mais brasileiro ou mais ucraniano) Justifique.	
Quem de sua família é ucraniano de origem? (quem imigrou para o Brasil).	
Como você imagina a Ucrânia?	
O que seus pais e seus avós contava sobre a chegada de seus descendentes ao Brasil. Qual era a relação com as outras etnias (poloneses, “brasileiros”).	

Você mantém os costumes de seus antepassados? Quais?

Você conta para os seus filhos ou parentes as histórias contadas pelos seus pais e avós?

Entrevista	Data: / /2006
Nome:	
Data de Nascimento:	
Local de Nascimento:	
Ocupação:	
Nome dos Pais:	
Ocupação do Pai:	
Ocupação da Mãe:	
Irmãos:	
Filhos:	
Residência/ Endereço:	
Religião:	
Qual a sua naturalidade?(Você se considera mais brasileiro ou mais polonês) Justifique.	
Quem de sua família é polonês de origem? (quem imigrou para o Brasil).	
Como você imagina a Polônia?	
O que seus pais e seus avós contava sobre a chegada de seus descendentes ao Brasil. Qual era a relação com as outras etnias (ucranianos, “brasileiros”).	

Você mantém os costumes de seus antepassados? Quais?

Você conta para os seus filhos ou parentes as histórias contadas pelos seus pais e avós?

QUESTIONÁRIO

Entrevistado (a):

Tema: **Manutenção de traços culturais**

1. Nasceu em Prudentópolis?

() Sim () Não

Que Lugar? _____ Que ano? _____ Profissão: _____

2. Você é descendentes imigrantes?

() Sim () Não

Ucranianos () Sim () Não

Poloneses () Sim () Não () Nenhum dos dois

3. Em que ano seus pais (avós) vieram para o Brasil? _____

4. Em que anos chegaram a Prudentópolis? _____

5. Residiam em que lugar da Europa? () Ucrânia () Polônia () Rússia

6. Qual a nacionalidade que seus pais (avós) traziam em seus documentos?

() Austríaca () Polonesa () Russa () Ucrânia () Outras

7. Profissão de seu pai:

() lavrador () comerciante () outro

8. Quantos filhos tiveram?

() 1 a 4 filhos () 5 a 8 filhos () 9 a 12 filhos () de 13 em diante

9. Seus irmãos moram todos no município de Prudentópolis?

() Sim () Não

10. Você sabe em sua língua de origem?

() Ler () Falar () Escrever

11. Você frequenta a Igreja da sua etnia?

() Sim () Não

12. Você pertence a algum movimento da Igreja como:

() Apostolado da Oração () Legião de Maria () Congregação Mariana

() Nenhum

13. Na época do Natal, você participa ou participou de Koliades?

() Sim () Não

14. do Diduch?

Sim Não

15. A festa de casamento dura quantos dias

1 dia 2 dias 3 dias Mais de 3 dias.

16. Na celebração do casamento usam:

- Benção Especial para a noiva? Sim Não

- Corovai? Sim Não

- Kolomeikas? Sim Não

- Wianowanie? Sim Não

17. O que lembra a Páscoa:

Pêssanka Benção de alimentos Krin chleb zimne nogi

18. Você sabe cantar canções na língua de origem de seus pais (avós)?

Sim Não

19. Seus filhos falam a língua de origem de seus pais (avós)?

Sim Não

20. Seus pais (avós) tinham vizinhos ucranianos, poloneses, brasileiros (conforme ocasião)?

Sim Não

21. Como eram suas relações?

Boa Amistosa Péssima

22. O senhor(a) tem ou tinham vizinhos ucranianos, poloneses, brasileiros (conforme ocasião)?

23. Como eram ou são suas relações?

Boa Amistosa Péssima

24. na sua opinião os descendentes de sua etnia mantêm suas tradições culturais e cívicas?

Sim Não

25 – Através da:

Igreja Família

26 – Havia trabalho fora do serviço da lavoura?

Sim Não

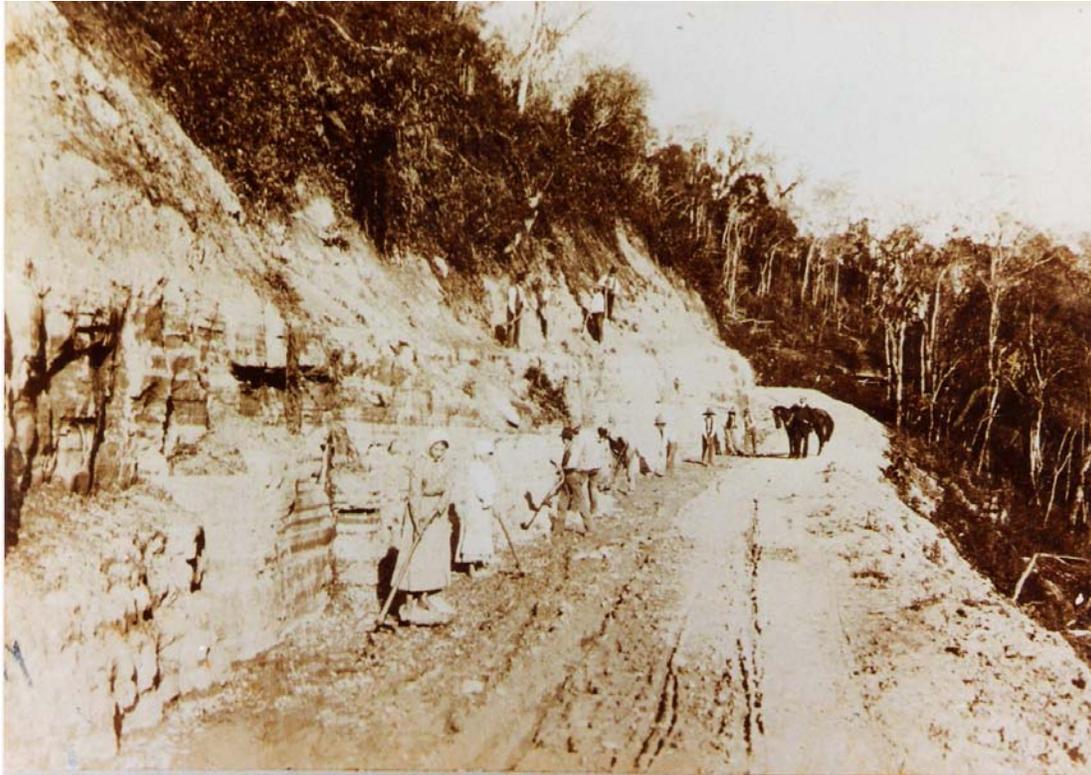
**ANEXO 3
FOTOS**



Barracão de hospedagem de imigrantes.



Primeiras picadas



Abertura das primeiras estradas da colônia



A caminho da roça



Casamento de imigrantes



A Igreja e a devoção



Barraca dos primeiros imigrantes



Casa ucraniana no início do século XX



Tradicional casa ucraniana



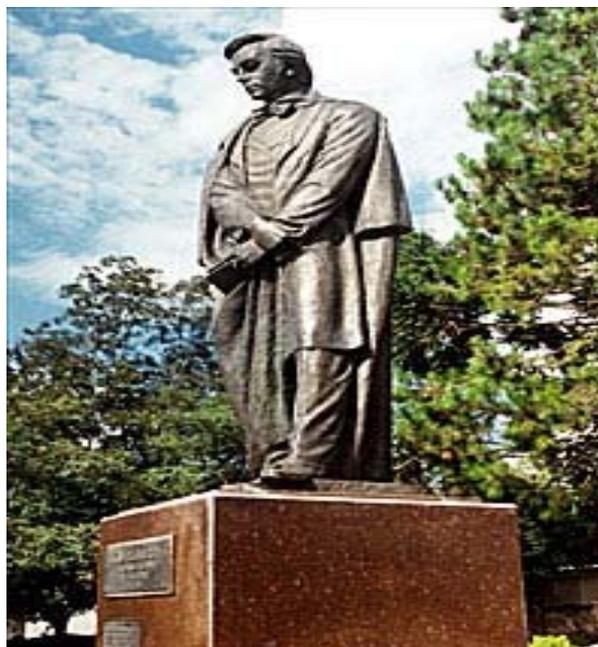
Memória imigrante



Religiosidade



Igreja São Josafat



Estátua de Taras Chewtchenko



Visita do Bispo Dom Efraim Krevei



Banduristas



Arte de pintar Pêssankas